# FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 102 ★ Nº 33.936 QUARTA-FEIRA, 2 DE MARÇO DE 2022 R$ 5,00


# Rússia ataca cidades-chave da Ucrânia

## Bombas destroem torre de TV no centro de Kiev e prédio do governo em Kharkiv; Putin prepara ofensiva mais destrutiva

Vladimir Putin intensificou o bombardeio às maiores cidades da Ucrânia, Kiev e Kharkiv, no que analistas apontam o prenúncio de uma ofensiva militar mais destrutiva contra o país vizinho.

Após erro inicial de estratégia do Kremlin, bombas destruíram ontem, entre outros alvos, a principal torre de TV da capital, no centro da cidade, e um prédio do governo em Kharkiv, matando civis.

Os russos miram ainda a defesa antiaérea ucraniana, e o objetivo de aniquilá-la parece perto de sua conclusão dado o pedido ucraniano à Otan, aliança ocidental, por uma zona de exclusão aérea.

"A degradação das forças ucranianas é diária. É matemática", disse Konstantin Frolov, analista político em Moscou. O maior volume da operação impõe dificuldades à resistência ucraniana.

O presidente Volodimir Zelenski, alvo maior de Putin por ora, permanece em Kiev e voltou a exortar a União Europeia. A ajuda prometida pela Otan não tem se materializado rápido o suficiente.

Nesta quarta (2), segundo a mídia local, negociadores dos dois países devem voltar a se reunir na Belarus após um primeiro encontro inócuo. Moscou quer que Kiev se afaste da Otan. **Mundo A8 a A12**

Bombeiro usa extintor nos corpos de duas pessoas mortas em um bombardeio russo no centro de Kiev; o ataque explodiu a principal torre de TV da capital ucraniana Sergei Supinsky/AFP

### China afirma que fará esforços pelo fim do conflito

Sem criticar a ação da Rússia, o chanceler chinês, Wang Yi, prometeu ao da Ucrânia, Dmitro Kuleba, fazer "todos os esforços" para resolver o conflito por meio da diplomacia. A conversa sinaliza mudança de posição do país, aliado do Kremlin. **Mundo A11**

## Sem contar que vai se alistar, pai se despede da família

Programador, Oleksander Kharchenko, 40, se despedia da mulher e dos dois filhos na estação de trem de Lviv, funil para onde convergem os civis em fuga da Ucrânia. Ele diz a **André Liohn** que espera que a família consiga chegar a Chicago, onde têm parentes.

Homens de 18 a 60 anos não podem deixar o país. Kharchenko afirma que ficaria de qualquer jeito. "Claro que não contei a eles que vou combater." **Mundo A12**

**Marcelo Viana**
*Lviv abrigou escola de matemática brilhante* **B6**

**Elio Gaspari**
### *De Getúlio Vargas para Bolsonaro*

Hitler invadiu a Rússia em junho de 1941. Os generais Dutra e Góes Monteiro, meus conselheiros, achavam que a máquina alemã seria invencível na Rússia. Tivesse eu ouvido os dois, estaria frito. Ouça o chanceler. Eu ouvia o Osvaldo Aranha. **Política A6**

**Marcelo Coelho**
### *No faz-de-conta, Putin é vítima*

Os países do Ocidente "encurralaram" a Rússia. Pode ser. A política dos EUA poderia ter sido diferente. Mas lembrar esses problemas agora, quando as tropas invadem a Ucrânia, é o mesmo que dizer, em 1939, que a Alemanha estava encurralada. **Ilustrada B12**

## Restrições a Moscou podem travar comércio

As sanções impostas à Rússia, como retirada de bancos do sistema de pagamentos Swift e congelamento de parte das reservas internacionais, podem inviabilizar o embarque de produtos para o Brasil e até atrasar o desembarque de mercadorias a caminho.

Para especialistas em comércio exterior, maior risco é com remessas de fertilizantes. **Mercado A13**

### Zelenski cobra apoio em fala ao Parlamento da UE

Um dia após pedir oficialmente a entrada da Ucrânia na União Europeia, o presidente do país fez em videoconferência um apelo aos líderes do bloco. "Provem que estão conosco. Provem que não vão nos deixar", disse ao Parlamento Europeu. **Mundo A10**

Pessoas na estação de trem de Lviv, à espera para deixar a Ucrânia; homens de 18 a 60 anos não podem sair do país André Liohn

**Lula visita o México e fala em união da América Latina contra a guerra** Política A7

### Empresas devem formar redes para além do ESG

Para Roberto Waack, da rede Uma Concertação pela Amazônia, esse é o caminho para empresas vencerem desafios, e não a falada agenda ESG (ambiental, social e governança). **A16**

### Bloqueio aéreo impõe atrasos e desvios a russos

Passageiros enfrentam atrasos e desvios, que alongam as rotas, ao embarcar nos aeroportos de Moscou, em voos de companhias como Turkish, que não boicota a Rússia. O espaço aéreo europeu foi vetado aos russos em retaliação pela guerra. **Mundo A9**

**Ilustrada B8 e B9**
'Batman' neonoir acerta ao inovar na mitologia do Homem-Morcego

**Esporte B5**
Messi e Cristiano Ronaldo têm queda no número de gols em ano da Copa

**Marcos Pontes deixará Ministério da Ciência e diz que indicará sucessor**
Ciência B4

**Mensagens de Bolsonaro ao Congresso contém série de promessas**
Política A4

**EDITORIAIS A2**

*Rússia sob sanção*
Sobre impactos na economia do país e para Putin.

*Desigualdades do clima*
Acerca de consequências do aquecimento global.


ISSN 1414-5723
9 771414 572049 33936

**FOLHA DE S.PAULO**

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.



Leandro Assis e Triscila Oliveira

# EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

## Rússia sob sanção

**Medidas tendem a derrubar a economia do país, mas impacto político sobre Putin é duvidoso**

Sanções econômicas dificilmente derrubam regimes ou mesmo autocratas de turno. As retaliações e o isolamento impostos a Coreia do Norte, Cuba, Irã ou Venezuela são exemplos notórios do impacto limitado desse tipo de instrumento de conflito ou punição.

Acreditar que as medidas contra a economia da Rússia possam colocar em perigo iminente o poder de Vladimir Putin é especular contra as probabilidades conhecidas, pois. De resto, parece haver pouco conhecimento acerca do esquema de sustentação do líder russo.

Está evidente, entretanto, o efeito imediato das sanções na economia do país. Os danos serão tanto maiores quanto mais tempo durarem o conflito e as retaliações.

De pronto, a Rússia foi submetida a uma crise de pagamentos externos. O país ficou sem acesso a parte de suas reservas em moeda forte, por decisão de Estados Unidos, União Europeia e aliados.

As autoridades econômicas russas, portanto, têm de lidar com uma crise de confiança ampliada por essa nova restrição, mas com meios reduzidos de fazê-lo.

É difícil evitar uma desvalorização aguda do rublo, o que vai provocar mais inflação. A fim de combater a carestia e o descrédito na moeda, nos bancos e nos títulos de dívida, elevam-se brutalmente as taxas de juros. Tal aperto monetário contribuirá para desaceleração ainda maior da economia.

Os maiores bancos russos foram banidos dos mercados americano e europeu e do sistema principal de pagamentos internacionais. A medida dificulta a realização de negócios, elevando riscos e custos.

Além do mais, empresas e bancos ocidentais temem punições de seus países por burlar as sanções, inadvertidamente. Temem ainda o risco de inadimplência da contraparte russa, sujeita à escassez de moeda forte ou outros óbices.

Assim, cancelam-se operações, o que afeta até o comércio de petróleo ou de grãos, que não foi objeto direto de retaliações. Grandes fretadoras de navios mercantes do mundo evitarão atracar nos portos russos; companhias ocidentais rompem parcerias ou desinvestem no gigante da Eurásia.

O país pode perder até sua fonte restante e contínua de recursos, as exportações, que colocam no azul seu balanço de pagamentos, que lhe rendeu US$ 21 bilhões em janeiro deste 2022 e US$ 120 bilhões em todo o ano passado.

No médio prazo, a escassez de recursos externos e as restrições a compras de alta tecnologia ocidental vão estrangular ainda mais a atividade econômica.

Sem solução ampla do conflito com o Ocidente, o que vai muito além da guerra na Ucrânia, a perspectiva da Rússia é de empobrecimento a perder de vista.

## Desigualdades do clima

**Impactos do aquecimento global são mais letais em países pobres, mostra relatório da ONU**

São decrescentes as chances de a humanidade evitar um desastre planetário decorrente da mudança do clima, cujos desdobramentos já afetam de forma significativa populações e ecossistema inteiros.

O prognóstico emerge da segunda parte do AR6, o sexto relatório de avaliação do IPCC, painel do clima das Nações Unidas —um compilado da melhor ciência produzida sobre o tema, que busca nortear a ação dos governos.

A primeira, anunciada em agosto de 2021, focalizara as bases físicas da alteração climática; a atual concentra-se nos impactos, vulnerabilidades e adaptações.

Conduzida por 270 pesquisadores de 67 nações, a extensa revisão científica descreve um cenário de flagrante desigualdade, em que regiões mais pobres terminam desproporcionalmente afetadas.

Basta dizer que, de 2010 a 2020, a letalidade de secas, inundações e tempestades em áreas altamente vulneráveis, que incluem países da África, Ásia e América Latina, foi de 15 vezes a verificada em nações mais ricas. Além disso, espantosos 40% da população mundial vive em zonas de risco, altamente suscetíveis à mudança climática.

Se a temperatura média do mundo subir 1,5°C na comparação com os níveis pré-industriais (o objetivo do acordo de Paris), até 14% das espécies terrestres correrão risco muito alto de extinção.

Ocorre que a redução de emissões proposta até o momento implica aumento acima de 2,5°C. Nesse cenário, quase um terço da vida sobre a terra pode desaparecer.

E mesmo que o limiar de 1,5°C seja ultrapassado apenas temporariamente, afirma o relatório, uma série de danos graves e irreversíveis deve afetar de ecossistemas à geração de energia, passando pela segurança alimentar e pelo abastecimento de água.

Um dos ecossistemas destacados no relatório é a Amazônia, onde o impacto das alterações do clima se soma ao avanço crescente do desmatamento. Incêndios, desflorestamento e períodos de seca ameaçam transformar parte substancial da floresta numa vegetação de campo, com repercussões deletérias para o agronegócio brasileiro.

Apesar dos reiterados alertas do IPCC e dos efeitos já visíveis do aquecimento global, os compromissos dos países para reduzir suas emissões e a ajuda financeira às nações mais vulneráveis seguem em franco descompasso com a realidade, como se pôde constatar mais na recente COP26.

## Deixem os deuses falar

**Hélio Schwartsman**

Segundo as más línguas, a bancada da Bíblia trocou o fim da resistência à legalização do jogo pela isenção do IPTU em imóveis alugados por igrejas. Segundo as boas línguas, isso é maledicência. Os religiosos continuariam firmes na condenação à jogatina e já teriam até combinado com Jair Bolsonaro um veto presidencial, caso o projeto seja mesmo aprovado. Não sei qual é a versão mais próxima aos fatos, mas devo dizer que há algo na postura dos religiosos que me incomoda.

Entendo perfeitamente que eles sejam contra o jogo. Eu mesmo, por razões estatísticas, não morais, tampouco recomendo às pessoas que apostem a dinheiro, pelo menos não com regularidade. Todas as modalidades de jogo são calculadas para fazer com que seja a banca, não os jogadores, que ganhe quando as interações são repetidas um número suficientemente grande de vezes.

O que não entendo na posição dos religiosos é que eles não fiquem satisfeitos em convencer seus fiéis de que jogar é errado, mas queiram estender a proibição a toda a população e não hesitem em tentar arregimentar o monopólio estatal da violência para fazê-lo.

Não é uma atitude isolada. Os católicos, por exemplo, já se mobilizaram para impedir a legalização do divórcio no Brasil. Tudo bem que considerem o casamento uma união indissolúvel, tudo mal que tenham querido impor essa preferência ética a fiéis de outros credos e a não religiosos.

Não tenho habilitação em teologia, mas não me parece difícil conceber uma religião que incentive o jogo em vez de condená-lo. Abrir um canal para o acaso, afinal, pode ser descrito como uma forma de deixar que os deuses falem.

Vivemos hoje em sociedades densamente povoadas por indivíduos com os mais diferentes backgrounds religiosos e culturais. Nessas condições, a melhor forma de promover a paz social é restringir as leis ao mínimo indispensável e deixar que cada qual escolha a vida que quer viver.

helio@uol.com.br



## Neutralidade pela metade

**Bruno Boghossian**

Jair Bolsonaro fez uma incomum exibição de pragmatismo ao justificar a hesitação do governo brasileiro diante da invasão da Ucrânia. O presidente convocou uma entrevista no meio de sua folga de Carnaval para dizer que o país evitava condenar a guerra por temer retaliações russas no comércio internacional. "Para nós, a questão do fertilizante é sagrada", declarou.

Descontado o excesso de franqueza, a explicação poderia passar a imagem de que Bolsonaro se rendeu a uma diplomacia de resultados. O Brasil depende de fertilizantes importados, e a Rússia é a origem de quase 25% desse material. O presidente, porém, derrapou na ilusão de "neutralidade" com que tentava embasar sua posição.

Bolsonaro poderia proteger os interesses econômicos do Brasil sem endossar um dos lados e ofender o outro. Na entrevista de domingo (27), o presidente disse que não tinha nada a conversar com o colega Volodimir Zelenski e, de forma gratuita, fez pouco caso da carreira pretérita do líder ucraniano. "O povo confiou num comediante o destino de uma nação", ironizou.

Sem nenhuma cautela, Bolsonaro também encampou parte dos argumentos do Kremlin a favor da invasão. Afirmou que "grande parte da população da Ucrânia fala russo" e alegou que Vladimir Putin só estava "se empenhando" em regiões separatistas do Sul do país. Naquele dia, tropas da Rússia já se aproximavam da capital ucraniana.

A devoção aos fertilizantes produziu uma generosidade que contrasta com as birras do presidente com outros países. O bolsonarismo manteve uma política de insultos à China mesmo dependendo de seus insumos para fabricar vacinas. A parceria militar brasileira com a França também nunca impediu o governo de atacar Emmanuel Macron.

Bolsonaro quer dissociar suas atitudes do comportamento da chancelaria brasileira. Enquanto o Itamaraty condena os russos na ONU, o presidente parece contar com uma boa vontade particular de Putin.

## A Fifa é uma graça

**Mariliz Pereira Jorge**

Em 2021, a mexicana Paola Schietekat saiu fugida do Qatar. Funcionária da empresa responsável por obras de estádios e infraestrutura da Copa 2022, a economista foi condenada na semana passada a sete anos de prisão e 100 chibatadas. O crime? Ter sido estuprada. Para a justiça do país ela é culpada por ter tido "relações sexuais extraconjugais". Foi isso mesmo que você leu.

Não é exagero que a ONU considere o esporte como ferramenta para promoção da paz mundial. Cobri a Olimpíada no Rio e a Copa na Rússia e, muito mais do que a competição, os momentos de confraternização entre os povos são algumas das melhores lembranças que guardo. Nunca mais perderei um evento, pensei na época.

Como ir ao Qatar? O caso de Schietekat não é único. Em 2016, uma turista holandesa enfrentou a mesma situação. "Nossa preocupação é que, embora seja um país seguro, a Copa do Mundo —como em qualquer grande evento— inevitavelmente terá um aumento nos casos de violência sexual e o risco de mulheres, fãs de futebol de outros países, se tornarem vítimas duplas", disse recentemente a pesquisadora da Human Rights Watch, Rothna Begum.

As catarianas são propriedade masculina. Pais, irmãos, tios e maridos decidem se elas podem estudar, viajar, dirigir, tirar passaporte ou casar. O governo tem negado que as leis sejam tão restritivas, mas na prática as mulheres ainda dependem dos homens para viver socialmente, mesmo que as regulamentações venham avançando.

Mas e a Fifa? A Fifa é uma graça. De vez em quando a entidade faz de conta que se importa com direitos humanos. Baniu corretamente a Rússia da Copa, posa de aliada da paz mundial, enquanto repete parcerias com ditaduras, faz vista grossa para trabalho escravo, para a falta de liberdades básicas de mulheres e da comunidade LGBTQIA+, para as prisões de críticos do país. Mas vai ter Copa.

## Fôlego curto

**Silvia Matos**

Economista e pesquisadora do FGV IBRE

Na próxima sexta-feira vamos conhecer o resultado do PIB do quarto trimestre e do ano de 2021. De acordo com as previsões do Boletim Macro IBRE, o resultado será positivo. Podemos comemorar? É sinal de retomada da economia brasileira após dois trimestres de contrações moderadas? Infelizmente não.

Em primeiro lugar, já era amplamente previsto um crescimento no último trimestre do ano, pois a vacinação foi a principal alavanca da retomada econômica doméstica no ano passado: o avanço significativo da vacinação, teve repercussões positivas sobre o ritmo e o perfil de recuperação da economia.

Apesar de todos os percalços, o processo de reabertura econômica avançou, sem gerar um aumento no número de novos casos e de mortes por Covid-19. Ao contrário, o avanço da vacinação permitiu uma abertura mais segura da economia, sem que se perdesse o controle da pandemia.

Consequentemente, o processo de normalização da economia seguiu em frente, ainda que com elevada heterogeneidade entre os setores.

De fato, os setores que foram mais afetados pela pandemia cresceram, com destaque para os serviços prestados às famílias. Concomitantemente, porém, o varejo e a indústria apresentam resultados negativos, pois a expectativa era a de normalização da cesta de consumo das famílias, com a volta da demanda por serviços, em detrimento aos bens. Além disso, os serviços públicos também mostraram bons resultados no período, após recuarem muito com a pandemia. Sem surpresas aqui.

Entretanto a nova cepa da ômicron interrompeu temporariamente este processo de normalização setorial, mas as expectativas, pelo menos neste front, continuam favoráveis.

Em segundo lugar, outros fatores contribuíram para aumentar as preocupações com o desempenho futuro da economia. Além dos velhos desafios, o principal fator de preocupação é a inflação, que segue muito elevada e tem surpreendido consistentemente para cima e se espalhado por todos os preços da economia.

A alta inflação, somada ao baixo crescimento da renda e à piora nas condições de crédito, tem efeitos negativos sobre o poder de compra das famílias. Os riscos fiscais se intensificam, gerando mais incerteza. As tensões geopolíticas apenas agravam essa tendência doméstica negativa.

Em resumo, devemos terminar 2021 em torno de 2,5% abaixo da tendência de crescimento pré-pandemia. Apenas relembrado que esta tendência já era medíocre, pois entre 2017 e 2019, a média de crescimento anual foi de apenas 1,4% ao ano. Mas, mesmo sendo um valor muito baixo, nem conseguimos alcançar esta tendência anterior e já perdemos fôlego.

# TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

## *Loterias estaduais: estão brincando com a sorte?*

Falta de definição de regras e parâmetros pode implicar perda de receita

*Gustavo Guimarães*

Doutor em economia e professor no IDP (Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa); ex-secretário de Avaliação, Planejamento, Energia e Loteria (Secap) e ex-secretário especial adjunto de Fazenda, ambos no Ministério da Economia (2020-2022)

Em setembro de 2020, o Supremo Tribunal Federal permitiu aos estados iniciarem ou ampliarem em seus territórios a exploração de serviços lotéricos —abrindo oportunidades para alavancarem novas receitas. Essa oportunidade só será bem aproveitada se seguir as melhores boas práticas internacionais.

Segundo a lei, o montante arrecadado (R) por uma loteria é dividido em três partes: premiação (P); tributos (T); e remuneração da empresa operadora (O) —de tal forma que R = P + T + O. O governo se beneficia dos bons resultados, pois sua parte "T" cresce quando "R" cresce. Assim, lhe interessa a boa performance dos produtos lotéricos.

A arrecadação de loterias no Brasil gira em torno de 0,2% do PIB, em média, enquanto em países similares chega a 1%. Há grande potencial de aumento de receitas. O estado de São Paulo pode arrecadar anualmente até R$ 2,5 bilhões adicionais.

Porém, nem São Paulo nem os demais estados que já iniciaram processos de implementação ou atualização do marco legal, como Maranhão, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Distrito Federal, estão seguindo as melhores práticas internacionais.

Na Europa, nos EUA e no governo federal (lei 13.756/2018), a distribuição do arrecadado (R) é definida em lei. No mínimo, deveriam definir a participação percentual do governo. Essa prática é essencial para a segurança jurídica do operador (ao planejar os investimentos), importante para o apostador conhecer previamente o retorno esperado e, sobretudo, fundamental ao governo para dar previsibilidade à receita que financiará suas políticas públicas. Ocorre que os estados estão propondo suas leis de forma que caberá aos governos definirem, a posteriori, a participação (%) de cada parte.

A título de exemplo, a lei 17.386/2021 de São Paulo, no que se refere a loterias, é lacônica: "Fica o Poder Executivo autorizado a instituir e explorar, [...] a Loteria Estadual de São Paulo, devendo utilizar o resultado líquido obtido no custeio de ações voltadas à assistência social e à redução da vulnerabilidade social no Estado". Esses "cheques em branco" ao Executivo estadual podem ser inconstitucionais pelo fato de o percentual "T" ser considerado alíquota de tributo (ainda que voluntário). Mesmo a decisão do STF é clara ao garantir aos estados explorar loterias, desde que "observada a competência privativa da União para legislar sobre o tema".

Para essas leis estaduais serem viáveis, teriam que, via regulamento infralegal, manter exatamente os percentuais da lei federal. Porém, fosse esse o caminho, bastaria replicar tais percentuais na legislação estadual, mas não é isso que tem ocorrido nos estados que já apresentaram seus modelos.

> [...]
>
> [Os estados] deveriam definir a sua participação percentual. Essa prática é essencial para a segurança jurídica do operador (ao planejar os investimentos), importante para o apostador conhecer previamente o retorno esperado e, sobretudo, fundamental aos governos para dar previsibilidade à receita que financiará suas políticas públicas

A ausência de parâmetros legais e a discricionariedade dos Executivos estaduais para definir os percentuais de participação de cada parte por decreto ou portaria, além de prejudicar a previsibilidade, transparência e segurança jurídica, abre espaço para uma concorrência "regulatória" e não "de mercado", como já vimos antes na conhecida guerra fiscal do federalismo brasileiro. Por fim, pode ser contestada pela União, como legislador e como concorrente na exploração lotérica.

Contudo, essa postergação na definição dos percentuais pode ter origem na inércia ou lentidão federal. Não temos hoje critérios claros sobre a exploração pelos estados, pois todo arcabouço foi construído com o modelo federal exclusivo. Cabe à União editar a lei das loterias estaduais para definir as regras e parâmetros, inclusive dos percentuais citados. Essa questão é urgente sob o risco dos Estados se anteciparem com decisões equivocadas ou sem efeito prático, além de criar mais imbróglios jurídicos ao federalismo.

É importante também que os Tribunais de Contas e os Ministérios Públicos estaduais se atentem aos processos de implantação das loterias em fase de estudos, a fim de o interesse público prevalecer e o mercado ter condição de se expandir em direção ao seu potencial, gerando empregos, renda e arrecadação.

Em vez de seguir os mercados maduros de loterias, ou exigir uma legislação nacional com as "regras do jogo", os governos estaduais se precipitam e estão prestes a criar mais uma jabuticaba. O STF abriu novas oportunidades de receita, e os Estados estão brincando com a sorte.

## *Concessões, a hora de mudar*

Onda de devoluções expõe desequilíbrio econômico-financeiro nos contratos

*Cláudio Medeiros*

Presidente do Sindicato Nacional da Indústria da Construção Pesada (Sinicon)

Fevereiro começou com uma má notícia para o futuro da economia brasileira: a RIOGaleão, concessionária responsável pela operação do Aeroporto Internacional Tom Jobim, do Rio de Janeiro, pediu oficialmente que o governo federal relicitasse a concessão. A RIOGaleão é uma das maiores operadoras do mundo.

A desistência de uma concessão do porte do segundo maior aeroporto do país, com apenas um terço de sua vigência e a 17 anos de seu fim, é um péssimo sinal para os investidores internacionais. Com esse fato, o governo federal deve, necessariamente, refletir sobre como aprimorar os mecanismos de revisões contratuais e modelos de concessões atualmente vigentes.

O caso da RIOGaleão chama a atenção pela sua representatividade. Infelizmente, não foi a única concessionária a recentemente iniciar o processo de devolução de sua concessão. A Anac avalia ainda a devolução dos aeroportos de Viracopos, em Campinas (SP), e de São Gonçalo do Amarante, em Natal.

No setor rodoviário, a concessão da BR-040, detida pela Invepar, e as concessões Via 040, MS Via, Concebra e Autopista Fluminense também serão devolvidas. Outras duas concessionarias flertam com a devolução: Eco101 e Rodovia do Aço. A previsão de concessão da chamada "Rodovia da Morte", entre Minas Gerais e o Espírito Santo, que seria leiloada no dia 25 de fevereiro, foi suspensa por falta de interessados!

Toda essa inquietante movimentação de desistências vai afetar negativamente o apetite dos investidores internacionais. Isso porque o retorno dos aportes (realizados com capital próprio ou de terceiros) só é materializado após longos anos de investimentos nas infraestruturas necessárias à prestação dos serviços e no pagamento, geralmente, de elevadas outorgas.

> [...]
>
> As causas variam desde projeções superestimadas de crescimento da economia nacional e atrasos e negativas na obtenção de financiamentos por instituições oficiais até os danosos efeitos da pandemia, que reduziram em mais de 90% o tráfego aéreo. A solução é o governo abrir o diálogo com entidades representativas do setor de infraestrutura

Os recursos do governo para investimentos em infraestrutura são limitados, quando não inexistentes. A manutenção do equilíbrio econômico-financeiro é uma garantia do investidor privado prevista em lei. No entanto, no Brasil, a rigidez dos órgãos de controle tem gerado insegurança para equacionar os contratos de forma mais célere.

Nem mesmo a iniciativa do Congresso Nacional, ao aprovar a Lei da Relicitação, em 2017, permitindo a devolução amigável dos contratos desequilibrados, foi suficiente para resolver a questão.

Essa onda de devoluções e desinteresses não ocorre por acaso. As causas variam desde projeções superestimadas de crescimento da economia nacional e atrasos e negativas na obtenção de financiamentos por instituições oficiais até os danosos efeitos da pandemia, que reduziram em mais de 90% o tráfego aéreo.

A solução é o governo abrir diálogo com entidades representativas do setor da infraestrutura e, juntos com o Congresso Nacional, aprimorarem o sistema vigente de forma a permitir o reequilíbrio econômico-financeiro dos contratos, equacionando a alocação de riscos entre concessionárias e Poderes concedentes.

# PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

O presidente Jair Bolsonaro (PL) deixa o Forte dos Andradas, em Guarujá, para passear de moto aquática em Santos @Jair Bolsonaro no Facebook

### Futebol e conflitos

"Rússia é suspensa pela Fifa e não disputará a Copa do Mundo do Qatar" (Esporte, 28/2). A Arábia Saudita já foi suspensa por bombardear o Iêmen?
**Luiz Otavio Cruz Teixeira** (São Paulo, SP)

*

Quando os EUA invadiram países mundo afora, matando centenas de milhares de civis inocentes, não me consta que foram punidos de alguma competição olímpica. A Fifa foi mais uma a aderir ao festival de hipocrisia nesses últimos dias.
**Newton Penna** (Rio de Janeiro, RJ)

*

Nem adiantaria continuar nas competições, porque os clubes já se posicionaram por não jogar contra a Rússia no campo esportivo.
**Elias Mendes** (Rosário, MA)

### Transporte e abrigo

"Metrô de Kiev, abrigo contra a guerra, é um legado positivo da opressão soviética" (Cotidiano, 28/2). Aprendi na vida que em toda situação péssima há ponto positivo. Talvez a apontada seja o ponto positivo da União Soviética para a Ucrânia.
**Neli Faria** (São Paulo, SP)

*

Holodomor, seis milhões de mortos de ucranianos pelo regime comunista soviético, e o professor fala em um suposto "legado positivo" de um metrô. Esse texto reflete a miséria intelectual de nossas universidades.
**Roberto Oliveira Brandão** (Belo Horizonte, MG)

### Guerra na Ucrânia

"Plano de Putin na Ucrânia está desabando, mas isso pode torná-lo mais perigoso" (Mundo, 28/2). O Putin conseguiu em alguns dias unificar a Europa, colocar os enfastiados americanos contra ele, reviver o Trump, enaltecer a Otan, assustar a China e deixar os islâmicos sem protagonismo da ameaça nuclear.
**José Renato Monteiro** (São Paulo, SP)

*

Concordo com a rendição. A Ucrânia tem que aprender com a história. A França foi entregue aos nazistas na Segunda Grande Guerra e evitou que o mundo assistisse o rio Sena repleto de cadáveres parisienses. Paris continuou, continua e continuará sempre Paris.
**Tania Mara Pitanga de Oliveira Nader** (Rio de Janeiro, RJ)

*

Uma hora a humanidade iria ter que enfrentar este último tirano. O contexto parece estar bem propício. E a China poderá exercer sua liderança de forma meritocrática se conseguir apaziguar os ânimos de ambos os lados na mesa de negociação. Provavelmente único país com força e competência para entender as duas culturas: ocidental e oriental.
**Eduardo Giuliani** (São Paulo, SP)

*

Os Estados Unidos são especialistas em colocar ditadores em arapucas. Putin de tão inteligente está se ferrando. Observem que nas cadeiras de todo o mundo só tem sabidos, os otários felizmente estão soltos. Otários são as vítimas que cumprem a lei.
**Lourival Costa** (Aracaju, SE)

### Folga de Carnaval

"Se achar que não devo sair de folga, não vote em mim, diz Bolsonaro em Guarujá (SP)" (Política, 28/2). Pela primeira vez falou algo que preste: não votar nele é o que devemos fazer.
**Gilda Rachel Wajnsztejn** (São Paulo, SP)

*

Ele nunca trabalhou mesmo. A vida inteira ele sempre esteve de folga. Desafio alguém conseguir apontar aqui algo de útil que ele tenha feito na vida.
**Osmário Mendonça** (Anápolis, GO)

*

A perda de votos não será por insistir em "brincar de ser feliz". Perderás voto por total incapacidade de gestão e ter enganado com promessas falsas. Mas teu passado te condena: foram 28 anos de salário sem retorno para os teus eleitores.
**Luiz Paulo Barreto** (Cabo Frio, RJ)

### Ataques russos

"A 'complexidade' da questão russa não deve nos impedir de ver o óbvio" (Joel Pinheiro da Fonseca, Política, 28/2). Parabéns pela clareza e sensatez, cada vez mais raras.
**Mônica de Souza Tuler** (São José dos Campos, SP)

*

O óbvio é que não existe guerra moralmente certa ou justa. Guerra é destruição, matança, extermínio de inocentes, lucros exorbitantes para a 'indústria', genocídios étnicos, migrações em massa, militarismo selvagem, países ocupados, países invasores. Luta moral é a luta pela paz.
**Josã Eduardo Ferolla** (Belo Horizonte, MG)

*

Concordo plenamente com o artigo. Parabéns! Eu sou de esquerda e leio absurdos de amigos de esquerda tentando justificar a invasão.
**Welington Liberato dos Santos** (Sorocaba, SP)

*

O óbvio é que ninguém é a favor da guerra, afora os imbecis e os acionistas da indústria bélica.
**Juliana Correa** (Belo Horizonte, MG)

*

Não precisa ser especialista pra perceber que todas as guerras são deploráveis. Putin é deplorável, o império americano é deplorável, a sede de poder é deplorável, o egoísmo é deplorável, as narrativas neoliberais são deploráveis, os reacionários são deploráveis.
**Andréia Chaieb** (São Paulo, SP)

*

Acho que quando os EUA iniciam uma guerra contra um país a mídia brasileira não ataca tão ferozmente o presidente de plantão por lá. Nunca vi alguém pedir a pena de morte para um presidente americano.
**Eliane Freitas** (São Paulo, SP)

### Astronauta

"De saída, Pontes reagiu a cortes, mas endossou pautas bolsonaristas" (Cotidiano, 1/3). Vai se candidatar a deputado federal. Só se for no mundo da lua, mas que vá para lá. Desqualificou o ITA.
**Angelim Pilati** (São Paulo, SP)

*

Astronauta terraplanista, vai tomar outro pescotapa em outubro.
**Daniel Alvares** (São Paulo, SP)

# política

## PAINEL | *Fábio Zanini*

painel@grupofolha.com.br

### Sem rodeios

O PSB tem destoado de outros partidos de esquerda, como PT, PSOL e PCdoB, ao condenar claramente a invasão à Ucrânia. "Não tenho simpatia pela Otan, é um entulho da Guerra Fria, mas é um assunto dos ucranianos", diz o governador Flávio Dino (MA), que acrescenta ser um erro legitimar a ação russa por causa da aliança ocidental. Na mesma linha, Marcelo Freixo (RJ) diz que a violação da soberania ucraniana deve ser condenada pelos que defendem a autodeterminação dos povos.

**BRANCO** Presidente nacional do PSB, Carlos Siqueira diz que o partido não adotou posição única sobre o confronto no leste europeu, e que os filiados são livres para dar sua opinião. "Nosso símbolo é a pomba da paz, somos contra a guerra", afirma.

**GELO** O PSB vem procurando demarcar sua autonomia com relação ao PT, e a possibilidade de formar uma federação entre os partidos parece estar cada vez mais distante.

**RUÍDOS 1** Embora a falta de um porta-voz econômico para Lula chame a atenção do mercado, é na área externa que a cacofonia tem dado mais trabalho para o PT. Em novembro, uma nota parabenizando o ditador Daniel Ortega (Nicarágua) por sua reeleição gerou reação e foi desautorizada pela presidente Gleisi Hoffmann.

**RUÍDOS 2** Na última quinta (24) a bancada do PT no Senado publicou nota em que condenava a Otan por agredir a Rússia, que acabara de invadir a Ucrânia. Após protestos, foi retirada do ar. Dirigentes petistas defendem que é preciso urgentemente unificar o discurso nessa área.

**AVIÁRIO** Em inserção de TV, Ciro Gomes (PDT) diz que o Brasil precisa ter voo de águia na economia, não de galinha. "O país não cresce e não gera bons empregos porque há mais de 30 anos segue a mesma receita. É hora de mudar", diz ele, enquanto uma águia levanta voo de seu braço.

**JEITINHO** Ciro é apresentado no filme de 30 segundos, feito pelo publicitário João Santana, como vice-presidente nacional do PDT. É uma forma de contornar a exigência legal de que a propaganda tem de ser partidária, e não eleitoral.

**REPRISE** Patinando nas pesquisas para presidente, João Doria (PSDB) vai reforçar o mote de ser "trabalhador", que funcionou em sua primeira vitória eleitoral, para prefeito de SP em 2016. Na ocasião, a campanha criou o slogan "João Doria trabalhador".

**ATIVO** Segundo assessores, o caminho para crescer passa por reforçar esse atributo e o da competência. De acordo com essa leitura, a população não veria tais qualidades em Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Jair Bolsonaro (PL).

**BAIXA** Um dos integrantes do chamado "gabinete do ódio" do Palácio do Planalto, Tércio Arnaud deve disputar a eleição para suplente de senador pela Paraíba. Ele pretende, assim, pedir demissão de seu cargo na assessoria da Presidência da República em abril.

**FIRME** Paraibano, Arnaud tem convite de Bruno Roberto (PL), filho do deputado federal Wellington Roberto (PL-PB), para compor sua chapa ao Senado. Mesmo fora do Palácio, Arnaud deve seguir ajudando na estratégia digital do presidente Jair Bolsonaro (PL).

**VALE TUDO** Cartazes apócrifos chamando o presidente Jair Bolsonaro e seu partido, o PL, de ladrões amanheceram colados nesta terça (1º) num muro na zona oeste de SP. Eles imitam o logotipo e as cores utilizadas pela legenda e chamam o PL, cuja sigla significa Partido Liberal, de "Partido Ladrão".

**JOGO SUJO** Há também referências ao centrão, bloco parlamentar de deputados de centro-direita cuja marca é o fisiologismo, e que tem o PL entre seus integrantes. A foto do presidente da legenda, Valdemar Costa Neto, aparece em parte dos panfletos expostos.

**PLOT TWIST** A reviravolta que suspendeu a cassação do deputado Jalser Renier (SD) e o reinstalou na presidência da Assembleia de Roraima, na semana passada, a partir de liminar do STF, teve uma sequência não menos rocambolesca.

**O IMPÉRIO...** Nesta segunda (28), os deputados conseguiram permissão judicial para cassar o presidente. Um dos argumentos é a acusação de envolvimento dele no sequestro de um jornalista em 2020.

**...CONTRA-ATACA** Na sequência, foi eleito para chefiar a Casa Soldado Sampaio (PC do B). Completando o cenário insólito, ele e parte da esquerda do estado apoiam a reeleição do governador bolsonarista Antonio Denarium (PP).

**TENSIONADO** O cabo de guerra do governador Romeu Zema (Novo-MG) com forças de segurança pode afastá-lo do eleitor bolsonarista, crucial para sua reeleição. "Essa indiferença com a segurança pública é só mais uma das sinalizações ruins dele", diz o deputado federal Cabo Junio Amaral (PL-MG), ligado aos PMs.

com Guilherme Seto e Juliana Braga

# Mensagens de Bolsonaro ao Congresso contêm série de promessas frustradas

Reformas, privatizações e resgate da qualidade na educação são alguns dos pontos citados pelo presidente e que ficaram pelo caminho

Ranier Bragon

**BRASÍLIA** O presidente Jair Bolsonaro (PL) distorceu informações, acentuou o tom ideológico de sua gestão e fez uma coletânea de promessas que ficaram pelo caminho nas quatro mensagens que, por lei, enviou ao Congresso em seu mandato.

Para além do relato de medidas adotadas em diferentes áreas e que devem ser entregues todos os anos a deputados e senadores, os documentos produzidos por seu governo são iniciados, como é praxe, por um texto lido pelo presidente ou por um representante na sessão anual de abertura dos trabalhos legislativos.

Nessas quatro introduções, de fevereiro de 2019, 2020, 2021 e 2022, Bolsonaro elencou o que considera feitos de sua gestão e atacou o PT em apartes ao que foi escrito por auxiliares.

Com um mês de mandato, Bolsonaro encaminhou o seu texto mais virulento aos deputados e senadores.

Como se recuperava de uma das cirurgias que fez em decorrência do atentado que sofreu durante a campanha de 2018, coube ao ministro Onyx Lorenzoni, então na Casa Civil, comparecer à solenidade representando o chefe.

Em linhas gerais, o discurso assinado por Bolsonaro dizia que o país havia sido sequestrado cultural e politicamente e que o combate à miséria se limitava à maquiagem de dados.

A criminalidade, cujo combate foi um dos pontos altos de sua campanha, ganhava um destaque no documento que jamais teria nos três anos seguintes. "O governo brasileiro declara guerra ao crime organizado. Guerra moral, guerra jurídica, guerra de combate. Não temos pena e nem medo de criminoso", afirmava.

Estava presente na solenidade o então ministro da Justiça Sergio Moro, padrinho da mais vistosa tentativa do governo federal de agir diretamente na questão da segurança pública —atribuição que cabe, prioritariamente, aos governos estaduais.

O "Em Frente Brasil" foi lançado em 29 de agosto de 2019 por Bolsonaro e Moro, em solenidade no Palácio do Planalto que contou com a presença de quase todos os ministros. Ele prometia promover em poucos meses um choque de segurança em cinco cidades escolhidas com base nos altos índices de criminalidade —Goiânia (GO), Ananindeua (PA), Cariacica (ES), Paulista (PE) e São José dos Pinhais (PR).

Um ano e oito meses após seu lançamento e em meio a um esvaziamento político promovido por Bolsonaro, o programa terminou seu teste com resultados decepcionantes: atrasos, adiamentos, restrição orçamentária e estrutural e ausência de indicativos de que tenha nem sequer chegado perto de atingir seu objetivo, o de promover a redução substancial dos homicídios nas cinco cidades testadas.

Moro acabou demitido no meio do caminho, em abril de 2020, por desgastes com Bolsonaro e acusando o chefe de tentar interferir na Polícia Federal com interesses escusos.

Ainda na primeira mensagem ao Congresso de sua gestão, Bolsonaro afirmava que a fiscalização de crimes ambientais havia se tornado "bandeira ideológica, prejudicando quem produz e quem preserva" —segundo ele, as mesmas pessoas—, em um indicativo do que estaria por vir, o desmonte dos setores de preservação e fiscalização, o que coincidiu com recordes negativos na área ambiental.

Após pressão interna e externa, o discurso apresentado na última mensagem do mandato, o de fevereiro deste ano, traz afirmação de tom completamente diverso: o de que o combate ao desmatamento ilegal e às queimadas é pauta prioritária do seu governo, apesar da coleção de dados negativos.

Na economia, o primeiro discurso era de "mais Brasil, menos Brasília", com foco na aprovação da reforma da Previdência, o que ocorreria ainda naquele ano, mas graças em grande parte à liderança do então presidente da Câmara, Rodrigo Maia (RJ), e sem a ideia de capitalização defendida por Paulo Guedes (Economia).

Bolsonaro destacava ainda que faria esforços para resgatar a qualidade da educação, pontuando que sua equipe ministerial era composta de técnicos altamente qualificados. "Um time de ponta!", como consta do texto.

Ricardo Vélez Rodríguez, o ministro da Educação, foi demitido por Bolsonaro dois meses depois da leitura da mensagem a deputados e senadores, após uma curta gestão de marcada por trocas de secretários e paralisia.

Seu sucessor, o economista Abraham Weintraub, durou 14 meses no cargo, em uma gestão coroada por controvérsias, insultos disparados contra os mais variados alvos, anúncio de projetos que não andaram, derrotas no Congresso, ausência de diálogo com redes de ensino e falta de liderança nos rumos das políticas públicas da área.

Além de Moro, dois outros ministros presentes na solenidade de 2019 seriam defenestrados nos meses seguintes, após divergências com a família Bolsonaro: Gustavo Bebianno (Secretaria-Geral) e Santos Cruz (governo).

Em 2020, o segundo ano da gestão, Bolsonaro também mandou Onyx representá-lo. Na mensagem a deputados e senadores, o presidente disse que o viés ideológico havia deixado de existir nas relações internacionais, ignorando completamente o acentuado viés ideológico na área comandada por Ernesto Araújo e sob forte influência de um de seus filhos, o deputado federal Eduardo Bolsonaro.

O presidente da República foi pessoalmente ao Congresso entregar a mensagem somente em fevereiro de 2021, ocasião em que já havia se aliado ao outrora execrado centrão, grupo político que passou a ser a sua principal base de sustentação parlamentar.

Na ocasião, enfrentou um protesto de deputadas do PSOL, principalmente, que gritaram as palavras "genocida" e "fascista" momentos antes de ele começar a leitura do texto. "Nos vemos em 22", respondeu o presidente.

Entre suas propostas, destacou as privatizações e as reformas administrativa e tributária, que ainda não saíram do papel.

No último dia 2, Bolsonaro entregou sua última mensagem, também pessoalmente.

Mais uma vez recorrendo ao mote de que atuou na pandemia para "salvar vidas e proteger empregos", leu só um parágrafo de prioridade legislativas: a reforma tributária, a portabilidade da conta de luz (que está com tramitação atrasada), e novo marco legal das garantias (setor imobiliário).

De improviso, fez críticas indiretas ao ex-presidente Lula, dizendo que não irá propor a regulação de meios de comunicação, ideia indicada pelo rival.

Sessão especial do Congresso na qual mensagem do presidente Jair Bolsonaro foi entregue, em fevereiro J.Batista - 2.fev.22/Câmara dos Deputados

**+ Governo Bolsonaro, segundo mensagens enviadas ao Congresso***

| | RESUMOS DA MENSAGENS |
|---|---|
| **Ano 1, 2019, um mês de governo** | O PT assaltou o Estado, guerra total à criminalidade, reforma da Previdência e retomada da qualidade da educação |
| **Ano 2, 2020, um ano e um mês de governo** | Fim do viés ideológico nas relações externas, reforma tributária, privatizações e equilíbrio das contas públicas |
| **Ano 3, 2021, dois anos e um mês de governo** | Salvar vidas na pandemia com preservação de empregos, reforma tributária, administrativa e privatizações |
| **Ano 4, 2022, três anos e um mês de governo** | Salvar vidas com preservação de empregos e apenas 1 parágrafo de prioridades legislativas, entre elas a reforma tributária |

* A Constituição estabelece que compete ao presidente remeter mensagem e plano de governo ao Congresso na abertura da sessão legislativa, "expondo a situação do país e solicitando as providências que julgar necessárias"



GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

**Redação São Paulo**
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
**Ombudsman** ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
**Atendimento ao assinante** (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
**Assine a Folha** assine.folha.com.br | 0800-015-8000

| EDIÇÃO DIGITAL | Digital Ilimitado | Digital Premium |
|---|---|---|
| DO 1º AO 3º MÊS | R$ 1,90 | R$ 1,90 |
| DO 4º AO 12º MÊS | R$ 9,90 | R$ 9,90 |
| A PARTIR DO 13º MÊS | R$ 29,90 | R$ 39,90 |

| EDIÇÃO IMPRESSA | Venda avulsa seg. a sáb. | Venda avulsa dom. | Assinatura semestral* Todos os dias |
|---|---|---|---|
| MG, PR, RJ, SP | R$ 5 | R$ 7 | R$ 827,90 |
| DF, SC | R$ 5,50 | R$ 8 | R$ 1.044,90 |
| ES, GO, MT, MS, RS | R$ 6 | R$ 8,50 | R$ 1.318,90 |
| AL, BA, PE, SE | R$ 9,25 | R$ 11 | R$ 1.420,90 |
| Outros estados | R$ 10 | R$ 11,50 | R$ 1.764,90 |

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

**CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)**
363.733 exemplares (janeiro de 2022)

Manifestação de raiz golpista em 7 de Setembro, na avenida Paulista Danilo Verpa - 7.set.21/Folhapress

Paolo Ricci

# Atacar urna eletrônica é retórica de líder populista autoritário

Professor da USP e organizador de publicação sobre o Código Eleitoral compara fala de Bolsonaro com a do fascista Mussolini



**ENTREVISTA**

**Uirá Machado**

SÃO PAULO Quando o Brasil ganhou seu primeiro Código Eleitoral, em 1932, as fraudes eram comuns no país, e combatê-las tornou-se argumento central para a criação do novo sistema.

Passados 90 anos, não há sinais das velhas falcatruas, mas o presidente Jair Bolsonaro (PL) evoca o fantasma da fraude para atacar as urnas eletrônicas.

De acordo com o cientista político Paolo Ricci, professor da USP, o alvo de Bolsonaro não é a urna em si, mas todo o processo eleitoral.

"Trata-se de retórica discursiva típica de um líder populista autoritário visando desqualificar não os adversários, mas o sistema como um todo" afirma Ricci. "[Com isso], questiona-se a essência do funcionamento da democracia. A dizer, eleições limpas e sem interferência externa."

Ricci organizou o livro "O Autoritarismo Eleitoral dos Anos 30 e o Código Eleitoral", no qual um conjunto de artigos explora as diversas mudanças ocorridas quase um século atrás, incluindo a instalação da Justiça Eleitoral.

Segundo Ricci, dois políticos daquela época podem ser lembrados para ajudar a entender o ataque de Bolsonaro ao sistema eleitoral: Getúlio Vargas (1882-1954) e Benito Mussolini (1883-1945).

O primeiro governou o país durante quase 20 anos e deu um golpe em 1937, implantando a ditadura do Estado Novo. O segundo comandou a Itália por pouco mais de 20 anos e instaurou o fascismo no país.

*

**No livro "O Autoritarismo Eleitoral dos Anos 30 e o Código Eleitoral", o sr. propõe uma revisão da interpretação clássica segundo a qual a Justiça Eleitoral surgiu para coibir fraudes nas eleições. Por quê?** A história das instituições políticas nos ensina que as mudanças das regras devem ser pensadas levando em conta o interesse de quem as propõe, assim como a forma pela qual se implementam.

No primeiro caso, temos que desvendar a lógica da mudança. Isso significa responder à seguinte pergunta: o que os interessados ganham e perdem com a reforma?

No segundo, trata-se de analisar como a reforma na prática foi implementada. Afinal, quem disse que já em 1932 a Justiça Eleitoral atua de forma independente?

Então, a ideia foi resgatar a história, voltar no tempo, para pensar como os atores da própria Justiça Eleitoral, assim como políticos e partidos, atuavam e se movimentavam.

**E o que os interessados ganharam e perderam com a criação da Justiça Eleitoral?** Na prática, os políticos perderam controle sobre a burocracia eleitoral, isto é, algumas fases do processo eleitoral, desde a organização da eleição, com determinação das seções eleitorais, constituição das mesas eleitorais etc., até contagem dos votos. Anteriormente, tudo ficava nas mãos dos políticos.

Mas eles continuam exercendo uma forte influência sobre um momento específico: o alistamento eleitoral. Quem alista eleitores é o candidato, auxiliado por seus correligionários.

**E quanto às fraudes? O sr. concorda que elas eram um grande problema antes da criação da Justiça Eleitoral?** Depende. Se pensarmos em como deveria funcionar a democracia, a resposta é sim. Sabemos que, nas democracias, a fraude é um elemento perturbador do equilíbrio representativo. A meu ver, porém, essa forma de pensar a fraude tem acabado por desvirtuar o foco dos estudiosos.

O que afirmo é que a democracia não estava na pauta durante a Primeira República. Ou seja, para entender a lógica da disputa política na época, temos que entender como as elites políticas disputavam o poder. E as elites governistas e oposicionistas faziam da fraude um mecanismo para disputar cargos representativos.

Nessa lógica, a fraude deixa de ser um problema e se torna um objeto de pesquisa. Isso é mais interessante e estimulante do que ficarmos aqui resmungando sobre o passado fraudulento daquelas eleições.

**Pensando na fraude como objeto de pesquisa, o Brasil de 1932 estava atrasado ou adiantado em relação aos principais países da época?** A fraude não é uma característica do Brasil. Ela era praticada em outros países de forma maciça. O Código Eleitoral de 1932 se inspira na legislação argentina e uruguaia, países que já haviam adotado medidas buscando tutelar o eleitor ou criando regras para a não interferência dos políticos durante o processo eleitoral.

Países europeus também haviam caminhado para reformas que visavam criar garantias para o voto.

Ou seja, há alguns países na vanguarda, como Reino Unido e Austrália, mas, em termos comparativos, 1932 não inova, refletindo uma tendência já observada de introdução de normas e medidas que limitem a interferência no processo eleitoral.

**O sr. afirma no livro que, em 1932, o governo federal encampou o discurso antifraude para apoiar a criação da Justiça Eleitoral, embora o discurso não tenha passado à prática de imediato. Hoje, de certa forma, temos o oposto: o presidente evoca o fantasma da fraude, embora não mostre provas disso. Como explicar essa atitude?** Trata-se de retórica discursiva típica de um líder populista autoritário visando desqualificar não os adversários, mas o sistema como um todo.

Um esclarecimento é necessário aqui. Nem todos os populistas atuam contra as regras eleitorais e as regras da democracia em geral.

Muitos dos populistas europeus jogam as regras da democracia e não as questionam. Propõem reformas eleitorais, mas aceitam mudanças que proporcionam vantagens mistas, isto é, favorecendo outras forças políticas.

O autoritarismo está em ir além disso. Ao apontar o dedo contra o sistema eleitoral como um todo, ainda que especificamente tratando das urnas eletrônicas, questiona-se a essência do funcionamento da democracia. A dizer, eleições limpas e sem interferência externa.

**Por que o senhor diz que atacar as urnas eletrônicas é questionar a essência do funcionamento da democracia?** Bom, não é um ataque às urnas em si o problema. Todo mecanismo eleitoral está sujeito a críticas e pode ser modificado, quando não melhorado. Aliás, faz anos que há no Congresso projetos tramitando sobre o assunto, isto é, bem antes de Bolsonaro.

O problema está no modo que isso é feito. Sem evidências e provas contundentes, desqualifica-se um mecanismo que não mostrou sinais de permitir violação da "verdade eleitoral", para recuperar expressão dos anos 1930. O objetivo não é a urna, mas desqualificar o processo eleitoral.

**Olhando pela perspectiva histórica, qual a comparação para essa tentativa de Bolsonaro de desqualificar o processo eleitoral?** Primeiro, gostaria de voltar à época do Código Eleitoral. [Getúlio] Vargas e os revolucionários de 1930 desqualificaram o regime representativo da Primeira República, etiquetando-o de fraudulento e falseador da verdade eleitoral.

A construção de uma narrativa contra o processo eleitoral foi crucial para colocar o Código Eleitoral como símbolo de uma grande mudança.

É até interessante que essa narrativa tenha se mantido até hoje, isto é, relegando a experiência eleitoral da Primeira República a um mero triunfo da intervenção política sobre o processo eleitoral.

Mas talvez seja interessante pensar o caso italiano. Em 1919, a Itália introduziu a [eleição] proporcional. Esse sistema favorece a entrada de vários partidos e a fragmentação no Parlamento.

Mussolini, já primeiro-ministro em 1922, persegue uma reforma desse sistema, em busca de uma alternativa capaz de constituir um governo "não vinculado a compromissos anteriores, livre de proibições intransponíveis, não sufocado por divisões, não viciado em suas origens pelas diferenças ingênuas de tendências e correntes".

Está aí a ideia de um líder que possa governar sem outras forças políticas, sem compromissos que apenas sufocariam a ação do governo.

**Do ponto de vista da moralização do processo eleitoral e da coibição de fraudes, como se comparam as eleições deste ano com as de quase um século atrás, pensando sobretudo nas fake news e nas regras dribladas na internet?** Se isso mostra a urgência de pensar normas novas para reagir aos desafios da internet (falando em termos gerais), também demonstra que a fraude é um conceito em movimento, isto é, que deve ser pensado e revisto continuamente tendo como fim único a defesa de práticas eleitorais que tutelem a liberdade de expressão dos indivíduos.

**O sr. considera que hoje em dia exista algum risco desse ponto de vista, ainda que não na forma de fraudes no processo de votação?** Suborno, venda de votos, intimidação eleitoral sempre existirão. A questão é quanto tais aspectos marcam a dinâmica eleitoral. Não me parece que, no Brasil, o problema esteja na relação com o eleitorado, mas sim na forma pela qual candidatos e partidos arrecadam recursos para competir.

Eis o tema espinhoso do financiamento. Se realmente se quer melhorar nossa democracia eleitoral, então é aí que se deve intervir.

Arquivo pessoal

**Paolo Ricci, 49**

Graduado pela Universidade de Bolonha, mestre e doutor em ciência política pela USP, é professor do Departamento de Ciência Política da USP. Organizou os livros "O Autoritarismo Eleitoral dos Anos Trinta e o Código Eleitoral de 1932" (Appris, 2019) e "As Eleições na Primeira República" (Tribunal Superior Eleitoral, 2021)

**BOLSONARO OUVE 'MITO' E 'GENOCIDA' APÓS PASSEIO EM SP**

Jair Bolsonaro ouviu nesta terça-feira (1º) manifestações de apoio e ofensas depois de fazer novo passeio de jet-ski pelo litoral de São Paulo, onde está hospedado desde sábado (26). Enquanto alguns apoiadores exaltaram a presença de Bolsonaro aos gritos de "mito", grupos críticos aproveitaram a passagem do presidente para criticá-lo aos gritos de "genocida", "a favor da Rússia", "vai trabalhar" e "fora, Bolsonaro"

Fotos @jairmessiasbolsonaro no Facebook

# De Getúlio Vargas para Bolsonaro

Ouça o chanceler, como ouvi o Osvaldo Aranha

**Elio Gaspari**

Jornalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Ditadura Encurralada"

*Prezado presidente,*

*O senhor não gosta de mim e a recíproca é verdadeira. Escrevo-lhe para sugerir alguma cautela diante da guerra europeia.*

*Pretendo ater-me aos cuidados que tive entre agosto e setembro de 1941, quando a tropa alemã entrou em Kiev. Como o senhor sabe, Hitler invadiu a Rússia em junho num ataque fulminante e em agosto estava nas proximidades da capital da Ucrânia, a caminho de Moscou. Foi uma guerra diferente na forma e no conteúdo, mas vou lhe contar o que acontecia no Palácio do Catete e outras coisas que eu só soube quando vim para cá.*

*A invasão da Rússia já tinha data marcada quando o presidente americano Franklin Roosevelt mandou ao Rio um escultor para fazer meu busto. Dois dos meus conselheiros, os generais Dutra (ministro da Guerra) e Góes Monteiro (chefe do Estado-Maior), achavam que a máquina alemã seria invencível na Rússia.*

*Nenhum de nós sabia que o secretário da Guerra, Henry Stimson, estava de olho no Brasil. Três dias antes da invasão da Rússia ele escreveu ao presidente, temendo que os alemães pulassem do norte da África sobre o nosso território. (A menor distância para se atravessar o Atlântico Sul vai da costa africana ao Saliente Nordestino.) Lembro-lhe que os Estados Unidos não haviam entrado na guerra, mas ele queria "salvar o Brasil". Como? Instalando uma base no Nordeste.*

*Eu mandava sinais para os dois lados. Quando falei nos riscos do "capitalismo financeiro cosmopolita", o embaixador americano assustou-se. Já o alemão acreditava que o Brasil estava afastado dos Estados Unidos. Muita gente supunha que os russos estavam perdidos, imagine que chegaram a tirar múmia do Lênin de Moscou.*

*Os americanos mandaram para cá um coronel que reclamava do Dutra e do Góes. Os alemães talvez soubessem de alguma coisa, porque eles viram o Churchill no Rio Grande do Norte. Parolagem.*

*Na bolha do Palácio do Catete tudo ia bem. Minha mulher deu uma linda festa no Teatro Municipal e a Academia Brasileira de Letras elegeu-me para a cadeira que tem como patrono o Tomás Antônio Gonzaga. A favor dos americanos, ouvia-se, exaltado, o chanceler Osvaldo Aranha que investiu contra o Góes e o Dutra. Isso no dia em que começou a batalha de Kiev.*

*E eu equilibrando-me. Os americanos mandaram para cá até o Walt Disney. Queriam nos ensaboar.*

*No final de setembro, os alemães entraram em Kiev. Eu me aborrecia com a insistência dos americanos para construir bases aéreas e navais no Brasil, mas desde o primeiro momento alinhei-me com Roosevelt. Não me passava pela cabeça ficar contra os Estados Unidos, mas eles não estavam na guerra.*

*Eu não sabia, mas podia intuir, que os americanos planejavam um desembarque em Natal. Também podia intuir que o Japão iria à guerra com os Estados Unidos, mas nunca da maneira que o fizeram.*

*Como o senhor sabe, o Japão atacou, liberei a construção da base de Natal e ela foi uma das principais pistas de pouso dos aviões americanos. Declarei guerra ao Eixo e, depois do desembarque Aliado na Europa, nossa Força Expedicionária chegou à Itália. Equilibrei-me. Tivesse ouvido o Góes, o Dutra e alguns conselheiros em 1941 e estaria frito.*

*Ouça o chanceler, eu ouvia o Aranha.*

*Respeitosamente,*
*Getúlio Vargas*

| DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas | SEG. Celso R. de Barros | TER. Joel P. da Fonseca | QUA. Elio Gaspari | **QUI. Conrado Hübner Mendes** | SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida | SÁB. Demétrio Magnoli

O deputado federal André Janones, que será o candidato do partido Avante a presidente Pedro Valadares - 13.out.21/Câmara dos Deputados

# Janones utiliza fama virtual e busca distância do bolsonarismo

Pré-candidato do Avante à Presidência tenta se posicionar na terceira via transitando entre direita e esquerda

**Carolina Linhares**

SÃO PAULO Um candidato outsider, antissistema, que surfa na audiência de suas redes sociais. O primeiro desafio do presidenciável André Janones (Avante-MG), 37, é se livrar da imagem que espelha Jair Bolsonaro (PL).

O deputado federal afirma que não está apostando na mesma fórmula que elegeu o atual presidente. "Não é o mesmo modelo adotado pelo bolsonarismo porque eu não nego a política, eu sou político. Eu uso as redes sociais não como meio de fazer política, mas como meio de me comunicar. A política se faz na vida real", diz à **Folha**.

Eleito com 178,7 mil votos para seu primeiro mandato, Janones afirma que pode chegar ao Palácio do Planalto em outubro e se coloca no bloco de candidatos que se opõem tanto a Lula (PT) quanto a Bolsonaro.

O carro-chefe de sua campanha é rechaçar a polarização e falar com a população sobre fome e emprego em vez de Escola sem Partido e armas. "Ao priorizar os debates ideológicos, que servem como cortinas de fumaça, não se enfrenta os problemas reais — ou porque tem rabo preso ou porque tem despreparo", diz.

Janones afirma que a terceira via tem chances de ser ouvida pela população. Para ele, a maior parte da intenção de votos de Lula e Bolsonaro é de eleitores sem opção, que podem migrar para outro candidato se acharem que ele é competitivo.

Em dezembro, Janones marcou 2% na pesquisa Ipec, pontuando à frente de Simone Tebet (MDB), Alessandro Vieira (Cidadania) e Felipe D'Ávila (Novo). No mesmo levantamento, João Doria (PSDB) também teve 2%; Ciro Gomes (PDT) aparece com 5% e Sergio Moro (Podemos) com 6%.

Janones quer chegar além dos 7,9 milhões de seguidores da sua principal rede social, o Facebook. Para evitar ser refém das redes e se distanciar do modus operandi bolsonarista, tem priorizado o mundo real ao virtual ao menos no início de sua campanha.

Desde que foi lançado pelo Avante, em janeiro, ele tem feito eventos com militantes do partido —já passou por São Paulo, Rio, Santa Catarina e Pernambuco.

O número de seguidores demonstra aquilo que o presidenciável diz ser seu diferencial, a capacidade de dialogar com a população —habilidade reivindicada também por Lula e Bolsonaro.

Desde o segundo turno de 2018, Janones evita se posicionar entre o PT e Bolsonaro. Procura transitar entre a esquerda e a direita, sem se definir em nenhum campo. Em 2018, afirma ter votado em Fernando Haddad (PT) contra Bolsonaro.

Ele defende o pagamento de renda mínima e critica Lula e os escândalos do PT. Fala em combater a corrupção, em mudar o sistema e acabar com os privilégios da classe política e do Judiciário, mas tampouco poupa Bolsonaro.

"Todos os sinais foram dados. Teve homenagem a torturador, teve fala racista, teve de tudo e, ao contrário do que se esperava, não resultou em cadeia e sim em Presidência", tuitou no último dia 9.

Janones afirma ainda que ser antissistema não significa ser antidemocrático, embora tenha flertado com o autoritarismo de caminhoneiros da greve em 2018. Foi por se tornar um dos porta-vozes do movimento, gravando lives na beira da estrada, que o então advogado catapultou suas redes e foi eleito.

O deputado se justifica afirmando que, naquela época, a manifestação saiu do controle dos caminhoneiros que protestavam pela situação econômica e descambou em golpismo. Diz ser um democrata, que respeita as instituições, e cita posição contra o voto impresso.

"Para mim, ser antissistema é ser contra o sistema vigente que deu resultados desastrosos, em que cada vez os ricos ficam mais ricos e os pobres, mais pobres. Isso não é nada democrático, é preciso mexer nas estruturas de distribuição de renda. Pegar essas pessoas que estão excluídas do debate político e ampliar a democracia, para que mais pessoas sejam ouvidas", afirmou à reportagem.

Ainda no esforço de se diferenciar de Bolsonaro e não ser tachado de aventureiro, Janones diz que é possível fazer a comunicação direta com a população —a única parte boa que ele vê no presidente— e ser um estadista ao mesmo tempo.

"Nunca divulguei fake news, então estou tentando limpar o que Bolsonaro fez. O grande problema das redes é a falta de credibilidade", segue ele, que diz ter como público-alvo "a base da pirâmide".

Filho de uma empregada doméstica e de um cadeirante, Janones foi cobrador de ônibus em Ituiutaba, sua cidade no Triângulo Mineiro. Dormia cerca de quatro horas para conciliar trabalho e a formação em direito.

Evangélico e frequentador da Igreja Batista da Lagoinha, Janones diz que "fé é algo pessoal que não se comunica com a vida política". "Sou absolutamente contra essa mistura que o atual presidente tem feito. Eu sempre faço questão de separar a pessoa André Janones do deputado."

Janones começou a ter notoriedade na sua região ao atuar de forma gratuita em ações contra o SUS e usar as redes para fazer pressão política. As lives em estilo informal são sua marca até hoje.

Depois de eleito, ele identifica quatro episódios que o alavancaram nas redes —o enfrentamento ao então presidente da Vale na CPI de Brumadinho; os discursos contra a reforma da Previdência; seu processo no Conselho de Ética da Câmara e sua campanha pelo auxílio de R$ 600, com lives que chegaram a 20 milhões de visualizações.

O Índice de Popularidade Digital, medido pela consultoria Quaest, mostra que Janones tem desempenho nas redes semelhante ao de Moro e Doria, mas atrás de Ciro, Bolsonaro e Lula. O IPD mede número de seguidores, reações positivas e negativas, presença nas redes e volume de buscas sobre a pessoa.

> Não é o mesmo modelo adotado pelo bolsonarismo porque eu não nego a política, eu sou político. Eu uso as redes sociais não como meio de fazer política, mas como meio de me comunicar. A política se faz na vida real
>
> **André Janones**
> pré-candidato à Presidência

Desde que assumiu, Janones já utilizou R$ 366,2 mil da verba a que tem direito com a divulgação de seu mandato.

Dentro desse valor estão incluídos pagamentos ao Facebook por impulsionamento que somam R$ 88,1 mil. O deputado diz que seus gastos são modestos se divididos em 38 meses de mandato e feitos para direcionar a divulgação de emendas a cidades mineiras.

O processo no Conselho de Ética, movido pelo Solidariedade, terminou arquivado e foi aberto por fala inflamada do deputado nas redes, xingando seus pares.

"Minha obrigação principal aqui é tirar a sujeira debaixo do tapete, é mostrar que alguns canalhas aqui dessa Casa aqui, da Câmara dos Deputados, tentam fazer", afirmou à época.

Membro da chamada nova política, mas crítico dela, Janones diz ser preciso recuperar o diálogo com o diferente, algo que a velha política sabe fazer e a nova, adepta do discurso do ódio, condena.

Janones, ex-militante no movimento estudantil, afirma que sempre quis entrar para a vida pública.

Foi filiado ao PT até 2012, passou pelo PSC, onde disputou a Prefeitura de Ituiutaba em 2016 e terminou em segundo e, em 2018, se filiou ao Avante. Na primeira eleição, declarou R$ 511 mil em bens, incluindo reservas financeiras. Em 2018, declarou apenas R$ 175 mil em dois veículos.

A fase petista, afirma, foi fruto de um "idealismo" e terminou quando o deputado se decepcionou com o pragmatismo e a falta de democracia interna.

"O PT traduzia esse sentimento de mudança de realidade. Era a representação perfeita dos sonhos de uma doméstica e de um cadeirante que nasce no interior de Minas e acredita que pode vencer na vida", diz.

# No México, Lula fala em união da América Latina contra guerra

Petista afirma que definirá candidatura à Presidência no retorno ao Brasil

Carolina Linhares

SÃO PAULO Em viagem ao México, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) pregou a união da América Latina pela paz e afirmou que deve decidir sobre a oficialização de sua candidatura à Presidência da República ao retornar para o Brasil na próxima semana.

"A América Latina deve estar unida nesse esforço por um mundo que quer a paz e já não pode suportar a guerra", afirmou Lula ao jornal mexicano La Jornada nesta terça-feira (1º), dias depois do começo da guerra na Ucrânia.

Lula chegou ao país na segunda (28) e foi recebido pelo chanceler Marcelo Ebrard. O petista tem um encontro, nesta quarta-feira (2), com o presidente mexicano Andrés Manuel López Obrador.

Na entrevista, Lula afirmou: "Sou um ex-presidente que está avaliando, conversando com muitas pessoas [para decidir] se serei candidato mais uma vez, uma decisão que se supõe que devo tomar quando voltar do México".

A viagem marca a retomada da agenda internacional de Lula, que foi interrompida pelo aumento de casos de Covid. No ano passado, o ex-presidente esteve na Europa e na Argentina.

Lula também agendou reuniões com parlamentares mexicanos e líderes do partido de López Obrador, o Morena (Movimento de Regeneração Nacional). A presidente do PT, deputada Gleisi Hoffmann (PR); o senador Humberto Costa (PE) e os ex-ministros Celso Amorim e Aloizio Mercadante acompanham o petista na viagem.

Também nesta terça, em entrevista à imprensa, López Obrador anunciou que o México não aplicará sanções econômicas contra a Rússia pela invasão à Ucrânia.

"Não vamos aplicar nenhum tipo de represália econômica porque queremos ter boas relações e queremos estar em condições de poder falar com todas as partes", disse López Obrador, que é de esquerda.

"Somos contra a invasão, nós padecemos de invasões da Europa, da Espanha, da França e dos EUA. Queremos que as invasões desapareçam."

O presidente mexicano também comentou sobre a visita de Lula, dizendo que é uma agenda informal, uma reunião de amigos que estão "buscando que as coisas mudem na América Latina e no mundo".

López Obrador afirmou ainda que o México mantém boa relação de respeito com o governo de Jair Bolsonaro (PL).

Como mostrou a **Folha**, a guerra na Ucrânia virou munição contra Bolsonaro e Lula no contexto da eleição presidencial. A invasão russa opôs os principais presidenciáveis e evidenciou contradições.

Em entrevista na semana passada, Lula havia dito que "ninguém pode concordar com a guerra".

"A guerra só leva a destruição, desespero e fome. O ser humano tem que criar juízo e resolver suas divergências em uma mesa de negociação, não em campos de batalha", disse, em crítica sutil à decisão da Rússia de Vladimir Putin de iniciar os ataques.

Ainda na entrevista à Rádio Supra FM, de Luziânia (GO), Lula disse que "Putin precisa saber que o povo não precisa de guerra".

O petista ironizou a alegação de que Bolsonaro fora à Rússia promover a paz e criticou a ONU (Organização das Nações Unidas). "A Nações Unidas precisa levar em conta que não tem mais a representatividade que tinha quando ela foi criada em 1948", disse.

A esquerda, no entanto, se divide sobre o tema. Uma visão ideológica, que ecoa a Guerra Fria, vê o conflito sob o prisma do imperialismo. A leitura é a de que os EUA perseguem a hegemonia global e, via Otan (Organização do Tratado do Atlântico Norte), buscam fustigar a Rússia.

Já Bolsonaro vem pregando neutralidade. O presidente é simpático a Putin, com quem se reuniu no último dia 16.

**Leia mais nas págs. A8 a A12**

**+ Moro, Doria, Tebet e d'Avila fazem manifesto pró-Ucrânia**

Presidenciáveis da chamada terceira via divulgaram, nesta terça-feira (1º), um manifesto conjunto em apoio à Ucrânia após a invasão do país pela Rússia. O texto é assinado por Sergio Moro (Podemos), João Doria (PSDB), Simone Tebet (MDB) e Felipe d'Avila (Novo). "Pedimos ao governo brasileiro que se posicione, unindo-se às nações que defendem a soberania da Ucrânia e a solução pacífica do conflito", diz o manifesto em tom de cobrança ao presidente Jair Bolsonaro (PL). Bolsonaro vem pregando neutralidade no conflito. O presidente, no entanto, é simpático ao presidente da Rússia, Vladimir Putin, com quem se reuniu no último dia 16. No texto, os presidenciáveis dizem que não há espaço para neutralidade

Confusão entre MBL e PCO, no Rio @Mblivrerj no Instagram

## Manifestantes do PCO são detidos após briga com MBL

Igor Mello

RIO DE JANEIRO | UOL Militantes do MBL (Movimento Brasil Livre) e do PCO (Partido da Causa Operária) entraram em confronto ao realizarem atos simultâneos em frente ao consulado da Rússia no Rio de Janeiro, nesta terça (1º). Ao menos quatro membros do PCO foram detidos.

O PCO —partido de esquerda radical— realiza uma série de manifestações de apoio à Rússia em capitais brasileiras. Já o MBL —grupo de direita— protestava contra a invasão russa à Ucrânia.

De acordo com um vídeo publicado pelo MBL, membros do grupo fizeram provocações ao PCO usando um sistema de som.

Em dado momento, ao menos três integrantes do PCO agridem os rivais com golpes de mastros das bandeiras que carregavam.

Não é possível saber pelas imagens se os integrantes do MBL posteriormente revidaram as agressões.

Durante uma transmissão ao vivo dos atos, o Diário da Causa Operária —veículo oficial do PCO— mostrou imagens de três homens sendo detidos pela Polícia Militar.

Segundo uma nota publicada pelo partido, os quatro manifestantes detidos se chamam Heinrick, Luan, Vinicius e Caetano. Em uma foto divulgada pelo PCO é possível identificar ao menos dois dos homens que cometeram as agressões.

A sigla convocou seus militantes a se reunirem na frente da 14ª DP (Leblon, zona sul), para onde os quatro foram levados.

O UOL procurou a Polícia Civil para ter um posicionamento sobre a detenção dos envolvidos na briga, mas não teve resposta.

Em movimento de contraposição ao presidente Jair Bolsonaro (PL), dois líderes do MBL, Arthur do Val e Renan Santos, decidiram ir à Ucrânia, reforçando as discussões sobre a guerra no debate eleitoral brasileiro.

Prédio do governo regional de Kharkiv, segunda maior cidade da Ucrânia, parcialmente destruído após ataque de míssil russo Viacheslav Madievski/Reuters

# Após erros iniciais, Putin prepara assalto mais destrutivo na Ucrânia

Comboio blindado e bombardeios em Karkhiv sinalizam nova fase da campanha da Rússia



**Igor Gielow**

SÃO PAULO Após enfrentar problemas logísticos e violar o manual das invasões militares, as forças de Vladimir Putin chegaram ao sexto dia da guerra na Ucrânia numa nova etapa, potencialmente mais destrutiva para Kiev.

O surgimento de um comboio de 64 km de comprimento rumo à capital ucraniana e a intensificação do bombardeio sobre Kharkiv são o símbolo dessa mudança.

A resistência terá problemas para segurar o assalto que se ensaia. Não que ela não tenha tido seus momentos de glória, apesar da romantização exacerbada na mídia ocidental, mas eles parecem ter derivado mais de erros de Moscou do que de sua qualidade.

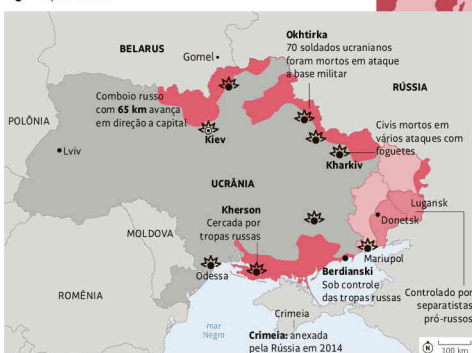
Em novembro de 2020, após a derrota armênia na guerra contra o Azerbaijão, o analista militar russo Konstantin Makienko, do Centro de Análises de Estratégias e Tecnologias, de Moscou, escreveu um texto profético no jornal Vedomosti. "A principal lição que Moscou deve tirar da tragédia [Armênia é aliada russa] é nunca subestimar o inimigo", disse.

"Reina aqui uma atitude condescendente e irônica em relação ao Exército ucraniano", afirmou. "Os militares ucranianos já possuem sistemas de armas que os russos não possuem. Mísseis antitanque de terceira geração e drones kamikaze. E, em breve, os drones turcos Bayraktar-TB2", completou.

Kostia, como era chamado pelos amigos, não viveria para ver a profecia realizada: morreu há um ano. Mas seus alertas eram precisos acerca das dificuldades que os russos encontraram. Mas não só essas.

Dois princípios de invasões terrestres foram violados por Moscou. O primeiro, o da finalidade: a mais bem-sucedida operação do gênero da guerra moderna, a expulsão do Iraque do Kuwait na Guerra do Golfo (1991), era desenhada com um objetivo só. O conflito que tirou Saddam Hussein 12 anos depois, também.

Não foi o que se viu agora. Putin deixou claro desde o começo que seu objetivo era Kiev: decapitar o governo de Volodimir Zelenski com o mínimo de danos civis, para provavelmente instalar um aliado e manter apoio em casa.

**Sexto dia de incursões da Rússia sobre a Ucrânia**

Fontes: Graphic News e The New York Times

Mas seu ataque foi extremamente complexo, envolvendo as forças irregulares do Donbass, a ação rumo a Kiev pela Belarus sem uma coordenação aparente com a força vinda mais do leste e uma ofensiva com rumos divergentes no sudeste do país: tropas que deveriam atacar Mariupol se dividiram no meio.

O segundo princípio é um corolário do primeiro: concentração de forças. Apesar de chegar às ruas centrais de Kiev no terceiro dia de ação, o fez apenas com infiltrações mínimas de militares aerotransportados. Isso sugere que Putin subestimou a capital, acreditando que apenas sua chegada ao país forçaria a rendição de Zelenski, pintado na Rússia como um fantoche americano, uma versão vida real do comediante que vivia na TV antes de se tornar presidente, em 2019.

Pedra angular da doutrina militar russa, o uso maciço de barragens de artilharia e mísseis não foi aplicado nas primeiras fases do conflito. Houve, claro, ataques mais fortes como os vistos em Kharkiv e Mariupol, mas ainda não configura o "choque e terror" dos EUA no Iraque de 2003.

A Força Aérea russa ainda não foi usada de forma decisiva, deixando o trabalho principal para mísseis de cruzeiro e balísticos. Apenas um punhado de aviões de ataque Su-25 e talvez algum modelo avançado Su-34 foram vistos em ação. Helicópteros só foram observados na tomada do aeroporto de Hostomel.

Continua na pág. A9

# Rússia bombardeia centro de Kharkiv, e comboio ameaça Kiev

**Patricia Pamplona e Mayara Paixão**

SÃO PAULO E GUARULHOS O sexto dia da invasão russa da Ucrânia, que sucede o início de uma tentativa de diálogo, começou com a reorganização da estratégia de guerra adotada por Vladimir Putin e com bombardeios no centro de Kharkiv, segunda maior cidade do país do Leste Europeu, localizada a 450 km da capital Kiev, na manhã desta terça (1º).

Mísseis Grad e de cruzeiro, estes de alta precisão, atingiram áreas residenciais e o prédio oficial do governo. Ao menos dez pessoas morreram e outras 35 ficaram feridas, segundo o Ministério do Interior ucraniano, e as cifras podem aumentar à medida que os escombros forem retirados. Uma das vítimas era um estudante indiano, segundo informou a chancelaria de Déli.

Governante da região, Oleg Sinegubov descreveu os ataques como um genocídio do povo ucraniano e um crime de guerra contra a população civil. Denúncia semelhante fez o presidente Volodimir Zelenski, que classificou os ataques de "terrorismo de Estado" cometido pela Rússia.

Sobre Kiev pesa a ameaça de um comboio militar russo de 64 km que já está aproximadamente 25 km a noroeste da capital, mostram imagens de satélite. A coluna não teria feito avanços significativos ao longo do dia devido a problemas de logística, como falta de combustível, segundo uma autoridade americana informou à agência de notícias Reuters —os EUA monitoram a ameaça.

O Ministério da Defesa russo havia dito que planeja atacar pontos usados como base para serviços de segurança ucranianos. A pasta, como era de se esperar, não forneceu detalhes sobre a localização dos alvos, mas instou moradores próximos a esses locais a deixarem suas casas.

Na capital ucraniana, uma torre de televisão foi atingida, num ataque que deixou pelo menos cinco mortos e interrompeu a transmissão de canais de TV. A estrutura fica perto de um monumento a Babi Yar, local que marca um dos episódios mais sombrios da história do país, quando os nazistas mataram mais de 30 mil judeus em dois dias, em 1941.

Zelenski foi a uma rede social falar sobre o significado do episódio: "Qual o sentido de dizer '[nazismo] nunca mais' se o mundo fica em silêncio quando uma bomba cai no mesmo local de Babi Yar? É a história se repetindo".

O ataque rendeu críticas do governo de Israel, que, moderado, limitou-se a pedir que a santidade do local fosse preservada e honrada, sem mencionar nominalmente a Rússia. Mais crítico foi o Yad Vashem, o Museu do Holocausto em Jerusalém, que, em nota, descreveu o ato como um "ataque mortal da Rússia".

Na mídia local, há também relatos de explosões nos arredores da capital. O diretor da maternidade Adonis, em Buzova, a leste de Kiev, informou no Facebook que uma granada atingiu o local, que foi esvaziado. Apesar do estrago, Vitalii Girin, chefe do hospital, diz não ter havido vítimas e que o edifício segue em pé.

Mariupol, perto das regiões rebeldes separatistas de Lugansk e Donetsk, está sob constante bombardeio. Cercada desde cedo por tropas da Rússia, a cidade portuária de Kherson, próxima à península da Crimeia, anexada pela Rússia em 2014, foi invadida durante a noite (tarde em Brasília). O governo local, porém, mantinha o controle dos prédios de administração.

Um conselheiro do presidente Zelenski afirmou que a Rússia está lançando mísseis e ataques de artilharia em áreas residenciais e prédios do governo. "O objetivo é claro: pânico em massa, vítimas civis e danos na infraestrutura", disse Mikhailo Podoliak.

Explosão é vista em antena de TV em Kiev Carlos Barria/Reuters

Continuação da pág. A8

A ideia é destruir toda a defesa antiaérea ucraniana, e esse objetivo parece perto de sua conclusão, tanto que a Ucrânia pediu uma ilusória zona de exclusão aérea à Otan.

Os drones turcos que dominaram a guerra de 2020, como Kostia previu, fizeram estrago. Kiev tinha recebido seis deles, e ao menos uma coluna de blindados russa foi destruída. Os russos dizem que já abateram quase todos.

"A operação inicial foi baseada em suposições terríveis sobre a capacidade e a vontade da Ucrânia de lutar e em um conceito operacional impossível. Moscou errou feio no cálculo. Mas suas forças ainda não entraram na guerra", escreveu no Twitter o americano Michael Kofman, diretor para Rússia do centro CNA.

"Houve dificuldades. Mas a degradação das forças ucranianas é diária. É matemática", disse Konstantin Frolov, analista político em Moscou.

Na segunda (28) e nesta terça (1º), o cenário mudou. O Kremlin não colocaria quilômetros de veículos expostos a ataques aéreos, o que mostra confiança em sua tática de supressão. E a intensificação dos bombardeios em Kharkiv, para onde foi enviada ao menos uma bateria do sistema de mísseis termobáricos TOS-1, quase uma arma de destruição em massa, prenuncia uma escalada. Não são casuais, assim, as informações vazadas pelo Pentágono à mídia americana sobre a renovada ação.

E parece que linhas de suprimento foram regularizadas.

Este é um problema inerente a qualquer operação terrestre: os nazistas perderam a conquista de Moscou porque acabaram a gasolina, a munição e a comida às portas da capital soviética, em 1941.

Em 1991, a famosa "guerra das 100 horas" dos EUA contra Saddam só não perdeu o título porque soldados foram feitos de motoristas de caminhões-tanque para levar combustível à exaurida 1ª Divisão Blindada rumo a Bagdá.

O que se coloca agora é um cálculo cruzado com o relógio correndo contra o Kremlin, pressionado sob todos os lados por sanções. Com o canal diplomático aberto e novas conversas possivelmente nesta quarta, podem esperar também uma rendição.

As promessas de ajuda militar dos vizinhos da Otan não parecem se materializar na velocidade para mudar a guerra.

Mas Zelenski segue em seu posto de defensor, dado o apoio do Ocidente. Nisso concordam Kofman e Frolov: Kiev tem enorme vantagem na guerra midiática, enquanto o Kremlin tenta esconder a guerra em casa com censura.

Putin se importa com isso? Enquanto sua posição interna não estiver ameaçada, parece que não. Mas uma intervenção prolongada traz riscos crescentes que sua retórica de guerra nuclear indica.

O baixo número relativo de vítimas civis também não ficará assim se ele usar mão pesada enquanto retém a iniciativa para subjugar a Ucrânia ou manter o país dividido e fora da órbita do Ocidente.

# Fantasma da Terceira Guerra Mundial sai da aposentadoria

## Conflito e ameaças de Putin fazem ressurgir temor de embate com a Otan

**ANÁLISE**

**Igor Gielow**

SÃO PAULO O fantasma da Terceira Guerra Mundial, aquele conflito que fez Albert Einstein imaginar que a Quarta seria travada com paus e pedras, volta a assombrar o Ocidente 30 anos após aquele que parecia seu exorcismo.

Tudo cortesia do embate subjacente à guerra da Ucrânia: a disputa entre Moscou e o conglomerado Estados Unidos/Otan, centrada nas fronteiras de segurança do Leste Europeu. O Kremlin não aceita a expansão a leste de estruturas ocidentais.

Nesta terça (1º), o ministro da Defesa russo, Serguei Choigu, colocou em termos claros acerca do que é o "casus belli" do ataque à Ucrânia. "A principal coisa para nós é proteger a Rússia da ameaça militar dos países ocidentais, que estão usando o povo ucraniano na luta contra o nosso país", afirmou à agência RIA-Novosti.

Os coitados que de fato sofrem com a insegurança do Donbass, as supostas "armas nucleares que Kiev quer" e outros temas ficaram de lado.

Putin é um manipulador eficaz. No dia da declaração da guerra, na última quinta (24), ele sugeriu que usaria armas nucleares se o Ocidente se metesse em sua ação.

No domingo (27), diante de uma saraivada de sanções, decretou alerta máximo das forças estratégicas russas que havia exibido num exercício uma semana antes.

A lógica diz que ele está apenas tergiversando e que fala grosso em casa, além de riscar no chão um limite se for em frente no recrudescimento dos ataques ao vizinho.

Com efeito, não faltam analistas especulando se ele usaria na Ucrânia uma bomba atômica tática, de baixa potência (ou seja, igual à de Hiroshima). Lógica não tem sido boa conselheira nessa crise, mas isso parece demais.

Seja como for, o tema da Terceira Guerra Mundial passou a frequentar todas as entrevistas coletivas de autoridades do outro lado com uma desassombrada naturalidade.

Qualquer um que tenha crescido entre os anos 1950 e 1980 sabe o que é viver com a ideia da aniquilação nuclear, mesmo que o risco fosse exagerado muitas vezes em favor do embate ideológico. Mesmo a crise dos mísseis de Cuba (1962) poderia resultar na obliteração dos soviéticos, mas não dos americanos, mais fortes à época.

Desde o fim da União Soviética, em 1991, o fantasma contudo tirou férias. As bombas, não, ainda que o arsenal tenha caído de 70 mil ogivas para cerca de 13 mil.

Cerca de 90% nas mãos de Moscou e de Washington. Diferentemente de líderes do Ocidente, Putin fala sobre o espectro sem nenhum pudor.

E o faz para garantir que a ajuda militar da Otan não se torne mais do que imagens de comboios com munição, para desespero da Ucrânia.

O país tem recebido os devidos nãos da Otan, justamente pelo temor de uma confrontação imprevisível com a Rússia. Na segunda-feira (28), requisitou a implantação de uma zona de exclusão aérea sobre o país, um ato de guerra para os russos.

Além da admissão clara de perda de controle sobre os céus de seu país, o governo de Volodimir Zelenski ainda jogou ele mesmo com a carta da escalada inevitável. "Hoje é a Ucrânia, amanhã será a Otan", declarou o chanceler Dmitro Kuleba.

Mesmo a promessa europeia de enviar caças para Kiev parece algo delirante, exceto que pilotos poloneses decolem para fazer entrega in loco de modelos MiG-29 que ucranianos operam —e arrisquem a Terceira Guerra.

Numa cena correlata na Estônia, o secretário-geral da Otan e o premiê britânico estiveram na base multinacional comandada por forças de Londres na pequena ex-república soviética, membro do clube desde 2004.

Um tanque Challenger 2 britânico e blindados de combate CV90 estonianos enfeitavam a cena, mas as autoridades ficaram nos floreios acerca da resistência ucraniana e em como a Otan irá se defender sempre e unida.

Coube à anfitriã, Kaja Kallas, tratar de realismo. "Ainda que a Ucrânia perca temporariamente o controle sobre suas cidades, isso será algo difícil de ser mantido [para Putin]", afirmou.

Sempre um ente à parte na estrutura da Otan, a autossuficiente França viu seu ministro das Finanças falando que irá "destruir a economia russa" e lutar "uma guerra econômica total" contra Moscou.

Foi admoestado pelo ex-queridinho Dmitri Medvedev, que encantava americanos com seu jeitão de liberal quando fingiu ser presidente sob o premiê Putin de 2008 a 2012, e que hoje está encostado como número 2 do Conselho de Segurança do país. "Meçam as palavras, senhores! E não esqueçam que, na história humana, guerras econômicas costumam virar reais", escreveu em rede social.

Se o fantasma dava sinais de vida nas preliminares da guerra, fazendo as potências nucleares assinarem uma promessa de nunca atacarem com armas atômicas, ele está no "novo normal" de que Jens Soltenberg (Otan) fala.



# Russos enfrentam o cancelamento do seu país em aeroportos e no cotidiano

MOSCOU "Quantas horas a mais?", questionou, algo incrédula, Maria, ao lado de seu marido Valeri. "Cerca de três, senhora", respondeu a atendente da Turkish Airlines na segunda (28), no aeroporto moscovita de Vnukovo. O voo das 7h15 a Istambul demora, em geral, aproximadamente 1h40min para chegar.

"Eu não acredito. Claro, não é nada perto do que está acontecendo na Ucrânia, mas ainda assim", disse Maria.

Num balcão próximo, o voo das 8h da aérea Pobeda também anunciava um ganho de meia hora na rota para Kaliningrado, o "hotspot" da Rússia entre Lituânia e Polônia. Olhando no mapa, um desvio do espaço aéreo europeu vetado empresas de Moscou como retaliação pela guerra.

Enquanto no caso da Turkish, que não boicota a Rússia como outras europeias, o motivo é mais cru: não acabar abatido como ocorreu em 2014 sobre o Donbass.

Um Boeing-777 da Malaysia foi então abatido. O avião a Istambul vai quase até Varsóvia e daí desce ao sudeste.

O casal, na casa dos 30 anos, parece afluente: roupas e bagagens de marca, ao menos Maria com um bom inglês. Em 2021, foram 4,7 milhões iguais a ele, passeando na Turquia. A típica classe média que cresceu e apareceu sob Valdimir Putin, e que agora encara com temor o cancelamento de seu país no Ocidente que passou a frequentar nas duas últimas décadas.

Os jovens não quiseram comentar as razões da guerra, por concordar com Putin ou discordar e temer algum tipo de represália. A repressão é visível, afinal, em casa.

Nesta terça-feira (1º), o governo fez valer sua ameaça de censura a quem chamar a guerra de guerra, e não de "operação militar especial": tirou do ar a tradicional rádio independente Eco de Moscou, ícone dos liberais.

Enquanto essas medidas são palpáveis, assim como a suspensão de venda virtual da Apple na Rússia e o fim da emissão de novos cartões Visa e MasterCard, o clima de caça às bruxas cresce contra o russo comum. Uma repórter de grande agência de notícias baseada em Bruxelas se queixa de que está sendo olhada de lado na redação —justo ela, crítica do governo.

O resto é o rosário de medidas discutíveis: cancelamentos de artistas russos, suspensão do país da Copa do Quatar, fim da vodca russa em estados americanos.

Nada disso é mensurável ainda em termos de popularidade de Putin, algo que talvez tenha mais a ver com as filas em caixas eletrônicos vazios. A classe média sempre foi um foco de resistência. Mas o real jogo é com a elite, que ele mantém em torno de si como uma corte imperial. Ela está na mira das sanções mais pesadas. **IG**

### Países devem retomar negociação hoje, diz mídia

Representantes da Rússia e da Ucrânia devem se reunir nesta quarta (2) para uma segunda rodada de negociações em meio à guerra. A informação foi dada pela mídia ucraniana e anunciada também pela agência russa Tass, que creditou a informação a jornais do país vizinho. O encontro, porém, ainda não foi confirmado pelas diplomacias dos dois países. De acordo com membros da delegação ucraniana ouvidos pelo portal de notícias Glavkom, a Rússia teria exigido que o país vizinho se comprometesse a não se alinhar às potências ocidentais, inclusive convocando um referendo para decidir a questão. Na segunda (28), representantes russos e ucranianos se encontraram em Gomel, na Belarus. As conversas foram suspensas sem avanços claros.

# TODA MÍDIA

**Nelson de Sá**
nelson.sa@grupofolha.com.br

## Cancel Culture Against Russians Is the New McCarthyism

**'NOVO MACARTISMO'**
Com o veto a artistas russos como o regente Valeri Gergiev (dir.) e o Bolshoi, por instituições de Nova York a Londres e Milão, a Bloomberg destacou artigo denunciando 'o novo macartismo'; e o alemão Süddeutsche, de Munique, cobrou o prefeito pela 'expulsão' de Gergiev, 'um ato triste'

## No bunker com Zelenski, CNN quer saber do ator que virou ícone

Enquanto a imagem da terça era a explosão da torre de Kiev, o presidente ucraniano surgia na CNN, sem texto pronto e em inglês entrecortado, num bunker da própria capital, "cansado e estressado", na descrição do canal de notícias. "Existe alguma esperança, com o mundo assistindo, para a diplomacia?", perguntou o repórter Matthew Chance.

"Eu queria, eu realmente queria, e eu perguntei para eles: Antes de tudo, todo mundo tem que parar de lutar e ir para aquele ponto de onde começou, seis dias atrás", respondeu Volodimir Zelenski.

Após algumas frases confusas, acrescentou que, "se o outro lado não está pronto, você está só perdendo tempo".

Voltou a cobrar então, de Joe Biden, maior presença militar no país. E terminou ouvindo uma pergunta sobre sua "transformação de ator cômico em líder em tempo de guerra, mundialmente famoso".

Zelenski pareceu não gostar: "Isso é muito sério, isso não é um filme. Eu não sou um ícone. A Ucrânia é um ícone".

**CHINA NO MEIO** O Guancha, de Xangai, manchetou a conversa dos chanceleres chinês e ucraniano, citando a eventual "mediação" do conflito pela China. E a Caixin, de Pequim, informou ter ouvido do chinês TikTok que vai "reprimir desinformação sobre a guerra".

**PLANO BRASIL** O Financial Times publicou uma página comparando o Brasil do "império" PCC à "Colômbia dos anos 1990", pré-Plano Colômbia. Citando Departamento de Justiça, American University e um delegado da PF em Presidente Prudente (SP), diz que o PCC "começou a infiltrar o Estado brasileiro como os cartéis fizeram na Colômbia".

Brazil's drug empire

No Financial Times, atenção para o 'Império brasileiro da droga', como descreve o PCC

Chefe da UE, Ursula Von Der Leyen, e eurodeputados aplaudem Volodimir Zelenski (ao fundo, na tela) após discurso Yves Herman/Reuters

# UE precisa provar que está com a Ucrânia, diz Zelenski ao bloco

Presidente discursa ao Parlamento Europeu por videoconferência em meio à guerra e é aplaudido de pé

**SÃO PAULO** Um dia depois de assinar um documento pedindo oficialmente a entrada da Ucrânia na União Europeia (UE), o presidente do país, Volodimir Zelenski, fez nesta terça-feira (1º) um apelo aos líderes do bloco.

"Provem que estão conosco. Provem que não vão nos deixar. Provem que são realmente europeus, e então a vida vencerá a morte, e a luz vencerá as trevas", disse Zelenski ao Parlamento Europeu, por meio de videoconferência, num pronunciamento traduzido para o inglês por um intérprete em lágrimas.

"A União Europeia será muito mais forte conosco, com certeza. Sem vocês, a Ucrânia ficará solitária", acrescentou, ciente de que um eventual processo de adesão ao bloco europeu será longo e difícil.

Os parlamentares da UE, muitos com camisetas com a bandeira ucraniana ou lenços e fitas nas cores azul e amarela, aplaudiram o presidente de pé. A invasão chegou nesta terça ao sexto dia.

A presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, afirmou em seguida que "este é um momento de verdade para a Europa" e que a maneira como o bloco responder aos atos da Rússia vai "determinar o futuro do sistema internacional". Ela anunciou envio de € 500 milhões (R$ 2,8 bilhões) para comprar e entregar armas para a Ucrânia, além de outros € 500 milhões destinados à ajuda humanitária, auxiliando, assim, por exemplo, a recepção de refugiados que chegam a países do bloco.

A fala de Zelenski ocorreu horas depois de um bombardeio russo atingir a segunda maior cidade do país, Kharkiv. O presidente ucraniano classificou de "crime de guerra" e "terrorismo de Estado" a ofensiva russa a Kharkiv, num vídeo divulgado em seu canal no aplicativo Telegram, ocasião na qual também falou que a prioridade é defender Kiev.

No domingo (27), Von der Leyen já havia dito que a Ucrânia pertence à UE e que o bloco quer o país como membro. Em uma entrevista ao canal Euronews, afirmou que há um processo para integrar o mercado ucraniano ao mercado comum do bloco.

Nesta terça, ela outra vez se colocou ao lado da Ucrânia. "Se [o presidente russo Vladimir] Putin estava tentando dividir a UE, enfraquecer a Otan [a aliança militar ocidental] e quebrar a comunidade internacional, ele conseguiu exatamente o oposto."

O líder ucraniano solicitou ao bloco que avalie a entrada da Ucrânia em caráter de urgência e submeta o pedido a um novo procedimento especial. Oito nações das regiões central e oriental da União Europeia (Bulgária, República Tcheca, Estônia, Letônia, Lituânia, Polônia, Eslováquia e Eslovênia) pediram que a Ucrânia passe a ter status de país candidato

Mas Kiev está ciente de que qualquer processo de adesão será longo e difícil, mesmo que o país consiga, depois da guerra, não cair sob o domínio de Moscou.

Charles Michel, presidente do Conselho Europeu, disse ao Parlamento após o discurso de Zelenski que o bloco teria que analisar seriamente o pedido "legítimo" da Ucrânia, mas acrescentou: "Vai ser difícil, sabemos que há opiniões diferentes na Europa [sobre a expansão do bloco]".

O caminho para a adesão exigirá que a comissão faça uma avaliação positiva quanto à potencial candidatura da Ucrânia, um processo que pode levar até 18 meses. Haveria então um período transitório de duração indefinida durante o qual a Ucrânia precisaria adotar a totalidade da legislação da União Europeia.

Mais tarde, o chanceler alemão, Olaf Scholz, falou que "o banho de sangue deve acabar na Ucrânia" e acrescentou que a situação é muito dramática e que a Ucrânia está lutando pela sua sobrevivência.

Com Reuters

Provem que estão conosco. Provem que não vão nos deixar. Provem que são realmente europeus, e então a vida vencerá a morte, e a luz vencerá as trevas

**A União Europeia será muito mais forte conosco, com certeza. Sem vocês, a Ucrânia ficará solitária**

**Volodimir Zelenski**
presidente ucraniano, ao Parlamento Europeu

**Se [o presidente russo Vladimir] Putin estava tentando dividir a UE, enfraquecer a Otan [a aliança militar ocidental] e quebrar a comunidade internacional, ele conseguiu exatamente o oposto**

**Ursula Von der Leyen**
presidente da Comissão Europeia

## Primeira-dama do país é roteirista e foi contra marido se candidatar

**Flávia Mantovani**

**SÃO PAULO** Diante da vontade do marido de se candidatar à Presidência da Ucrânia, levando para a vida real o papel que exercia como comediante na TV, Olena Zelenska foi contra. "Não fiquei feliz com os planos. Percebi como tudo iria mudar e as dificuldades que iríamos enfrentar", disse ela à revista Vogue, em uma entrevista em 2019, primeiro ano de mandato de Volodimir Zelenski. "Mas disse que sempre iria apoiá-lo."

Três anos depois, com o país atacado por tropas russas, Olena levou esse apoio a um nível muito mais elevado. Segundo Zelenski, ela e os filhos continuam na Ucrânia, apesar de serem "o alvo número 2 dos inimigos" —o número 1 é ele, conforme disse em um discurso televisionado na última quinta-feira (24), primeiro dia do ataque comandado por Vladimir Putin ao território do país vizinho.

"Eles querem destruir politicamente a Ucrânia destruindo o chefe de Estado", disse Zelenski. "Eu continuarei na capital. Minha família também está na Ucrânia. Meus filhos estão na Ucrânia. Minha família não é traidora, eles são cidadãos da Ucrânia", continuou, referindo-se a Aleksandra, 17, e Kiril, 9.

Roteirista e fundadora do maior estúdio audiovisual da Ucrânia, Olena, que acaba de completar 44 anos, embarcou na aura de heroísmo que o Ocidente tem conferido a Zelenski no conflito. Na sexta (25), em um post com uma foto da bandeira ucraniana em sua conta de mais de 2 milhões de seguidores no Instagram, ela se dirigiu à população, dizendo que "enxerga todo mundo na TV, nas ruas, na internet".

"Vocês são incríveis. Estou orgulhosa de viver no mesmo país que vocês... Hoje eu não terei pânico nem lágrimas. Ficarei calma e confiante. Minhas crianças estão me olhando, eu estarei perto delas e perto do meu marido e com vocês. Amo vocês! Amo a Ucrânia."

Dois dias depois, ela postou a foto de uma bebê que nasceu em um bunker antibombas em Kiev, louvando os médicos e as pessoas que ajudam a cuidar dela. "Nós somos o Exército, e o Exército somos nós. E as crianças nascidas em abrigos antibombas vão viver em um país pacífico que defendeu a si mesmo."

Nesta terça (1º), Olena publicou uma homenagem às mulheres que lutam no front.

Olena se casou com Zelenski em 2003 —quando recebeu o sobrenome do marido, com a variação para o feminino, Zelenska—, como ocorre nos idiomas eslavos. Eles são da mesma cidade, Krivi Rih, na região central do país, onde o russo é a língua predominante, e foram colegas de escola, mas se aproximaram na universidade, quando ele estudava direito, e ela, arquitetura, que trocou pela carreira de escritora.

Uma das fundadoras do Studio Kvartal 95, que produz séries, filmes e programas de entretenimento, ela escreveu roteiros de programas e filmes de humor. À Vogue disse que sempre preferiu os bastidores, enquanto o marido aparecia "em primeiro plano". "Mas as novas realidades exigem suas próprias regras, e estou tentando cumpri-las", ponderou.

De fato, ela acompanhou o marido nos compromissos de campanha, posando para fotos ao lado dele. Depois da vitória na eleição, afirmou que continuava escrevendo roteiros, mas também seguiu o script de outras primeiras-damas pelo mundo, assumindo causas sociais ligadas à saúde infantil, igualdade de gênero e diplomacia cultural.

Olena trabalhou em programas voltados a melhorar a nutrição de estudantes, combater a violência doméstica e difundir a língua ucraniana no exterior, com a introdução de audioguias no idioma em museus pelo mundo, por exemplo. Ela também apoia atletas paralímpicos do país. A diplomacia cultural da primeira-dama inclui usar roupas de designers ucranianos e promovê-los quando questionada pela imprensa do Ocidente sobre qual é a marca de seus looks —algo que ela diz ocorrer com frequência.

O casal não costuma expor os filhos, apesar de a mais velha já ter atuado em alguns filmes. Já Olena Zelenska não tem muita escolha. Desde o início da guerra, seu perfil no Instagram ganhou quase 300 mil seguidores, e o interesse pela primeira-dama nas buscas do Google, de acordo com a ferramenta Trends, cresceu 900% na última semana em relação à anterior.

O paradeiro dela e dos filhos, porém, é segredo de Estado. "Onde exatamente eles estão eu não tenho o direito de dizer", afirmou o presidente, no discurso em que afirmou que não abandonariam o país.

A primeira-dama da Ucrânia, Olena Zelenska
Olena Zelenska no Instagram

# China fala com Ucrânia e mostra solidariedade

## Diplomacia de Pequim muda tom e promete esforços para fim da guerra, mas sem melindrar a Rússia de Putin

Lucas Alonso e Renan Marra

BAURU (SP) E SÃO PAULO O ministro das Relações Exteriores da China, Wang Yi, conversou por telefone com o chanceler da Ucrânia —a convite deste— nesta terça-feira (1º), no primeiro diálogo formal entre os dois países desde que a Rússia deu início à guerra, na última semana.

A conversa, de acordo com os relatos oficiais de ambas as diplomacias, sinaliza uma mudança de tom na abordagem chinesa ao conflito. Pequim é aliada de Moscou e, até agora, absteve-se de condenar a invasão nas reuniões do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas.

Na ligação, não houve qualquer crítica por parte de Wang à ofensiva militar da Rússia ou ao presidente Vladimir Putin. Mas o chinês expressou algum nível de solidariedade a seu homólogo em Kiev ao se dizer "extremamente preocupado com os danos aos civis" da Ucrânia.

Em comunicado, o governo ucraniano afirmou que o chanceler Dmitro Kuleba, por sua vez, pediu aos chineses que usem os laços com o governo russo para tentar acabar com a guerra. Kuleba teria recebido em resposta a promessa de que a China fará "todos os esforços" para resolver o conflito por meio da diplomacia.

Wang voltou a pedir uma solução baseada no diálogo, dizendo que apoia os esforços internacionais para uma resolução política. Isso ecoa a posição que, segundo Pequim, foi expressa pelo dirigente Xi Jinping em conversa com Putin na semana passada. O líder chinês teria dito que "apoia a Rússia e a Ucrânia para que elas resolvam os problemas por meio de negociações".

De acordo com o comunicado da diplomacia chinesa, Kuleba repassou a Wang "os resultados da primeira rodada de negociações entre a Ucrânia e a Rússia". Pode-se inferir, porém, que o ucraniano não teve muito a dizer nesse sentido. Representantes de Putin e de Volodimir Zelenski se reuniram na Belarus nesta segunda-feira (28), mas a mesa, que reuniu figuras importantes de ambos os países, terminou sem avanços.

Em um afago a Pequim, Kuleba teria dito que "a China desempenhou um papel construtivo" a favor do objetivo de acabar com a guerra, descrito pelo chanceler como a principal prioridade da Ucrânia.

De Wang, o representante de Kiev recebeu solidariedade. "A China está profundamente triste ao ver o conflito entre a Ucrânia e a Rússia e muito preocupada com os danos causados aos civis", disse o chinês, acrescentando que a posição de Pequim em relação à crise é "aberta, transparente e consistente".

"Sempre defendemos o respeito pela soberania e pela integridade territorial de todos os países", continuou Wang, emendando o ponto em que mais perto chegou de fazer alguma crítica à Rússia —embora não a tenha citado nominalmente. "A China sempre acreditou que a segurança de um país não deve ser alcançada às custas da segurança de outros países e que a segurança regional não pode ser alcançada pela expansão de blocos militares."

Para o ex-diplomata Fausto Godoy, coordenador do Centro de Estudos das Civilizações da Ásia da ESPM, os sinais da mudança de postura chinesa têm como pano de fundo a relação do regime de Xi Jinping com territórios que são pontos sensíveis na história do país, como Taiwan, Hong Kong, Tibete, Xinjiang e o mar do Sul da China.

No caso de Taiwan, por exemplo, a China considera a ilha uma província rebelde, porém parte inalienável do seu território. "A invasão da Rússia na Ucrânia significa a intromissão de um país nos assuntos internos de outro por meio da guerra. E tudo o que a China não quer é que isso aconteça com ela", diz Godoy.

Para ele, no momento em que o conflito se agravou, Pequim se sentiu ameaçada. Se demonstrasse apoio incondicional à Rússia, legitimando a invasão, daria margem ao entendimento de que seus territórios contestados poderiam ser invadidos no futuro.

Nas instâncias em que de fato poderia adotar ações mais incisivas para, se não pôr um fim ao conflito ao menos pressionar para que ele acabe, a China preferiu se abster. Quando o Conselho de Segurança da ONU tentou aprovar resolução para condenar a guerra iniciada por Putin, Pequim se juntou aos Emirados Árabes Unidos e à Índia e escolheu não se pronunciar.

> A China está [...] muito preocupada com os danos causados aos civis. Sempre defendemos o respeito pela soberania e pela integridade territorial de todos os países
>
> **Wang Yi**
> chanceler chinês, em ligação com colega ucraniano

Se Déli assim o fez, é porque depende militarmente de sua relação com a Rússia. Pequim, por sua vez, vê em Moscou um gigantesco parceiro comercial e seu principal aliado contra os avanços geopolíticos do Ocidente —em especial, dos Estados Unidos.

Assim, ao mesmo tempo que acena à Ucrânia, os chineses tentam não melindrar os russos. Em janeiro, Xi celebrou 30 anos de laços com Kiev, saudando o "aprofundamento da confiança política mútua". O país do Leste Europeu faz parte da Nova Rota da Seda, megaprojeto que liga Oriente Médio, Ásia, África e Europa, atravessando áreas que eram de influência da ex-União Soviética.

Por outro lado, quando as forças russas, sob ordens de Putin, invadiram a Ucrânia, a resposta formal da diplomacia chinesa foi de que a ofensiva não representava uma violação à soberania ou à integridade do território ucraniano.

Em vez disso, o porta-voz da chancelaria descreveu o cenário —que o Ocidente já chamava de guerra— como resultado de uma "combinação de fatores". Antes, a China já acusava os EUA de serem os responsáveis pela crise na Ucrânia. Para Pequim, Washington estava "aumentando as tensões, criando pânico e até aumentando a possibilidade de guerra".

À medida que o Ocidente reagiu à ação de Putin, a China rechaçou as sanções impostas a Moscou. Aliás, as relações comerciais entre os dois países são uma das apostas da Rússia para reduzir o impacto das medidas de retaliação impostas pelo Ocidente.

Enquanto isso, a China começou a retirar seus cidadãos da Ucrânia. Segundo o Global Times, jornal ligado ao Partido Comunista Chinês, a primeira leva de chineses deslocados pelo conflito inclui 200 estudantes que vivem em Kiev e 400 em Odessa, no sul do país. Eles saíram em um ônibus escoltado em direção a Moldova.

Ainda de acordo com o jornal, outros mil chineses deveriam ser retirados ainda nesta terça (1º) pelas fronteiras com a Eslováquia e a Polônia. Ao todo, 6.000 chineses se registraram na embaixada para deixar o país.

Plenário da ONU em Genebra fica praticamente vazio durante discurso gravado do chanceler da Rússia, Serguei Lavrov, em Conferência sobre Desarmamento Fabrice Coffrini/AFP

# Diplomatas boicotam chanceler russo na ONU

SÃO PAULO Dezenas de diplomatas do mundo todo boicotaram dois discursos do ministro das Relações Exteriores da Rússia, Serguei Lavrov, proferidos durante painéis da ONU em Genebra nesta terça (1º).

Vídeos mostram que o representante do Brasil não se juntou ao grupo. Também não o fizeram diplomatas de países como Venezuela, Iêmen, Argélia, Síria, Tunísia e China.

A **Folha** questionou o Ministério das Relações Exteriores do Brasil sobre a postura do país diante do boicote, mas não obteve resposta até a publicação deste texto. A posição do Brasil tem sido ambígua em relação à guerra na Ucrânia. Ao mesmo tempo em que o país condena a invasão russa em fóruns internacionais, o presidente Jair Bolsonaro tem repetido que a posição do país é de neutralidade.

Dois discursos de Lavrov, gravados em vídeo, foram transmitidos em Genebra. O primeiro, na Conferência sobre Desarmamento, e o segundo, no Conselho de Direitos Humanos, ambos instâncias da ONU. Nas duas ocasiões, o chanceler usou o espaço para justificar a guerra empenhada pela Rússia na Ucrânia.

O primeiro boicote ocorreu enquanto o russo acusava a Ucrânia de comprar armas nucleares. "O perigo que o regime do [presidente Volodimir] Zelenski representa para os países vizinhos e para a segurança internacional em geral aumentou substancialmente depois que as autoridades instaladas em Kiev entraram em um jogo perigoso com planos de adquirir suas próprias armas nucleares", disse o chanceler, no que tem sido visto por países do Ocidente como propaganda de guerra.

A plenária da Conferência de Desarmamento ficou quase vazia após mais de cem diplomatas de 40 países ocidentais e aliados se retiraram da sala. Menos de uma hora depois, no Conselho de Direitos Humanos, a cena se repetiu, e os diplomatas que realizaram o protesto se reuniram com uma bandeira da Ucrânia.

Uma semana antes de a Rússia invadir a Ucrânia, Bolsonaro visitou o presidente russo, Vladimir Putin, sob a justificativa da necessidade de ampliar laços comerciais com Moscou, em ato condenado por países como os EUA. Em entrevista na segunda (28), o presidente brasileiro se posicionou contra as sanções econômicas aplicadas à Rússia, sob a justificativa de que podem afetar o agronegócio brasileiro.

"Temos que ser cautelosos", disse ele. "Não é como alguns querem, que eu dê um soco na mesa e [diga que] 'o Brasil está desse lado ou daquele lado' e não se comenta mais nada".

Bolsonaro afirmou na entrevista que não dará "palpite nessa questão" e que o Brasil tem que entender que "é um grande país, mas tem algumas limitações e deve continuar nessa política de se aproximar de todo mundo". No mesmo dia, na Assembleia-Geral extraordinária da ONU, realizada em Nova York, o Brasil condenou a invasão russa, mas ao mesmo tempo questionou o envio de mais armas por parte de potências ocidentais para a Ucrânia, pelo risco de haver escalada no conflito.

"O enfraquecimento dos Acordos de Minsk por todas as partes e o descrédito das preocupações com a segurança vocalizadas pela Rússia prepararam o terreno para a crise que estamos vendo", disse o embaixador brasileiro nas Nações Unidas, Ronaldo Costa Filho, na tribuna da ONU. "Deixe-me ser claro, no entanto: esta situação não justifica o uso da força contra o território de um Estado membro."

Costa Filho pediu que os órgãos das Nações Unidas trabalhem conjuntamente em busca de soluções, pois a crise pode ter impacto muito mais amplo se não for contida. "Estamos sob uma rápida escalada de tensões que pode colocar toda a humanidade em risco. Mas ainda temos tempo para parar isso."

No domingo (27), Bolsonaro já havia dito que o Brasil "não pode interferir" no conflito. "Não podemos interferir. Queremos a paz, mas não podemos trazer consequências para cá", afirmou o presidente em entrevista coletiva num hotel em Guarujá (SP).

No mesmo dia, Costa Filho disse ter pedido cautela antes da aplicação de punições à Rússia. Para ele, não se pode ignorar que algumas das medidas "aumentam os riscos de um confronto mais amplo e direto entre a Otan e a Rússia".

Dois dias antes, ele havia sido firme contra Moscou. "O Conselho [de Segurança da ONU] deve reagir de forma rápida ao uso da força contra a integridade territorial de um Estado-membro. Uma linha foi cruzada, e esse conselho não pode ficar em silêncio", disse, em reunião do órgão.

### Cem brasileiros saíram da Ucrânia, e embaixada deixa Kiev

O Ministério das Relações Exteriores disse nesta terça-feira (1º) que mais de cem brasileiros conseguiram deixar a Ucrânia e chegar a países fronteiriços, principalmente Polônia e Romênia, após a invasão realizada pela Rússia. A pasta também informou que cerca de 80 brasileiros ainda permanecem em solo ucraniano e têm interesse em sair do país. A equipe da Embaixada do Brasil vai deixar Kiev após a piora na segurança na capital ucraniana causada pelo avanço das tropas russas. Em nota divulgada na noite desta terça, o Itamaraty não confirmou diretamente a informação, mas informou que abrirá postos de atendimento consular em Lviv, cidade ucraniana na fronteira com a Polônia, e em Chisinau, capital de Moldova.

# Pai ucraniano se despede da família para se juntar à resistência em Kiev

Programador, Oleksander Kharchenko se separa de mulher e filhos, que viajam para a Polônia

GUERRA NA UCRÂNIA

André Liohn

LVIV (UCRÂNIA) De cabeça baixa, rosto magro e ombros curvados, o programador Oleksander Kharchenko, 40, despede-se da sua esposa e dos seus filhos de 6 e 10 anos de idade na estação de trem da cidade de Lviv, no oeste da Ucrânia.

Ele diz que o que mais fará falta são as partidas de futebol no fim dos dias calmos que viviam na cidade de Kharkiv antes de a guerra começar. O governo ucraniano proibiu homens de 18 a 60 anos de deixar o país, mas Kharchenko afirma que ficaria na Ucrânia de qualquer forma.

"Em toda a história da Ucrânia, os russos nos forçaram a viver como eles achavam melhor. Agora o mundo é outro, a União Soviética não existe mais, eu tenho outras oportunidades, meus filhos terão mais oportunidades que eu, não precisamos mais esperar que nossas vidas sejam controladas por ditadores", afirma o programador. "O que queremos é poder ser aquilo que conseguirmos ser. Só isso."

Kharchenko espera que a mulher e os filhos, sem terem onde ficar quando chegarem à Polônia, consigam seguir para os EUA, onde um tio vive na cidade de Chicago.

Antes de partir, ele explicou à filha que o país está em guerra, mas não disse que estava deixando a família para se juntar aos militares e civis que integram a resistência em Kiev contra as tropas da Rússia.

"Claro que não contei a eles que vou combater. Não falei com minha esposa, mas minha filha percebeu e me perguntou o que estava acontecendo. Ela me perguntou se na guerra todos viravam soldados, e eu disse que ela não precisava se preocupar, mulheres e crianças não precisavam se tornar soldados."

Os trens que deixam Lviv nunca são suficientes para levar todos que querem deixar o país, e a cidade se transformou no funil onde pessoas se espremem em desespero, fugindo das áreas onde os combates entre o Exército ucraniano e as forças de ocupação russa se intensificaram.

"Ne plach, bud'laska [não chore, meu amor, não chore]", dizia uma mãe que tentava acalmar o bebê que chorava de fome, sono e frio em meio a milhares de pessoas esmagadas dentro de um corredor longo em comprimento, mas de apenas alguns passos de largura. Mulheres com rostos tristes e idosos doentes entupiam o corredor de acesso aos portões de embarque.

Nas últimas 24 horas, forças de ocupação russa intensificaram os ataques em diversas partes da Ucrânia. Imagens de satélite da empresa americana Maxar mostram que um comboio militar russo de 64 quilômetros de comprimento está se aproximando da capital Kiev.

Além das ações em Kharkiv, no norte do país, as forças russas também estão atacando as cidades de Kherson e Mariupol, na região do mar Negro.

A Rússia não divulga suas baixas na guerra, e a Ucrânia o faz parcialmente. O último balanço de Kiev, até segunda-feira (28), registrava 350 vítimas civis, sem informar sobre militares — a ONU contava 102 civis ucranianos mortos.

Sem acesso às linhas de frente, jornalistas não podem confirmar o que tem ocorrido com pessoas como Kharchenko. Uma coisa, no entanto, é certa: muitas das famílias — pais, filhas e filhos — ucranianas estão se despedindo pela última vez na estação de Lviv.

Acima, famílias ucranianas, que buscam deixar o país em guerra, aguardam na estação de trem de Lviv; à direita, Oleksander Kharchenko, 40, programador de Kharkiv que se despediu da esposa e dos dois filhos para ir à guerra em Kiev, capital sob ataque das tropas russas
Fotos André Liohn

## UCRANOTAS

**'Retórica do Kremlin é repugnante', dizem analistas da 2ª Guerra**
Especialistas em Segunda Guerra de dezenas de países manifestaram repúdio às ações militares russas na Ucrânia e às justificativas do presidente Vladimir Putin de que seu intuito é "desnazificar" o país. A declaração é assinada por mais de 200 acadêmicos. "Rejeitamos fortemente o abuso cínico que o governo russo faz da palavra genocídio, da memória da Segunda Guerra e do Holocausto e a equivalência entre o Estado ucraniano e o regime nazista para justificar a agressão não provocada. A retórica é factualmente errada, moralmente repugnante e profundamente ofensiva à memória de milhões de vítimas do nazismo e daqueles que o combateram, incluindo soldados russos e ucranianos do Exército Vermelho", diz a nota.

**Alemanha, França e Polônia apoiam aliança entre Ucrânia e UE**
Os ministros das Relações Exteriores de Alemanha, França e Polônia afirmaram nesta terça-feira (1º) que apoiam o estreitamento das relações políticas e econômicas da Ucrânia com a União Europeia. A declaração foi dada na cidade de Lodz, na Polônia, durante um encontro da organização Triângulo de Weimer, que promove a cooperação entre os três países desde 1991. "Reafirmamos nosso compromisso de estreitar a associação política e a integração econômica da Ucrânia com a União Europeia e seu mercado interno", disseram os representantes.

**EUA pedem saída de russo da ONU acusado de espionagem**
Nesta terça (1º), os Estados Unidos solicitaram a saída das Nações Unidas de um funcionário russo acusado de espionagem. O pedido se soma à tentativa, também dos americanos, de expulsar 12 integrantes da missão russa na ONU, feita na segunda-feira (28).

**Putin e Maduro falam em aumentar parceria em meio a invasão**
O presidente russo, Vladimir Putin, e o ditador venezuelano, Nicolás Maduro, conversaram sobre expandir uma parceria estratégica entre seus países em um telefonema nesta terça-feira (1º), informou a agência russa de notícias Interfax, citando o Kremlin. Eles também discutiram a situação na Ucrânia. Maduro expressou apoio à Rússia e condenou o que chamou de atividade desestabilizadora dos EUA e da Otan.

# Rainha Elizabeth retoma agenda após se recuperar da Covid-19

LONDRES | AFP E REUTERS Nesta terça-feira (1º), a rainha Elizabeth 2ª retomou seus compromissos ao participar de duas audiências virtuais com os embaixadores de Andorra e Chade. Os encontros marcam o retorno às atividades da chefe da monarquia, que estava com a agenda suspensa desde 20 de fevereiro, quando foi diagnosticada com Covid-19.

Antes de encerrar o período de isolamento ela só havia recebido a visita do príncipe William, de Kate Middleton e de seus três filhos ao ar livre, no castelo de Windsor.

De acordo com o Palácio de Buckingham, Elizabeth, 95, apresentou apenas sintomas leves da doença. No anúncio do diagnóstico, a previsão era de que a rainha mantivesse compromissos leves, mas foi necessário adiar alguns conforme os sintomas persistiam.

Mesmo em isolamento, a rainha se manifestou sobre a tragédia em Petrópolis (RJ) com uma mensagem nas redes sociais, cujo texto também foi enviado ao presidente Jair Bolsonaro (PL). Até esta segunda-feira (28), o número de mortos registrados na cidade por causa de chuvas torrenciais estava em 229.

"Meus pensamentos e orações estão com todos aqueles que perderam suas vidas, entes queridos e lares, bem como os serviços de emergência e todos aqueles que trabalham para apoiar os esforços de recuperação", disse Elizabeth na mensagem.

Em fevereiro, dez dias antes do anúncio sobre a rainha, o príncipe Charles, 73, havia sido diagnosticado com Covid-19 pela segunda vez. Sua mulher, Camilla Parker-Bowles, 74, também contraiu o vírus, de acordo com um anúncio feito pela Clarence House, residência oficial do príncipe, alguns dias depois. Charles esteve com a mãe dois dias antes de saber da reinfecção.

Após a divulgação do diagnóstico de Covid dela, líderes como Boris Johnson (primeiro-ministro britânico), Tedros Adhanom (diretor da Organização Mundial da Saúde) e Sadiq Khan (prefeito de Londres) enviaram mensagens desejando a recuperação da rainha.

A saúde de Elizabeth, que completa 70 anos de reinado em 2022, tem despertado mais preocupação desde outubro do ano passado, quando ela precisou passar uma noite no hospital para realizar exames. Foi a primeira internação da rainha desde 2013.

Na época, ela foi orientada pelos médicos a cancelar a participação em atos públicos para repousar. Mesmo assim, foi vista dirigindo sozinha em torno de sua propriedade, no Castelo de Windsor, contrariando a recomendação médica de repouso forçado durante duas semanas.

Elizabeth 2ª retomou a agenda de compromissos públicos mais de três meses depois, no dia 5 de fevereiro, véspera de seu Jubileu de Platina, quando conheceu trabalhadores de caridade na Sandringham House e cortou um bolo comemorativo.

Em junho, para celebrar os 70 anos de Elizabeth 2ª no trono, estão previstos quatro dias de comemorações nacionais.

# mercado

Trabalhador agrícola mostra fertilizantes que serão usado em plantação de soja nos arredores de Brasília Adriano Machado/Reuters

# Sanções podem afetar até importações já embarcadas

## Para especialistas em comércio exterior, maior risco é com remessas de adubos

SÃO PAULO As sanções impostas à Rússia, como a retirada de bancos do sistema internacional de pagamentos Swift e o congelamento de parte das reservas internacionais, podem inviabilizar o embarque de produtos daquele país para o Brasil e até atrasar o desembarque de mercadorias que já vêm a caminho.

Especialistas na área de comércio exterior avaliam que o maior risco para o Brasil neste momento é não garantir a entrega de adubos e fertilizantes, produtos que representaram 62% das importações vindas da Rússia em 2021.

Já exportações poderiam ser direcionadas para outros países, uma vez que os russos representaram apenas 0,6% do mercado exterior para os brasileiros no ano passado.

Mauro Lourenço Dias, diretor-presidente da Fiorde Logística Internacional, afirma que as sanções impostas à Rússia podem inviabilizar a concessão de cartas de crédito a exportadores e importadores. Sem essa garantia de recebimento, empresas brasileiras e suas contrapartes russas não teriam segurança para concretizar suas operações.

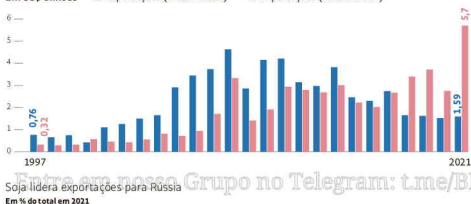
Segundo ele, isso coloca a Rússia em situação semelhante às de Cuba, da Venezuela e do Irã, excluídos do sistema bancário internacional.

Dias afirma que mesmo mercadorias que já foram embarcadas podem ficar retidas mais tempo nos portos brasileiros até que a empresa importadora consiga fazer o dinheiro chegar ao vendedor na Rússia. "O navio vai chegar aqui e vai ter dificuldade de liberar a carga."

José Augusto de Castro, presidente da AEB (Associação de Comércio Exterior do Brasil), afirma que o Brasil tem como compensar uma possível queda nas exportações de produtos para Rússia, entre eles a soja, carne e café, direcionando a oferta para outros países.

Em 2021, a Rússia responde por apenas 0,6% das vendas brasileiras ao exterior, com valores que representam cerca de um terço do verificado em 2008, durante o boom anterior de commodities.

Para ele, o problema será a importação, especialmente de fertilizantes. Esses produtos representaram 62% das compras brasileiras de produtos russo em 2021. No ano passado, a importação desses insumos alcançou o valor recorde de US$ 3,5 bilhões, um aumento de 98% em relação a 2020.

"O que se vende de carne, soja e outras coisas para lá não é tão importante. A exportação no ano passado foi de R$ 1,6 bilhão. Isso você pode colocar em outros países sem nenhum problema", afirma.

"Agora, na importação de fertilizantes, não tem mercado alternativo hoje. Se deixo de comprar fertilizantes, vai afetar a produtividade e vamos ter menos produtos para exportar, seja para a Rússia ou para outros países."

O presidente da AEB diz que as dificuldades com o sistema de pagamento Swift são um segundo problema. O primeiro será garantir que a oferta do insumo não seja afetada. Ele avalia que os russos podem segurar suas vendas para valorizar o produto, pois sabem que não há alternativas hoje para os compradores.

"O Brasil, por ser o grande produtor do agronegócio, depende do fertilizante da Rússia e também da Ucrânia. Não temos mercado alternativo. Novos embarques vão depender do que a Rússia decidir e ela pode suspendê-los."

No ano passado, o Brasil exportou US$ 1,6 bilhão para a Rússia e importou um recorde de US$ 5,7 bilhões (107% a mais do que em 2020), segundo o Ministério da Economia.

Os gargalos no comércio exterior são mais um fator que deve contribuir para a alta de preços de importados.

Economistas avaliam que os conflitos na Ucrânia tendem a gerar um aumento da pressão inflacionária no Brasil, o que pode levar a uma necessidade de juros ainda maiores por parte do Banco Central, e, consequentemente, a um crescimento menor.

Sérgio Vale, economista-chefe da MB Associados, assinala que o Brasil importou cerca de 40 milhões de toneladas de fertilizantes ao longo do ano passado.

Dessa quantia, pouco mais de 20% foi proveniente da Rússia, aponta o economista, acrescentando que a tendência natural é de um aumento no preço dos insumos, frente à escalada bélica na Ucrânia e as sanções de países do Ocidente contra a Rússia.

"A guerra na Ucrânia traz um choque que não é nada trivial em cima de uma economia brasileira que já está muito pressionada por uma inflação de dois dígitos", diz.

Com uma projeção de 5,8% para o IPCA para este ano e com uma Selic de 12,25%, o economista-chefe afirma que os conflitos no Leste Europeu devem fazer com que a inflação brasileira alcance a marca dos 6% em 2022, com uma taxa de juros que pode chegar mais perto de 13% ao final do ciclo de aperto monetário.

Neste cenário, o crescimento da atividade econômica, que a MB Associados já previa próximo de zero em 2022, tende a ficar no campo negativo, diz o economista.

"Não dá para descartar que a gente tenha, de fato, uma recessão", afirma Vale.

Ele lembra que, além da escalada dos riscos globais, é preciso atenção também com o cenário doméstico, em que as incertezas na política devem turvar ainda mais a expectativa do mercado para o desempenho econômico.

"Além da pressão de preços trazida pela alta das commodities, a corrida por ativos mais seguros deve favorecer uma apreciação do dólar, em detrimento a moedas de mercados emergentes como o Brasil", diz Alexandre Schwartsman, economista da consultoria Schwartsman & Associados e ex-diretor de assuntos internacionais do BC.

Embora a inflação deste ano deva ser menor do que a de 2021, a desaceleração esperada para os preços deve ocorrer de maneira mais lenta do que se previa anteriormente, afirma Schwartsman.

No mais recente relatório Focus, a mediana das projeções aponta inflação de 5,56% no ano, com um PIB de 0,30% e uma taxa Selic de 12,25%.

"Pelo andar da carruagem, não descartaria a inflação testando níveis acima de 6% neste ano, com a possibilidade de postergação da convergência da inflação à meta para 2024", diz ele.

Soja lidera exportações para Rússia
Em % do total em 2021

| Produtos mais exportados | % |
| --- | --- |
| Soja | 22,0 |
| Carnes de aves | 11,0 |
| Café não torrado | 8,4 |
| Amendoins | 8,2 |
| Açúcares | 8,0 |
| Carnes bovinas | 7,3 |

| Produtos mais importados | % |
| --- | --- |
| Adubos ou fertilizantes químicos | 62,0 |
| Carvão | 8,4 |
| Óleos combustíveis | 7,6 |
| Produtos semi-acabados de ferro ou aço | 6,5 |

Fonte: Ministério da Economia

> Na importação de fertilizantes, não há alternativa hoje. Se deixo de comprar fertilizantes, vamos ter menos produtos para exportar, seja para a Rússia ou para outros países
>
> **José Augusto de Castro**
> presidente da AEB

# Guerra na Ucrânia revelou a verdadeira fraqueza do regime de Putin

**OPINIÃO**

**Paul Krugman**
Prêmio Nobel de Economia, colunista do jornal The New York Times

Cuidado, Vladimir Putin: a primavera está chegando. E quando ela chegar você perderá grande parte da vantagem que ainda tiver.

Antes que Putin invadisse a Ucrânia, eu poderia ter descrito a Federação Russa como uma potência de médio porte lutando acima do seu peso em parte por explorar as divisões e a corrupção ocidental, em parte por manter uma poderosa força militar. Desde então, porém, duas coisas ficaram claras. Primeiro, Putin tem ilusões de grandeza. Segundo, a Rússia está ainda mais fraca do que a maioria das pessoas, inclusive eu, parecia perceber.

Há muito está evidente que Putin quer desesperadamente restabelecer a posição da Rússia como Grande Potência. Seu já infame discurso de "não existe algo chamado Ucrânia", em que ele condenou Lênin (!) por dar a seu vizinho o que Putin considera uma falsa sensação de identidade, deixou claro que seu objetivo vai além de recriar a União Soviética --ele aparentemente quer recriar o império czarista. E aparentemente pensou que poderia dar um grande passo nesse sentido com uma guerra curta e vitoriosa.

Até agora não saiu conforme planejado. A resistência ucraniana tem sido feroz; os militares russos foram menos eficientes do que se anunciava. Fiquei especialmente marcado por reportagens de que os primeiros dias da invasão foram prejudicados por graves problemas logísticos —isto é, os invasores tiveram dificuldade para equipar suas forças com o básico da guerra moderna, principalmente combustível. É verdade que problemas de abastecimento são comuns na guerra; mas a logística é uma coisa em que os países avançados deveriam ser realmente bons.

Entretanto, a Rússia parece cada vez mais menos um país avançado.

A verdade é que eu estava sendo generoso ao descrever a Rússia como uma potência de médio porte. A Grã-Bretanha e a França são potências de médio porte; o PIB da Rússia é apenas pouco mais da metade de cada uma delas. Parecia notável que um estado tão economicamente peso-leve pudesse sustentar militares de classe mundial, altamente sofisticados --e talvez não pudesse.

Isto não pretende negar que a força que arrasa a Ucrânia tem enorme poder de fogo e pode até tomar Kiev. Mas eu não me surpreenderia se a análise posterior à guerra da Ucrânia acabar mostrando que havia muito mais podridão no centro dos militares de Putin do que qualquer um percebia.

[...]

> A Rússia de Putin não é uma tirania hermética como a Coreia do Norte. Seu padrão de vida é sustentado por grandes importações de manufaturas, a maioria paga por venda de petróleo e gás natural

E a Rússia parece ainda mais fraca economicamente do que antes de ir à guerra.

Putin não é o primeiro ditador brutal a fazer de si próprio um pária internacional. Até onde posso ver, entretanto, ele é o primeiro a fazê-lo enquanto preside uma economia profundamente dependente do comércio internacional —e com uma elite política acostumada, mais ou menos literalmente, a tratar as democracias ocidentais como seu quintal.

Pois a Rússia de Putin não é uma tirania hermética como a Coreia do Norte ou, em certo sentido, a antiga União Soviética. Seu padrão de vida é sustentado por grandes importações de manufaturas, a maioria paga por venda de petróleo e gás natural.

Isso deixa a economia russa altamente vulnerável a sanções que podem perturbar seu comércio, realidade refletida na forte queda na segunda-feira (28) no valor do rublo, apesar de um grande aumento nas taxas de juros domésticas e tentativas draconianas de limitar a fuga de capitais.

Antes da invasão era comum falar sobre como Putin tinha criado a "fortaleza Rússia", uma economia imune a sanções econômicas, acumulando um enorme tesouro de guerra em reservas cambiais. Hoje, porém, esse discurso parece ingênuo. O que, afinal, são reservas cambiais? Não são sacos de dinheiro. Na maior parte, elas consistem em depósitos em bancos internacionais e propriedades em dívidas de outros governos —isto é, ativos que podem ser congelados se a maior parte do mundo se unir em repulsa contra a agressão militar de um governo vilão.

É verdade, a Rússia também tem um volume substancial de ouro no país. Mas quão útil é esse ouro como meio de pagar por coisas de que o regime Putin precisa? Você pode realmente conduzir uma empresa moderna de grande escala com lingotes?

Finalmente, como comentei na semana passada, os oligarcas russos estocaram a maior parte de seus ativos no exterior, tornando-os sujeitos a congelamento ou confisco se governos democráticos quiserem. Você poderia dizer que a Rússia não precisa desses ativos, o que é verdade. Mas tudo o que Putin fez no cargo sugere que ele considera necessário comprar o apoio dos oligarcas, por isso sua vulnerabilidade é a vulnerabilidade dele.

Um enigma sobre a imagem de força da Rússia pré-Ucrânia era como um regime cleptocrático conseguia ter militares eficientes e efetivos. Talvez não tivesse.

Mesmo assim, Putin ainda tem um ás na manga: políticas ineficazes tornaram a Europa profundamente dependente do gás russo, potencialmente inibindo a reação do Ocidente à sua agressão.

Mas a Europa queima gás principalmente para aquecimento; o consumo de gás é 2,5 vezes maior no inverno do que no verão. Bem, o inverno vai acabar em breve —e a União Europeia tem tempo para se preparar para mais um inverno sem gás russo se estiver disposta a fazer opções difíceis.

Como eu disse, Putin pode até tomar Kiev. Mas mesmo que o faça ele terá se tornado mais fraco, e não mais forte. A Rússia agora se revela uma superpotência Potemkin, com muito menos força real do que parece.

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves

# PAINEL S.A.

Joana Cunha
painelsa@grupofolha.com.br

## Bandeira branca

Empresários alinhados ao governo Bolsonaro têm se manifestado contra a guerra na Ucrânia em um movimento oposto à orientação apontada até agora pelo presidente brasileiro. As críticas mais fortes partem do dono do Madero, Junior Durski, que tem laços na região e leva receitas ucranianas e polonesas ao seu cardápio. O empresário publicou mensagem em rede social dizendo que a guerra é absurda, insana e insensata. "Que Deus tenha misericórdia", escreveu.

**ÁGUA NO FEIJÃO** "Este presidente russo é desumano. Vamos nos preparar para fazer a nossa parte, para receber nossos irmãos ucranianos de braços abertos, oferecer apoio, assistência e emprego aos que fugirem da guerra e imigrarem, como os brasileiros fizeram com nossos antepassados", escreveu Durski.

**TRINCHEIRA** Salim Mattar, fundador da Localiza, que chegou a ocupar uma secretaria na gestão bolsonarista, também foi às redes sociais dizer que guerras são inaceitáveis nos dias de hoje e representam a falência do diálogo.

**SIRENE** "Líderes tomam decisões que geram a guerra, que, por consequência, destroem ativos e custam vidas da população. As marcas dos traumas perduram por anos e alguns podem ser eternos", disse Mattar na internet.

**ESPELHO** Winston Ling, conhecido como o empresário que apresentou Paulo Guedes a Bolsonaro na campanha em 2018, fez piada com a guerra para defender a harmonia entre os países. Ling, que investe em negócios ligados a concurso de beleza, publicou na internet uma foto de duas mulheres sentadas ao lado uma da outra e sorrindo entre si.

**REFLEXO** Na imagem, uma delas usa faixa de miss da Rússia e a outra, da Ucrânia. Na legenda, Ling diz que é assim que as coisas deveriam ser. Bolsonaro tem poupado o presidente russo Vladimir Putin de críticas e diz que é exagero falar em massacre nesta guerra.

**COPO** Após uma série de chamados para boicotes à vodca russa nos EUA, a entidade que representa o setor de destilados no país divulgou uma manifestação sobre a origem dos produtos. Segundo o Distilled Spirits Council, menos de 2% da vodca consumida nos EUA sai da Rússia. Marcas como Smirnoff, Ciroc, Svedka e SKYY são feitas em países como Suécia, França e EUA.

**TRAGO** Governadores de estados como Texas, Ohio e New Hampshire determinaram que os varejistas tirem o destilado russo das prateleiras, em apoio à Ucrânia.

**CLIQUE** Na corrida das drogarias para começar a vender os autotestes de Covid, o Grupo DPSP, dono das redes Pacheco e São Paulo, começou a oferecer o produto pela internet nesta terça (1º). A partir de sexta (4), os autotestes chegarão às lojas físicas do grupo em São Paulo e Rio. A concorrente RaiaDrogasil também anunciou o início das vendas dos exames em suas lojas nesta semana.

**CALMA** Na pressa de levar o produto ao mercado, as gigantes do varejo farmacêutico queimaram a largada ainda em janeiro, logo após a liberação da Anvisa. As redes chegaram a colocar os autotestes à venda antes mesmo do registro dos produtos na agência reguladora, mas tiveram de recolher.

**ESTETOSCÓPIO** O Idomed, novo braço de negócios criado para abrigar a área de medicina da Yduqs (antiga Estácio), prepara expansão no sul do país. A empresa vai elevar de 50 para 150 o número de vagas anuais do curso de graduação em medicina pela Faculdade Estácio de Jaraguá do Sul, em Santa Catarina.

**JALECOS** A autorização foi concedida pelo MEC na semana passada. A unidade do município catarinense tem hoje cerca de 200 alunos, segundo a empresa. A meta no médio prazo, afirma a Yduqs, é dobrar o patamar de 7.000 alunos que o Idomed tem em seus cursos no país atualmente.

**BOLETO** Um grupo de dez associações representantes de setores produtivos e de inovação lançou um manifesto em defesa do INPI (Instituto Nacional de Propriedade Industrial). Dirigido ao Ministério da Economia e ao Congresso, o texto pede recomposição do orçamento para o ano e a aprovação de concurso para novos servidores.

**TESOURA** "Uma drástica redução no orçamento do INPI é incompatível com a busca por desenvolvimento do setor brasileiro de inovação", diz o documento, que tem as principais entidades do setor farmacêutico entre as signatárias, como FarmaBrasil, Sindusfarma e PróGenéricos.

com Andressa Motter e Ana Paula Branco

# INDICADORES

**JUROS**
Jan., em % ao mês ■ Mínimo ■ Máximo

Fonte: Procon-SP

**CONTRIBUIÇÃO À PREVIDÊNCIA**
Competência janeiro

| Autônomo e facultativo | | | |
|---|---|---|---|
| Valor mín. | R$ 1.212,00 | 20% | R$ 242,40 |
| Valor máx. | R$ 7.087,22 | 20% | R$ 1.417,44 |

O autônomo que prestar serviços só a pessoas físicas (e não a pessoas jurídicas) e o facultativo podem contribuir com 11% sobre o salário mínimo. Donas de casa de baixa renda podem recolher sobre 5% do piso nacional. O prazo para o facultativo e o autônomo que recolhe por conta própria venceu em 15.fev

| MEI (Microempreendedor) | | | |
|---|---|---|---|
| Valor mín. | R$ 1.212 | 5% | R$ 60,60 |

| Assalariado | Alíquota |
|---|---|
| Até R$ 1.212,00 | 7,5% |
| De R$ 1.212,01 até R$ 2.427,35 | 9% |
| De R$ 2.427,36 até R$ 3.641,03 | 12% |
| De R$ 3.641,04 até R$ 7.087,22 | 14% |

O prazo para recolhimento das contribuições do empregado vence em 18.fev. As alíquotas progressivas são aplicadas sobre cada faixa salarial que compõe o salário de contribuição

**IMPOSTO DE RENDA**

| Em R$ | Alíquota, em % | Deduzir, em R$ |
|---|---|---|
| Até 1.903,98 | Isento | |
| De 1.903,99 até 2.826,65 | 7,5 | 142,80 |
| De 2.826,66 até 3.751,05 | 15 | 354,80 |
| De 3.751,06 até 4.664,68 | 22,5 | 636,13 |
| Acima de 4.664,68 | 27,5 | 869,36 |

**EMPREGADOS DOMÉSTICOS**
Considerando o piso na capital e Grande SP

| R$ 1.296,32 | Valor, em R$ |
|---|---|
| Empregado | 98,48 |
| Empregador | 259,25 |

O prazo para o empregador do trabalhador doméstico venceu em 7.fev. A guia de pagamento do empregador inclui a contribuição de 8% ao INSS, 8% do FGTS, 3,2% de multa rescisória do FGTS e 0,8% de seguro contra acidente de trabalho. A contribuição ao INSS do doméstico deve ser descontada do salário. Sobre o piso da Grande SP, as alíquotas do empregado são de 7,5% e 9%. Para salário maior, de 7,5% a 14%, aplicadas sobre cada faixa do salário, até o teto do INSS

# Como a guerra na Ucrânia afeta empresas com ações na Bolsa

Mercado de ações volta a funcionar no Brasil nesta quarta-feira; no mundo, algumas das principais bolsas fecharam de novo em queda

Eduardo Cucolo

**SÃO PAULO** A guerra na Ucrânia deve elevar os custos de empresas brasileiras do setor de alimentos e bebidas que dependem de matérias-primas como trigo e milho, esse último utilizado como ração para animais. Até mesmo o preço de cervejas que levam esses dois ingredientes pode ser afetado caso a crise se prolongue, segundo relatórios do Itaú BBA que analisam companhias brasileiras de capital aberto com ações na B3.

Nos últimos dias, diversos analistas têm apontado que as maiores preocupações neste momento não são os impactos nas exportações brasileiras —a Rússia representa apenas 0,6% das nossas vendas ao exterior. O problema maior estaria nas importações e no preço de algumas commodities.

Rússia e Ucrânia respondem por cerca de 30% das exportações globais de trigo e quase 20% de milho, que tiveram forte alta nos últimos dias.

Um desequilíbrio mundial de oferta de milho pode pressionar as margens da companhia BRF, dada a representatividade do insumo no negócio da empresa —na alimentação de porcos e aves.

"Apesar de enxergarmos a possibilidade da BRF se beneficiar com uma possível quebra na oferta de frango por parte da Ucrânia, entendemos que a inflação de custo do milho deve superar a melhora no cenário dessa proteína, reforçando uma tendência negativa", diz o banco, que manteve recomendação neutra (desempenho em linha com a média do mercado) para o papel BRFS3.

No relatório divulgado na semana passada, os analistas também citam o risco de compressão de margens para a JBS, considerando as operações de frangos e porcos no Brasil e nos EUA.

Por outro lado, nas unidades produtoras de carne bovina o impacto dos grãos deve ser irrelevante, a não ser que toda a cadeia de proteínas fique desequilibrada por um

**Fechamento das bolsas globais nesta terça**
Variação das bolsas globais, em %

Fonte: Bloomberg

período mais extenso. O Itaú manteve a recomendação de "compra" para o papel JBSS3.

Em relação a outros dois grandes do setor de carnes, os analistas afirmam não ver impactos diretos na Marfrig (a não ser por seu investimento na BRF) e dizem que os dois países não são parceiros comerciais tão relevantes para o Minerva. Foram mantidas as recomendações de "compra" para MRFG3 e BEEF3.

Milho e trigo representam cerca de 10% da estrutura de custos da Ambev, segundo estimativa do banco —algumas utilizam milho e trigo. Mas a companhia possui uma política de proteção (hedge) contra flutuação de preços de aproximadamente 12 meses.

"Avaliamos que os resultados de um aumento nos preços seriam observados apenas em 2023 e caso esta alta permanecesse por um longo período." A recomendação do banco é neutra para ABEV3.

O relatório cita também a M. Dias Branco. Nos três primeiros trimestres de 2021, o trigo representou aproximadamente 43% de toda a estrutura de custos da companhia. A avaliação é que a empresa não está mais conseguindo repassar a inflação para os consumidores na mesma velocidade e grau de antes e que um aumento no preço das commodities pode impactar negativamente as margens.

"Apesar disso, não enxergamos risco de desabastecimento nesse momento, porque o Brasil importa menos de 3% (média de 2018 a 2021) de trigo da Rússia e da Ucrânia." Foi mantida a recomendação neutra para a ação MDIA3. Embora a Camil esteja no setor de massas, segmento dependente do trigo, por meio da Santa Amália, essa operação é pouco representativa. Por isso, não são esperados grandes impactos —recomendação neutra para CAML3.

Em outro relatório, o banco analisou os grandes setores representados na B3 que poderiam ser afetados pelo conflito. A valorização do petróleo e gás, cujos preços devem continuar em alta, deve beneficiar os papéis de PetroRio e 3R. "Já as implicações para a Petrobras não são tão diretas, uma vez que há uma preocupação na capacidade da empresa de repassar esse aumento para os preços dos combustíveis."

Companhias aéreas, por outro lado, devem ser prejudicadas, dado que empresas como Azul e Gol têm uma parte relevante de seus custos associados aos preços dos combustíveis.

Também é esperado impacto negativo para Natura &Co, pois a Avon Internacional tem cerca de 50% de suas vendas na região do Leste Europeu, uma grande parcela na Rússia.

Os analistas veem ainda efeitos positivos para SLC Agrícola, produtora de algodão, milho e soja, e na CBA (Companhia Brasileira de Alumínio), pois a Rússia é grande produtora também nesse mercado.

**+ O QUE ENTRA NA ANÁLISE**

- a escassez e o preço de insumos que a empresa compra
- a alta de preços de produtos que a empresa vende
- o grau de diversificação das empresas que podem ter alta de custos
- o efeito da guerra sobre concorrentes da empresa

# Guedes afirma que dará isenção de Imposto de Renda para investidores estrangeiros

Rafael Balago

**WASHINGTON** O governo brasileiro deve anunciar nos próximos dias a isenção de Imposto de Renda para investimentos estrangeiros em títulos de dívidas de empresas brasileiras. Na prática, isso tornará mais barato que elas obtenham recursos de empréstimos do exterior.

A expectativa é que a medida ajude na capitalização de empresas que investiram na privatização no Brasil, como na concessão de estradas. "As empresas privadas precisam de financiamento barato. No passado, quando o governo era o condutor [de investimentos], demos isenção fiscal para investidores estrangeiros comprarem títulos [ligados ao governo]. Agora que o condutor é o investimento privado, precisamos dar a mesma isenção. Então estaremos removendo impostos em investimentos estrangeiros em títulos privados. Deveremos anunciar isso na semana que vem", disse o ministro Paulo Guedes à **Folha**, em Nova York.

A medida deve reduzir a arrecadação em R$ 450 milhões por ano e pode ser tomada pelo Executivo, sem passar pelo Congresso. Atualmente, há incidência de 15% sobre os ganhos de capital nestas aplicações, quando elas são realizadas por não brasileiros.

Guedes viajou aos EUA para encontros com investidores, em Nova York e em Miami. Nesta terça (1), o ministro participou de um evento na Brazilian American Chamber of Commerce em Nova York. Ele falou a uma plateia de cerca de 40 pessoas, formada por empresários e representantes do mercado financeiro, por cerca de duas horas.

Ele disse que as pessoas no exterior podem estar mal-informadas sobre a situação atual do Brasil e citou dados que considera positivos, como a queda do desemprego para 11,6%. Voltou a dizer que a inflação no país deve ser controlada este ano.

**Não é Bolsonaro que destruiu o Brasil. O país vem sendo destruído há 40 anos. Ele tem más maneiras, mas é um cara legal**

**Paulo Guedes**
ministro da Economia

Guedes fez uma defesa do governo Jair Bolsonaro. Disse que a gestão está fazendo uma transição de um modelo de economia capitaneado pelo Estado, adotada, na visão dele, por todos os governos desde a ditadura militar, para um cenário onde os investimentos privados predominam.

Ele avalia que a crise brasileira atual, com alto desemprego e perda de renda e de compra, é fruto de governos passados, que gastaram muito dinheiro público e sufocaram o empreendedorismo por excesso de regras e impostos.

"Não é Bolsonaro que destruiu o Brasil. O país vem sendo destruído há 40 anos", afirmou. "Ele tem más maneiras, mas é um cara legal", disse, em inglês. Também disse que Bolsonaro e partidos de direita chegam em situação competitiva às eleições deste ano.

# Rússia, o efeito bumerangue

## Guerra econômica contra Putin começa a afetar também países do 'Ocidente'

**Vinicius Torres Freire**
Jornalista, foi secretário de Redação da Folha. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA).

Estados Unidos, União Europeia e aliados declararam guerra econômica contra a Rússia. Mas tentaram evitar tiros que saíssem pela culatra, como proibir a compra de petróleo, gás e grãos russos, o que faria o preço dessas commodities explodir.

Não daria certo, em geral. Algum tumulto econômico mundial haveria. Mas não está dando certo também no caso de energia e comida.

Os preços de petróleo, trigo, milho, por tabela o da soja e das carnes, estão subindo muito não apenas por medo do futuro. Estão subindo porque empresas e bancos do "Ocidente" evitam negócios com a Rússia por conta própria, mesmo sem sanções de seus governos.

EUA, UE e aliados confiscaram o dinheiro que os russos guardam no exterior, as reservas internacionais que qualquer país tem. Proibiram os negócios de suas empresas e finança com os maiores bancos russos. Vão até comprar armas para que ucranianos matem russos. Mas permitem negócios com energia, agricultura, remédios, equipamentos médicos etc.

Por conta, empresas deixam de comprar energia na Rússia. O barril do Urais, "marca" de petróleo russo, está sendo vendido a 11% menos que o Brent, "marca" negociada em Londres e preço de referência mundial. Isso quer dizer que tem petróleo russo sobrando, mesmo em um mercado mundial apertado.

Por falar nisso, o Brent subiu mais de 9% nesta terça, para US$ 107, alta de 38% só neste ano.

Empresas e bancos americanos e europeus temem negócios com a Rússia. Temem fazer operação que possa ser considerada ilegal pelos governos de seus países. Temem calote, pois a Rússia pode ficar sem moeda "forte" para pagar as contas; asfixiada, impõe cada vez mais controles de capitais: medidas para impedir a saída de dólares, euros etc.

Por vezes, as empresas não conseguem crédito para financiar suas compras. Ou não podem pagar o seguro contra calotes ou o de transporte ou o frete marítimo, caríssimos. Navios nem passam pelos portos de Ucrânia e Rússia no Mar Negro, bloqueados pela marinha de guerra; navios mercantes já levaram tiro. As maiores fretadoras do mundo já disseram que vão evitar portos russos.

As exportações bloqueadas de grãos pelo mar Negro, embora pequenas nesta época, pressionam os preços. Mais importante, há o risco de que grãos russos saiam do mercado, de que a Ucrânia não consiga fazer seu plantio ou de que falte fertilizante no mundo inteiro.

Rússia e Ucrânia vendem 30% do trigo no mercado mundial, 20% do milho. A Rússia é o maior exportador de fertilizante. Tem quase 8% do mercado de exportações de petróleo (dado de dezembro). A asfixia financeira russa pode dar em calote da dívida externa, o bastante para causar acidentes.

As taxas de juros da dívida de governos dos EUA e da Europa caíam muito nesta terça-feira. Isto é, investidores mais compram do que vendem esses títulos. Procuram um ativo seguro, no tumulto. Também acreditam que a guerra vai conter o crescimento econômico, levando os bancos centrais de EUA e da União Europeia a serem mais comedidos na campanha de alta de juros para combater a inflação já bem alta.

Mas a inflação não vai subir mais, dado o choque de preços? Não subiria mais, sem alta de juros? A desaceleração econômica provocada pela guerra será suficiente para conter a carestia? Os argumentos parecem disparatados.

Em suma, mesmo tratando apenas do curtíssimo prazo, o mundo virou do avesso em poucos dias e ainda vai ser muito retorcido nos tempos por vir. De mais imediato, o que se pode dizer é que os tiros da guerra contra Putin em parte são um bumerangue contra o "Ocidente".

**SINDICATO DOS EMPREGADOS DE EDIFÍCIOS DE SÃO PAULO, ZELADORES, PORTEIROS, CABINEIROS, VIGIAS, FAXINEIROS, SERVENTES E OUTROS - Edital - Contribuição Sindical - Exercício 2022 -** Sindicato dos Empregados de Edifícios de São Paulo, Zeladores, Porteiros, Cabineiros, Vigias, Faxineiros, Serventes e Outros, no município de São Paulo-Capital, inscrito no CNPJ sob o nº 43.070.481/0001-14, com Sede na Rua sete de abril nº 34, Cep: 01044-000-Centro-São Paulo/SP; pelo presente edital expedido em cumprimento ao artigo 605 da CLT; cientifica aos senhores empregadores, inclusive aqueles que mantiverem em seu quadro de funcionários ascensoristas(categoria diferenciada) e empregados de pessoas jurídicas constituídas em condomínios horizontais e verticais de prédios e edifícios comerciais, industriais, residências e mistos, horizontais e verticais, Zeladores, Porteiros, Cabineiros, Vigias, Faxineiros, Serventes e Outros e/ou por esses contratados correspondentes à base territorial do município de São Paulo/SP; que deverão descontar dos salários de seus empregados no mês de março/2022, a contribuição sindical(Artigos 578 a 591 da CLT), referente 1/30 da remuneração do empregado, ou seja, um dia de trabalho(artigo 582 CLT) e efetuar o respectivo recolhimento até o dia 30 de abril de 2022(art.583 CLT) na Caixa Econômica Federal, lotéricas ou nos estabelecimentos bancários nacionais integrantes do Sistema de Arrecadação dos Tributos Federais(art.586 CLT). Referido recolhimento deverá ser efetuado em guias próprias ou boletos bancários, as quais já estão sendo enviadas, devendo os empregadores que não as receber até 30 de março de 2022, solicitá-las na Rua Sete de abril, nº 34, 1º andar-Centro/SP (Sede do Sindicato); fone: 3123-3273 e-mail: cobranca@sindificios.com.br. Os empregadores inadimplentes ficarão sujeitos à multa, juros e correção estabelecidos nos artigos 600 e 606 da CLT, além de outras penalidades impostas pela fiscalização do trabalho. São Paulo, 01 de março de 2022. **Paulo Roberto Ferrari** - Presidente.

**SINDICATO DOS EMPREGADOS EM EMPRESAS DE ASSEIO E CONSERVAÇÃO E LIMPEZA URBANA E ÁREAS VERDES DE SANTOS E BERTIOGA E DOS EMPREGADOS EM EMPRESAS DE LIMPEZA URBANA E AREAS VERDES DE CUBATÃO, GUARUJÁ, PRAIA GRANDE E SÃO VICENTE - SIEMACO BAIXADA SANTISTA - EDITAL DE CONVOCAÇÃO - ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINARIA -** Pelo presente Edital, ficam convocados todos os integrantes da categoria que prestam serviços em **LIMPEZA URBANA** e **GRANDES GERADORES**, sindicalizados filiados ou não, que trabalham nas Empresas especializadas na prestação de serviços de **Limpeza Urbana da Baixada Santista**, a saber: Global Ship Service Ltda., Stagliorio Engenharia Ltda., Prodesan - Progresso e Desenvolvimento de Santos, A3 - Engenharia, 4R Ambiental Locação de Equipamentos EIR, Agrícola e Construtora Monte Azul LTDA., Atual Gestão de Serviços Terceirizados LTDA., Consorcio Eco Praia, Conterlub Comercio e Serviços de Embalagem, Ducar Serviços e Locações Ltda., E.A.R Construções e Instalações Ltda., Foccus Gerenciamento de Resíduos Ltda., GRI Koleta - Gerenciamento de Resíduos I, Luciano Cardoso Grãos - ME, Marim Gerenciamentos de Resíduos Ltda., Edclaucia de Fátima Silva Gandine (Intermarine), Foccus Gerenciamento de Resíduos EIRELI, Fortnort Desenvolvimento Ambiental e Urbana, Gari Limpezas e Locações LTDA-EPP., Santista Ambiental Fito e Domissanitarios, Santista Soluções em Resíduos Ambientais, Solo Brasil - Usina de Reciclagem e Construção, Ambipar Environmetal Solutions, Centro Saneaneamento E Serviços Avançados S, Conecta Gestão e Valorização Ltda., Terracom Construções LTDA.- Autoclave, Terracom Construções LTDA., Terrestre Ambiental LTDA, BC2 Construtora LTDA, Repox Ambiental e Comercial Importação e as **Empresas de Grandes Geradores da Baixada Santista**, a saber: GMV - Gerenciamento de Transportes Eireli, Renova Ambiental do Brasil TR Ltda., Relva Comércio Produtos Recicláveis Ltda., ABC Marbas, Mega Ambiental Eireli, Ética Soluções Ambientais Eireli EPP e Multilixo Remoções de Lixo Sociedade Simples LTDA, para participarem da assembleia Geral Extraordinária, que será realizada no dia **17 de março de 2022**, sendo trabalhadores das empresa de **LIMPEZA URBANA**, em primeira convocação **as 09:00 h**, em não havendo quórum suficiente para a instauração da assembleia, será chamada em segunda convocação as **09:30 h**, com qualquer número de presentes e trabalhadores das empresas de **GRANDES GERADORES**, em primeira convocação as **10:00 h**, em não havendo quórum suficiente para a instauração da assembleia, será chamada em segunda convocação as **10:30 h**, com qualquer número de presentes - **AMBAS** na Av. Conselheiro Nébias, 349 - Paquetá, Santos/SP, a fim de discutiram e deliberarem sobre a seguinte ordem do dia: **1)** Leitura e aprovação da Ata anterior; **2)** Discussão e deliberação sobre as reivindicações da categoria a serem apresentadas a Entidade Patronal SELUR/SP e SELUR/GRANDES GERADORES, tendo como data base **01/05/2022**; **3)** Outorgar poderes especiais à Diretoria do Sindicato para celebração da Convenção Coletiva de Trabalho, Termos Aditivos e, se não lograr êxito instaurar perante o Egrégio Tribunal Regional do Trabalho o competente Dissídio Coletivo de Trabalho e representar junto a Justiça do Trabalho, Ministério Público do Trabalho e/ou Órgão competente; **4)** Decretação de Estado de Greve; **5)** Deliberar sobre a assembleia permanente até o final da campanha salarial **2022/2023**; **6)** Deliberar a forma de custeio da entidade sindical com aprovação da contribuição assistencial/negocial e contribuição associativa, para toda a categoria e aprovação do prazo de entrega de carta de oposição ou não da contribuição, em até 30 (trinta) dias a partir da data da publicação deste Edital; **7)** Assuntos Gerais; Santos, 28 de fevereiro de 2022. **André Domingues de Lima** - Presidente.

**EDITAL DE CONVOCAÇÃO** - Pelo presente Edital, o **SINDICATO DOS EMPREGADOS EM TURISMO E HOSPITALIDADE DE VOTUPORANGA E REGIÃO**, convoca todos os integrantes das categorias profissionais de: **A) Empregados em Institutos de Beleza e Cabeleireiros de Senhoras; B) Empregados em Empresas de Compra, Venda, Locação e Administração de Imóveis Residenciais e Comerciais;** e **C) Empregados em Institutos de Beleza e Cabeleireiros de Senhoras, Empregados nas Empresas de Estética e Cosmetologia e outros serviços de cuidados com a Beleza**, da Base Territorial de: Votuporanga, Álvares Florence, Américo de Campos, Aparecida d'Oeste, Aspásia, Balsamo, Cardoso, Cosmorama, Dirce Reis, Dolcinópolis, Estrela d'Oeste, Fernandópolis, Floreal, Guarani d'Oeste, Indiaporã, Jales, Macaubal, Macedônia, Magda, Marinópolis, Meridiano, Mira Estrela, Monções, Monte Aprazível, Nhandeara, Nipoã, Nova Luzitânia, Ourindiuva, Palestina, Palmeira d'Oeste, Paranapuã, Parisi, Paulo de Faria, Pedranópolis, Poloni, Pontes Gestal, Populina, Riolândia, Rubinéia, Santa Albertina, Santa Clara d'Oeste, Santa Fé do Sul, Santa Rita d'Oeste, São Francisco, São João das Duas Pontes, São João de Iracema, Sebastianópolis do Sul, Suzanápolis, Tanabi, Três Fronteiras, Turiúba, Turmalina, Urânia, Valentim Gentil/SP, associados ou não associados, representados por esta Entidade Sindical Profissional para participarem da Assembleia Geral Extraordinária, que será realizada nas datas, horários e local abaixo descriminado, para discutirem e deliberarem acerca das seguintes ordens do dia: **a)** Elaboração e aprovação da Pauta de Reivindicação (cláusulas econômicas e sociais) para ser encaminhada aos Sindicatos representativos das categorias econômicas: Sindicato Patronal dos Empregadores em Empresas e Profissionais Liberais em Estética e Cosmetologia do Estado de São Paulo - SINDESTÉTICA, com data base em **1º/03/2022**; Sindicato das Empresas de Compra, Venda, Locação e Administração de Imóveis Residenciais e Comerciais no Estado de São Paulo - SECOVI, com data base em **1º/05/2022**; Sindicato Patronal dos Institutos e Salões de Beleza, Cabeleireiros de Senhoras, Cabeleireiros Unissex, Barbeiros, Salões - Parceiros e Empresas de Tratamento de Beleza do Estado de São Paulo - SINDIBELEZA PATRONAL, com data base em **1º/06/2022**; **b)** Delegação de poderes ao Sindicato para entabular negociações coletivas com o Sindicato Patronal, caso seja a mesma realizada juntamente com os Sindicatos representativos da categoria profissional; **c)** Delegação de poderes à Diretoria da Entidade Sindical para que a mesma, caso necessário, instaure Dissídio Coletivo junto ao Egrégio Tribunal Regional do Trabalho; **d)** Delegação de poderes à Federação dos Empregados em Turismo e Hospitalidade do Estado de São Paulo - FETHESP, para unificação de pautas, caso seja a mesma realizada juntamente com os Sindicatos representativos das categorias profissionais; **e)** Discussão, Fixação e Aprovação de percentual e desconto da Contribuição Assistencial, em favor da entidade sindical profissional; **f)** Ficando aberto para apresentação de Declaração de Oposição ao aludido desconto na secretaria da entidade, no horário das 9:00 às 17:00 horas, devendo ser entregue pessoalmente e de próprio punho, em duas vias. **g)** Assuntos gerais. • Dia 07/03/2022 às 09:00 horas em 1ª convocação na Rua Santa Catarina, nº 3626 - Patrimônio Velho, Votuporanga/SP, com a categoria profissional de **Empregados em Institutos de Beleza e Cabeleireiros de Senhoras, Empregados nas Empresas de Estética e Cosmetologia e outros serviços de cuidados com a Beleza.** • Dia 07/03/2022 às 15:00 horas em 1ª convocação na Rua Santa Catarina, nº 3626 - Patrimônio Velho, Votuporanga/SP, com a categoria profissional de **Empregados em Empresas de Compra, Venda, Locação e Administração de Imóveis Residenciais e Comerciais.** • Dia 08/03/2022 às 15:00 horas em 1ª convocação na Rua Santa Catarina, nº 3626 - Patrimônio Velho, Votuporanga/SP, com a categoria profissional de **Empregados em Institutos de Beleza e Cabeleireiros de Senhoras.** Não havendo quórum suficiente para a instalação da assembleia em primeira convocação, estas serão realizadas uma hora após com qualquer número de trabalhadores presentes. Votuporanga, 02/03/2022. **Antonio Caneli de Freitas** - Presidente.

**DELIBERAÇÃO ARSESP Nº 1.273, DE 23 DE FEVEREIRO DE 2022**

*Dispõe sobre a atualização das Tabelas Tarifárias e sobre a Tarifa de Uso do Sistema de Distribuição (TUSD), a serem aplicadas no mercado livre pela concessionária de distribuição de gás canalizado Gás Natural São Paulo Sul S.A. (Naturgy) e revoga a Deliberação Arsesp nº 1.241, de 26 de novembro de 2021.*
Of direg 44 NTF-0004-2022

A Diretoria da Agência Reguladora de Serviços Públicos do Estado de São Paulo – ARSESP, na forma da Lei Complementar nº 1.025, de 7 de dezembro de 2007, e do Decreto Estadual nº 52.455, de 07 de dezembro de 2007:

*Considerando o disposto no art. 36, inciso IV, da Lei Complementar nº 1.025/2007, segundo o qual, na prestação dos serviços de gás canalizado serão observados os princípios da modicidade das tarifas e garantia do equilíbrio econômico-financeiro das concessões;*
*Considerando as disposições da Décima Primeira e da Décima Terceira Cláusulas do Contrato de Concessão nº 03/2000, firmado com a Gás Natural São Paulo Sul S.A. em 31 de maio de 2000, que tratam das condições das tarifas aplicáveis na prestação dos serviços;*
*Considerando a Deliberação ARSESP nº 1.010, de 10 de junho de 2020, que estabelece mecanismo de recuperação do saldo da conta gráfica em razão de variações do preço do gás e do transporte;*
*Considerando a Deliberação ARSESP nº 1.241, de 26 de novembro de 2021, que apresenta as tabelas tarifárias atualmente aplicadas pela concessionária;*
*Considerando o Ofício DIREG 44/2022 enviado pela concessionária, com propostas de atualização do custo do gás, transporte e recuperação da conta gráfica, e*
*Considerando a Nota Técnica NT.F-04-2022, que apresenta o cálculo das tarifas a serem aplicadas para todos usuários,*

**DELIBERA:**
Art. 1º. Atualizar o preço do gás e do transporte contido nas tarifas-teto vigentes, conforme segue:
I – O custo médio ponderado do gás e do transporte fixado nas tarifas dos usuários residenciais e comerciais, quando aplicável, corresponde respectivamente a R$ 2,0414/m³ e R$ 0,3447/m³;
II – O custo médio ponderado do gás e do transporte fixado nas tarifas dos demais usuários, quando aplicável, corresponde respectivamente a R$ 1,9278/m³ e R$ 0,3447/m³;
III – O valor da parcela de recuperação do saldo da conta gráfica para os segmentos residencial e comercial é de R$ 0,8104/m³ e para os demais segmentos é de R$ 0,2792/m³;
IV – Os demais componentes da Deliberação ARSESP nº 1.163, de 26 de maio de 2021 permanecem inalterados.
§ 1º. Os valores acima não incluem os tributos de PIS/PASEP e da COFINS.
§ 2º. O custo total do gás e do transporte, contido nas tarifas-teto vigentes para os usuários residenciais e comerciais, adicionado dos tributos de PIS/PASEP e da COFINS, é de R$ 3,533289/m³.
§ 3º. O custo total do gás e do transporte, contido nas tarifas-teto vigentes para os usuários não residenciais e não comerciais, adicionado dos tributos de PIS/PASEP e da COFINS, é de R$ 2,824718/m³.
Art. 2º. Publicar as tabelas tarifárias com os valores:
I - Das tarifas-teto dos segmentos Residencial; Residencial – Medição Coletiva; Comercial; Industrial; Gás Natural Veicular – Postos; Gás Natural – Transporte Público e Gás Natural – Grandes Frotas; constantes no Anexo 1 desta Deliberação;
II - Das margens máximas e preços do gás dos segmentos Cogeração e Termoelétrico (Cogeração/Geração de Energia Elétrica Destinada ao Consumo Próprio ou à Venda a Consumidor Final) e das margens máximas dos segmentos Refrigeração e Gás Natural Liquefeito – GNL e Matéria-Prima, constantes no Anexo 2 desta Deliberação;
III - Das margens máximas e preço do gás dos segmentos Cogeração e Termoelétrica (Cogeração/Geração de Energia Elétrica Destinada à Revenda a Distribuidor), constantes no Anexo 3 desta Deliberação;
IV - Das margens máximas do Segmento Interruptível, constantes no Anexo 4 desta Deliberação;
V - Das tarifas-teto do Segmento Gás Natural para fins de Gás Natural Comprimido – GNC, constante no Anexo 5 desta Deliberação; e
VI - Da Tarifa de Uso do Sistema de Distribuição (TUSD) para usuários livres, constante no Anexo 6 desta Deliberação.
Art. 3º. O valor a título de PIS/PASEP e COFINS contido nas tarifas, exceto para os consumidores livres, nos termos do artigo 3º da Portaria CSPE nº 399/2006, corresponde a 9,00% (nove por cento).
Parágrafo único. O ICMS não consta da base de cálculo de PIS/PASEP e COFINS.
Art. 4º. Os valores do preço do gás, considerados para fins de fixação das tarifas nesta Deliberação, poderão ser revistos pela ARSESP a qualquer tempo para promover a sua adequação em face de novas condições que vierem a ser observadas na sua aquisição, conforme previsto nas Subcláusulas 9ª e 16ª, da Cláusula Décima Primeira do Contrato de Concessão.
Art 5º. Revoga-se a Deliberação ARSESP nº 1.241, de 26 de novembro de 2021.
Art. 6º. Esta Deliberação entrará em vigor em 28 de fevereiro de 2022.

**Anapaula Fernandes da Rocha Campos Amaral**
Diretora-Presidente
Publicado no D.O. de 24/02/2022. Este texto não substitui o publicado no DOE de 24/02/2022.

**ANEXO 1 – TARIFAS DE GÁS CANALIZADO**
**ÁREA DE CONCESSÃO DA NATURGY**
**SEGMENTO RESIDENCIAL**

| Classe | Volume (m³/mês) | Termo Fixo (R$/mês) | Termo Variável (R$/m³) |
|---|---|---|---|
| 1 | 0,00 a 1,00 m³ | 13,66 | 0,000000 |
| 2 | 1,01 a 7,00 m³ | 10,67 | 6,060088 |
| 3 | 7,01 a 16,00 m³ | 11,51 | 5,933399 |
| 4 | 16,01 a 41,00 m³ | 12,82 | 5,847435 |
| 5 | > 41,00 m³ | 13,24 | 5,835619 |

Nota do Faturamento: Cada classe é independente. Aplica-se a cada uma delas um encargo variável e um encargo fixo.

**SEGMENTO RESIDENCIAL – MEDIÇÃO COLETIVA**

| Classe | Volume (m³/mês) | Termo Fixo (R$/mês) | Termo Variável (R$/m³) |
|---|---|---|---|
| 1 | Faixa Única | 0 | 6,064623 |

Notas:
1) Os valores não incluem ICMS
2) Valores para Gás Natural referido nas seguintes condições:
Poder Calorífico Superior = 9.400 kcal/m³ (39.348,400kJ/m³ ou 10,932 kWh/m³)
Temperatura = 293,15° K (20° C)
Pressão = 101.325 Pa (1 atm)

**ANEXO 1 – TARIFAS DE GÁS CANALIZADO**
**ÁREA DE CONCESSÃO DA NATURGY**
**SEGMENTO COMERCIAL**

| Classe | Volume (m³/mês) | Termo Fixo (R$/mês) | Termo Variável (R$/m³) |
|---|---|---|---|
| 1 | 0,00 a 50,00 m³ | 34,12 | 6,203482 |
| 2 | 50,01 a 500,00 m³ | 53,32 | 5,755772 |
| 3 | 500,01 a 5.000,00 m³ | 204,43 | 5,451972 |
| 4 | > 5.000,00 m³ | 4.444,02 | 4,596026 |

Nota do Faturamento: Cada classe é independente. Aplica-se a cada uma delas um encargo variável e um encargo fixo.
Notas:
1) Os valores não incluem ICMS
2) Valores para Gás Natural referido nas seguintes condições:
Poder Calorífico Superior = 9.400 kcal/m³ (39.348,400kJ/m³ ou 10,932 kWh/m³)
Temperatura = 293,15° K (20° C)
Pressão = 101.325 Pa (1 atm)

**ANEXO 1 – TARIFAS DE GÁS CANALIZADO**
**ÁREA DE CONCESSÃO DA NATURGY**
**SEGMENTO INDUSTRIAL**

| Classe | Volume (m³/mês) | Termo Fixo (R$/mês) | Termo Variável (R$/m³) |
|---|---|---|---|
| 1 | 0,00 a 5.000,00 m³ | 367,48 | 5,558105 |
| 2 | 5.000,01 a 50.000,00 m³ | 7.349,24 | 4,207830 |
| 3 | 50.000,01 a 300.000,00 m³ | 34.060,23 | 3,630459 |
| 4 | 300.000,01 a 500.000,00 m³ | 88.556,60 | 3,436744 |
| 5 | 500.000,01 a 1.000.000,00 m³ | 97.891,84 | 3,339427 |
| 6 | 1.000.000,01 a 3.000.000,00 m³ | 105.387,39 | 3,281053 |
| 7 | > 3.000.000,00 m³ | 134.968,03 | 3,254705 |

Nota do Faturamento: Cada classe é independente. Aplica-se a cada uma delas um encargo variável e um encargo fixo.
Notas:
1) Os valores não incluem ICMS
2) Valores para Gás Natural referido nas seguintes condições:
Poder Calorífico Superior = 9.400 kcal/m³ (39.348,400kJ/m³ ou 10,932 kWh/m³)
Temperatura = 293,15° K (20° C)
Pressão = 101.325 Pa (1 atm)

**ANEXO 1 – TARIFAS DE GÁS CANALIZADO**
**ÁREA DE CONCESSÃO DA NATURGY**
**GÁS NATURAL VEICULAR**

| Classe | Segmento | Termo Variável (R$/m³) |
|---|---|---|
| Postos | Gás Natural Veicular - Postos | 3,236549 |

| Classe | Segmento | Termo Variável (R$/m³) |
|---|---|---|
| Transporte Público | Gás Natural Veicular - Transporte Público | 3,119412 |

| Classe | Segmento | Termo Variável (R$/m³) |
|---|---|---|
| Frotas | Gás Natural Veicular - Frotas | 3,119412 |

Notas:
1) Os valores não incluem ICMS
2) Valores para Gás Natural referido nas seguintes condições:
Poder Calorífico Superior = 9.400 kcal/m³ (39.348,400kJ/m³ ou 10,932 kWh/m³)
Temperatura = 293,15° K (20° C)
Pressão = 101.325 Pa (1 atm)

**ANEXO 2 – TARIFAS DE GÁS CANALIZADO**
**ÁREA DE CONCESSÃO DA NATURGY**
**SEGMENTO COGERAÇÃO E TERMOELÉTRICAS**
Cogeração/Geração de energia elétrica destinada ao consumo próprio ou à venda a consumidor final

| Classe | Volume (m³/mês) | Termo Fixo (R$/mês) | Termo Variável (R$/m³) |
|---|---|---|---|
| 1 | 0,00 a 200,00 m³ | 363,28 | 0,518643 |
| 2 | 200,01 a 5.000,00 m³ | 3.492,98 | 0,518643 |
| 3 | 5.000,01 a 40.000,00 m³ | 7.349,24 | 0,518643 |
| 4 | 40.000,01 a 100.000,00 m³ | 9.451,08 | 0,518643 |
| 5 | 100.000,01 a 500.000,00 m³ | 28.353,28 | 0,321445 |
| 6 | 500.000,01 a 2.000.000,00 m³ | 37.804,37 | 0,256641 |
| 7 | 2.000.000,01 a 4.000.000,00 m³ | 47.255,47 | 0,251624 |
| 8 | 4.000.000,01 a 7.000.000,00 m³ | 75.608,71 | 0,234111 |
| 9 | 7.000.000,01 a 10.000.000,00 m³ | 94.510,91 | 0,217229 |
| 10 | 10.000.000,01 a 20.000.000,00 m³ | 103.961,99 | 0,201907 |
| 11 | > 20.000.000,00 m³ | 132.315,28 | 0,145002 |

**Climatização** - As tarifas para este segmento têm os mesmos encargos variáveis do segmento de Cogeração - Cogeração de energia elétrica destinada ao consumo próprio ou a venda a consumidor final. O custo do gás canalizado e do transporte destinados a este segmento, já considerados os valores dos tributos PIS/COFINS incidentes no fornecimento pela concessionária, deve ser adicionado ao encargo variável.

**Geração de Energia** - As tarifas para este segmento têm os mesmos encargos variáveis do segmento de Cogeração - Cogeração de energia elétrica destinada ao consumo próprio ou a venda a consumidor final. O custo do gás canalizado e do transporte destinados a este segmento, já considerados os valores dos tributos PIS/COFINS incidentes no fornecimento pela concessionária, deve ser adicionado ao encargo variável.
Notas:
1) Os valores não incluem ICMS
2) Ao valor das margens desta tabela, que já incluem os tributos PIS/COFINS, deverá ser acrescido o valor do preço do gás (*commodity* + transporte) referido nas condições abaixo e destinados a esses segmentos.
3) Valores para Gás Natural referido nas seguintes condições:
Poder Calorífico Superior = 9.400 kcal/m³ (39.348,400kJ/m³ ou 10,932 kWh/m³)
Temperatura = 293,15° K (20° C)
Pressão = 101.325 Pa (1 atm)
4) O custo do gás canalizado e do transporte destinado ao segmento de cogeração, já considerados os valores dos tributos PIS/COFINS incidentes no fornecimento pela concessionária, vigentes nesta data, é de R$ 2,824718/m³.
5) Cada classe é independente. Aplica-se a cada uma delas um encargo variável e um encargo fixo.

**ANEXO 3 – TARIFAS DE GÁS CANALIZADO**
**ÁREA DE CONCESSÃO DA NATURGY**
**SEGMENTO COGERAÇÃO E TERMOELÉTRICAS**
Cogeração/Geração de energia elétrica destinada à revenda a distribuidor

| Classe | Volume (m³/mês) | Termo Fixo (R$/mês) | Termo Variável (R$/m³) |
|---|---|---|---|
| 1 | 0,00 a 200,00 m³ | 363,28 | 0,518643 |
| 2 | 200,01 a 5.000,00 m³ | 3.492,98 | 0,518643 |
| 3 | 5.000,01 a 40.000,00 m³ | 7.349,24 | 0,518643 |
| 4 | 40.000,01 a 100.000,00 m³ | 9.451,08 | 0,518643 |
| 5 | 100.000,01 a 500.000,00 m³ | 28.353,28 | 0,321445 |
| 6 | 500.000,01 a 2.000.000,00 m³ | 37.804,37 | 0,256641 |
| 7 | 2.000.000,01 a 4.000.000,00 m³ | 47.255,47 | 0,251624 |
| 8 | 4.000.000,01 a 7.000.000,00 m³ | 75.608,71 | 0,234111 |
| 9 | 7.000.000,01 a 10.000.000,00 m³ | 94.510,91 | 0,217229 |
| 10 | 10.000.000,01 a 20.000.000,00 m³ | 103.961,99 | 0,201907 |
| 11 | > 20.000.000,00 m³ | 132.315,28 | 0,145002 |

Notas:
1) Os valores não incluem ICMS
2) Ao valor das margens desta tabela, que já incluem os tributos PIS/COFINS, deverá ser acrescido o valor do preço do gás (*commodity* + transporte) referido nas condições abaixo e destinados a esses segmentos.
3) Valores para Gás Natural referido nas seguintes condições:
Poder Calorífico Superior = 9.400 kcal/m³ (39.348,400kJ/m³ ou 10,932 kWh/m³)
Temperatura = 293,15° K (20° C)
Pressão = 101.325 Pa (1 atm)
4) O custo do gás canalizado e do transporte destinado ao segmento de cogeração, já considerados os valores dos tributos PIS/COFINS incidentes no fornecimento pela concessionária, vigentes nesta data, é de R$ 2,824718/m³.
5) Cada classe é independente. Aplica-se a cada uma delas um encargo variável e um encargo fixo.

**ANEXO 4 – TARIFAS DE GÁS CANALIZADO**
**ÁREA DE CONCESSÃO DA NATURGY**
**SEGMENTO INTERRUPTÍVEL**
DE ACORDO COM A PORTARIA CSPE Nº 211/2002

| Classe | Volume (m³/mês) | Termo Fixo (R$/mês) | Termo Variável (R$/m³) |
|---|---|---|---|
| 1 | 0,00 a 5.000,00 m³ | 367,48 | 2,733387 |
| 2 | 5.000,01 a 50.000,00 m³ | 7.349,24 | 1,383112 |
| 3 | 50.000,01 a 300.000,00 m³ | 34.060,23 | 0,805741 |
| 4 | 300.000,01 a 500.000,00 m³ | 88.556,60 | 0,612026 |
| 5 | 500.000,01 a 1.000.000,00 m³ | 97.891,84 | 0,514709 |
| 6 | 1.000.000,01 a 3.000.000,00 m³ | 105.387,39 | 0,456335 |
| 7 | > 3.000.000,00 m³ | 134.968,03 | 0,429987 |

Nota do Faturamento: Cada classe é independente. Aplica-se a cada uma delas um encargo variável e um encargo fixo.
Notas:
1) Os valores não incluem ICMS
2) Valores para Gás Natural referido nas seguintes condições:
Poder Calorífico Superior = 9.400 kcal/m³ (39.348,400kJ/m³ ou 10,932 kWh/m³)
Temperatura = 293,15° K (20° C)
Pressão = 101.325 Pa (1 atm)
3) O custo do gás canalizado e do transporte destinado a este segmento, já considerados os valores dos tributos PIS/COFINS incidentes no fornecimento pela concessionária, deve ser adicionado ao encargo variável.

**ANEXO 5 – TARIFAS DE GÁS CANALIZADO**
**ÁREA DE CONCESSÃO DA NATURGY**
**SEGMENTO GÁS NATURAL PARA FINS DE GÁS NATURAL COMPRIMIDO – GNC**

| Classe | Volume (m³/mês) | Termo Variável (R$/m³) |
|---|---|---|
| 1 | 0,00 a 5.000,00 m³ | 5,217199 |
| 2 | 5.000,01 a 50.000,00 m³ | 4,093956 |
| 3 | 50.000,01 a 100.000,00 m³ | 3,491546 |
| 4 | 100.000,01 a 300.000,00 m³ | 3,473162 |
| 5 | 300.000,01 a 1.000.000,00 m³ | 3,319971 |
| 6 | > 1.000.000,00 m³ | 3,295461 |

Nota do Faturamento: Cada classe é independente. Aplica-se a cada uma delas um encargo variável e um encargo fixo.
Notas:
1) Os valores não incluem ICMS
2) Valores para Gás Natural referido nas seguintes condições:
Poder Calorífico Superior = 9.400 kcal/m³ (39.348,400kJ/m³ ou 10,932 kWh/m³)
Temperatura = 293,15° K (20° C)
Pressão = 101.325 Pa (1 atm)

**ÁREA DE CONCESSÃO DA NATURGY**
**SEGMENTO INDUSTRIAL E INTERRUPTÍVEL – TUSD PARA USUÁRIOS LIVRES**

| Classe | Volume (m³/mês) | Termo Fixo (R$/mês) | Termo Variável (R$/m³) |
|---|---|---|---|
| 1 | 0,00 a 5.000,00 m³ | 324,58 | 2,414317 |
| 2 | 5.000,01 a 50.000,00 m³ | 6.491,36 | 1,221661 |
| 3 | 50.000,01 a 300.000,00 m³ | 30.084,37 | 0,711687 |
| 4 | 300.000,01 a 500.000,00 m³ | 78.219,35 | 0,540584 |
| 5 | 500.000,01 a 1.000.000,00 m³ | 86.464,88 | 0,454627 |
| 6 | 1.000.000,01 a 3.000.000,00 m³ | 93.085,47 | 0,403067 |
| 7 | > 3.000.000,00 m³ | 119.213,15 | 0,379794 |

Nota do Faturamento: Cada classe é independente. Aplica-se a cada uma delas um encargo variável e um encargo fixo.
Notas: Os valores não incluem ICMS e PIS/COFINS.

**ANEXO 6 – TARIFAS DE GÁS CANALIZADO**
**ÁREA DE CONCESSÃO DA NATURGY**
**GÁS NATURAL VEICULAR – TUSD PARA USUÁRIOS LIVRES**

| Classe | Segmento | Termo Variável (R$/m³) |
|---|---|---|
| Postos | Gás Natural Veicular - Postos | 0,363757 |

| Classe | Segmento | Termo Variável (R$/m³) |
|---|---|---|
| Transporte Público | Gás Natural Veicular - Transporte Público | 0,260294 |

| Classe | Segmento | Termo Variável (R$/m³) |
|---|---|---|
| Frotas | Gás Natural Veicular - Frotas | 0,260294 |

Notas: Os valores não incluem ICMS e PIS/COFINS.

**ANEXO 6 – TARIFAS DE GÁS CANALIZADO**
**ÁREA DE CONCESSÃO DA NATURGY**
**SEGMENTO COGERAÇÃO E TERMOELÉTRICAS – TUSD PARA USUÁRIOS LIVRES**
Cogeração/Geração de energia elétrica destinada ao consumo próprio ou à venda a consumidor final e cogeração/geração de energia elétrica destinada à revenda a distribuidor

| Classe | Volume (m³/mês) | Termo Fixo (R$/mês) | Termo Variável (R$/m³) |
|---|---|---|---|
| 1 | 0,00 a 200,00 m³ | 320,87 | 0,458102 |
| 2 | 200,01 a 5.000,00 m³ | 3.085,24 | 0,458102 |
| 3 | 5.000,01 a 40.000,00 m³ | 6.491,36 | 0,458102 |
| 4 | 40.000,01 a 100.000,00 m³ | 8.347,86 | 0,458102 |
| 5 | 100.000,01 a 500.000,00 m³ | 25.043,59 | 0,283923 |
| 6 | 500.000,01 a 2.000.000,00 m³ | 33.391,45 | 0,226683 |
| 7 | 2.000.000,01 a 4.000.000,00 m³ | 41.739,32 | 0,222251 |
| 8 | 4.000.000,01 a 7.000.000,00 m³ | 66.782,87 | 0,206783 |
| 9 | 7.000.000,01 a 10.000.000,00 m³ | 83.478,61 | 0,191872 |
| 10 | 10.000.000,01 a 20.000.000,00 m³ | 91.826,46 | 0,178339 |
| 11 | > 20.000.000,00 m³ | 116.870,06 | 0,128076 |

**Climatização** - As tarifas para este segmento têm os mesmos encargos variáveis do segmento de Cogeração - Cogeração de energia elétrica destinada ao consumo próprio ou a venda a consumidor final.
**Geração de Energia** - As tarifas para este segmento têm os mesmos encargos variáveis do segmento de Cogeração - Cogeração de energia elétrica destinada ao consumo próprio ou a venda a consumidor final.
Nota: Os valores não incluem ICMS e PIS/COFINS.

**ANEXO 6 – TARIFAS DE GÁS CANALIZADO**
**ÁREA DE CONCESSÃO DA NATURGY**
**SEGMENTO GÁS NATURAL PARA FINAS DE GÁS NATURAL COMPRIMIDO – GNC E GÁS NATURAL LIQUEFEITO - GNL - TUSD PARA USUÁRIOS LIVRES**

| Classe | Volume (m³/mês) | Termo Variável (R$/m³) |
|---|---|---|
| 1 | 0,00 a 5.000,00 m³ | 2,113206 |
| 2 | 5.000,01 a 50.000,00 m³ | 1,121079 |
| 3 | 50.000,01 a 100.000,00 m³ | 0,588989 |
| 4 | 100.000,01 a 300.000,00 m³ | 0,572751 |
| 5 | 300.000,01 a 1.000.000,00 m³ | 0,437442 |
| 6 | > 1.000.000,00 m³ | 0,415793 |

Nota: Os valores não incluem ICMS e PIS/COFINS.

**Roberto Waack, 61**
é presidente do conselho do Instituto Arapyaú, cofundador da rede Uma Concertação pela Amazônia e da Coalizão Brasil, Clima, Florestas e Agricultura. Biólogo e mestre em administração pela USP, é membro dos conselhos da Marfrig, Wise Plásticos, WWF Brasil e Instituto Ethos, e pesquisador visitante do Hoffman Center. Foi CEO da Renova, da Amata e da Orsa Florestal

Léo Lara/Divulgação

# Roberto Waack

## Empresas devem formar redes, em vez de brincar de sopa de letrinhas

Líder de fundação privada que investe em desenvolvimento sustentável quer colocar a Amazônia no debate eleitoral deste ano



**ENTREVISTA**

**Cynthia Rosenburg**

SÃO PAULO Um grupo de 181 representantes dos setores privado, público, da academia e da sociedade civil se reuniu por Zoom na tarde de 14 de fevereiro para debater estratégias para colocar a Amazônia em pauta nas eleições deste ano.

Membros da iniciativa Uma Concertação pela Amazônia, rede de diálogo apartidária com mais de 500 integrantes, eles falaram da necessidade de tornar o tema mais próximo dos eleitores, eleger governadores e parlamentares "que tenham a Amazônia como visão de país" e elaborar um plano de ação para os primeiros 100 dias do próximo presidente, a ser apresentado ao governo de transição. Um dos anfitriões da reunião era o biólogo Roberto Waack, cofundador da iniciativa e presidente do conselho do Instituto Arapyaú, fundação privada que investe em projetos de desenvolvimento sustentável na Amazônia e no sul da Bahia.

Com uma trajetória como executivo e conselheiro em empresas e ONGs, Waack tem se engajado na construção de redes —espaços de diálogo que unem organizações e lideranças de diversos setores na construção de soluções para questões complexas da sustentabilidade.

Para ele, é a participação em redes, e não a tão falada agenda ESG (ambiental, social e de governança, na sigla em inglês), que dará às companhias condições de enfrentar os desafios que as cercam.

"Ou as empresas estabelecem um relacionamento profundo com a sociedade, ou vão continuar brincando de sopa de letrinhas com seus departamentos de ESG."

*

**O ESG representa um avanço das empresas ou há mais barulho do que ação?** Há, sim, um avanço, mas lento, porque empresas não convivem bem com mudanças drásticas. Há quatro décadas esses assuntos vão e voltam, cada hora com uma roupa. O ESG incorporou a dimensão da governança e isso é importante. Membros dos conselhos de administração precisam agora construir um repertório que para eles sempre foi marginal. Mas a questão central acaba sendo evitada.

**Qual é a questão central?** A sociedade está mais forte e tem cada vez mais voz sobre o que acontece nas empresas. Uma voz mais contundente, mais instruída.

As empresas ainda querem ter o controle de tudo o que diz respeito a elas, porém isso é cada vez mais frágil. A licença para operar está mais complicada, as questões reputacionais, mais complexas. Qualquer setor hoje é afetado por um conjunto heterogêneo de temas e personagens, e as companhias não sabem o que fazer, tentam simplificar e limitar a discussão ao ESG. Mas, ou as empresas estabelecem um relacionamento profundo com a sociedade, ou vão continuar brincando de sopa de letrinhas com seus departamentos de ESG, distantes do que os modelos de negócios do futuro irão demandar.

> "A Marfrig tem 300 mil pequenos produtores entre seus fornecedores. Poderia decidir: vamos tirar da nossa cadeia aqueles que tiverem relação com o desmatamento. Isso ajudaria a limpar a cadeia de suprimentos? Sim. Resolveria o problema do desmatamento? Não. E o que é pior: jogaria parte daqueles pequenos produtores na ilegalidade

**Você propõe que empresas lidem com o que chama de problemas indomáveis. Pode explicar?** A teoria dos "wicked problems" surgiu nos anos 70, na Califórnia, para lidar principalmente com questões sociais. Hoje podemos chamar de problemas indomáveis aqueles que emergem dessa relação das empresas com a sociedade, para os quais não há resposta preto no branco. São problemas que as companhias não conseguem gerenciar, medir e, muitas vezes, não conseguem sequer formular claramente.

**A polêmica envolvendo o Bradesco e pecuaristas é um exemplo?** Sim. O Bradesco chamou blogueiras para promover seu produto e elas sugeriram, num vídeo do banco, que as pessoas reduzissem o consumo de carne. Muita gente pensou: legal, o Bradesco está sintonizado com o que parte população busca.

Mas alguns pecuaristas acharam um absurdo e foram fazer churrasco em frente às agências. O banco recuou. Acontece que as duas visões existem. É necessário conviver com elas. Não se trata de optar por um lado, mas de encontrar caminhos que contemplem a multiplicidade de visões.

**Que tipo de problema indomável você vê nas empresas que acompanha?** Considere o setor de proteína animal. Há consumidores que querem comer carne e os que não querem. Entre os que não querem, há os que acham que ela está contaminada com antibióticos. Ou que estão preocupados com os efeitos na saúde. Há também os que não querem consumir nada que venha de áreas de desmatamento ou que acham absurdo matar um bezerrinho.

Quando um consumidor entra num McDonald's ou Burger King, o hambúrguer oferecido ali traz embutidas essas questões. Uma fabricante de alimentos tem que considerar tudo isso e lidar com as diferentes forças da sociedade. Incluindo a ONG que diz não gostar do produto, mas que fiscaliza o que a empresa faz e distribui essa informação, inclusive para quem financia o negócio.

**Isso está em discussão na Marfrig, onde é conselheiro?** Está. Bancos e investidores hoje pedem que as companhias limpem suas cadeias de suprimentos, o que significa torná-las ambientalmente responsáveis. A Marfrig tem 300 mil pequenos produtores entre seus fornecedores. Poderia decidir: vamos tirar da nossa cadeia aqueles que tiverem relação com o desmatamento. Isso ajudaria a limpar a cadeia de suprimentos? Sim. Resolveria o problema do desmatamento? Não. E o que é pior: jogaria parte daqueles pequenos produtores na ilegalidade.

**Como resolver a questão?** Não existe solução de prateleira. É preciso aceitar que há produtores com problemas e encontrar soluções.

**Você sugere que empresas compartilhem dilemas com outras. Como?** Participando de redes, espaços de uma inteligência coletiva poderosa. Quando uma companhia participa de redes, consegue fazer uma leitura de contexto muito mais sofisticada.

A Vale, por exemplo, não consegue resolver sozinha a questão da mineração em áreas indígenas, mas pode ter ao seu lado organizações que lidam com questões indígenas, que tratem de temas como biodiversidade ou Zona Franca de Manaus. Eles são inevitáveis para uma empresa desse tamanho que se coloca na Amazônia.

**O Arapyaú tem buscado trazer mais empresas para as redes de que participa?** Sim. Em 2015 o instituto foi um dos articuladores da Coalizão Brasil, Clima, Florestas e Agricultura. Ela aproximou empresas do agronegócio, do setor florestal e ambientalistas num momento de grande polarização, e foi possível unir esses atores na construção de propostas compartilhadas.

Quando a Concertação pela Amazônia foi criada, em 2000, sabíamos que não faria sentido discutir apenas na sociedade civil. A sociedade civil lida com dezenas de milhões de dólares por ano. O setor privado lida com dezenas de bilhões. A capacidade de transformação é muito maior.

**É possível construir consensos em redes?** Não falamos em consenso. Falamos em consentimento.

Na Concertação temos de lidar com muitos elefantes na sala. Um exemplo é o desmatamento. Alguns defendem o desmatamento legal, aquele permitido pelo Código Florestal. Outros, o desmatamento líquido zero, ou seja, não derrubar nada, ainda que a lei permita.

Mas há um aspecto com o qual todos estão de acordo: o desmatamento ilegal é inadmissível. Nisso conseguimos um consentimento. Quando se consegue esculpir o primeiro elefante, cria-se uma relação de confiança entre todos. Aprendemos que é possível produzir algo até com oponentes.

**Qual foi o maior dano da gestão Bolsonaro à temática ambiental?** Há o retrocesso da destruição das estruturas — de comando e controle, de desenho, de planejamento. Vai levar muito tempo para que tudo seja reconstruído. Há também o dano importantíssimo do desmatamento real, da perda efetiva de patrimônio natural, irreparável. E há um terceiro dano, que é a proliferação da ilegalidade e o crescimento da violência. É impressionante a velocidade com que o crime cresceu na Amazônia. A conexão do narcotráfico com o garimpo ilegal, o desmatamento ilegal, a conquista de terras.

E isso vai contaminar o processo eleitoral, financiar campanhas e legitimar a permanência dessa situação terrível.

**Será mesmo possível debater a Amazônia nas eleições deste ano?** Com certeza. A Amazônia estará entre os cinco principais temas na discussão eleitoral.

Aprendemos que é possível discutir temas que vão além da polarização. Vamos, sim, colocar a Amazônia em pauta.

# Servidor pode converter tempo especial, decide STJ

**SÃO PAULO** O STJ (Superior Tribunal de Justiça) decidiu que funcionários públicos que trabalham em atividades insalubres ou com periculosidade podem converter o tempo de serviço especial em comum para a aposentadoria. A conversão só é permitida para períodos trabalhados até novembro de 2019, início da reforma da Previdência.

A Segunda Turma do Tribunal julgou, na quinta (24), o caso de uma servidora que pediu para utilizar o período em que trabalhou como comissionada, vinculada ao Regime Geral da Previdência Social, no cálculo da aposentadoria do regime próprio.

A decisão segue entendimento do STF (Supremo Tribunal Federal) e deve beneficiar enfermeiros, médicos e dentistas, dizem especialistas. **Suzana Petropouleas**

# Bancos abrem meio-dia após recesso de Carnaval

**SÃO PAULO** As agências bancárias de todo o país reabrem nesta Quarta-feira de Cinzas (2), a partir do meio-dia, segundo a Febraban (Federação Brasileira de Bancos).

A suspensão no atendimento bancário na segunda e terça de Carnaval adiou o pagamento do saque-aniversário do FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço) e do seguro-desemprego.

A Caixa libera nesta quarta o saque-aniversário do FGTS para os trabalhadores nascidos em março. Segundo o banco, parcelas do seguro-desemprego que têm validade inicial no dia 1º de março também serão depositadas nas contas nesta quarta.

O calendário de pagamentos do INSS (Instituto Nacional do Seguro Social) será retomado nesta quinta (3). **Cristiane Gercina**

# ‘Sanção atômica’ contra o agressor Putin

Congelamento de reservas isola a Rússia, mas pode ter consequências negativas

**Helio Beltrão**

Engenheiro com especialização em finanças e MBA na Universidade Columbia, é presidente do Instituto Mises Brasil

*O autoritário e expansionista Putin aprontou mais uma. Desta vez conseguiu a façanha de unir o mundo em oposição. Não é surpresa para quem acompanha sua trajetória. Já na sua primeira campanha eleitoral em 2000, foi questionado por uma jornalista como era ser um candidato ex-agente da KGB. Respondeu com sorriso malicioso: “Não existe tal coisa como um ex-agente da KGB”.*

*Sua primeira grande crise ocorreu quando 40 terroristas tchetchenos tomaram 850 reféns em um teatro de Moscou. As forças especiais chefiadas por Putin empregaram agentes químicos, que mataram os 40 insurgentes e 130 reféns, incluindo 9 estrangeiros.*

*Em 2003, fechou a última emissora independente de TV e tornou ilegal que a mídia comente sobre eleições. Em 2004, passou a nomear os governadores. Em 2005, afirmou que o colapso da União Soviética foi “o maior desastre geopolítico do século”. Eliminou inimigos políticos, muitos alegadamente com veneno, coagiu e aliciou os oligarcas e colocou as principais empresas russas sob sua órbita.*

*Ao menos desde 2008 Putin já vociferava que, caso a Ucrânia aderisse à Otan, anexaria a Ucrânia do Leste e a península da Crimeia. Crápulas costumam dar aviso prévio do que farão, mas o Ocidente não deu bola e preferiu peitar. Naquele ano, Ron Paul, político liberal americano, votou ‘não’ à proposta do governo Bush de expandir a Otan alertando que “a expansão da Otan poderá envolver os Estados Unidos militarmente em conflitos que não são de interesse nacional”.*

*As seguidas trapalhadas de política externa dos Estados Unidos e da Otan não justificam a anexação da Crimeia em 2014, território ucraniano desde 1954. Putin violou a soberania da Ucrânia e zombou do Direito Internacional ao empenhar soldados sem insígnias. De lá para cá, as hostilidades entre as partes se acentuaram e Putin optou pela infâmia.*

*Não creio que Putin tenha vislumbrado a potência e extensão da reação internacional, que desplugou a Rússia por intermédio de uma “bomba atômica financeira” e a tornou pária instantaneamente.*

*Já se imaginavam sanções a indivíduos, até agora implementadas contra cerca de 700 oligarcas, empresários e membros do círculo de poder, que tiveram seus bens congelados na Europa e nos EUA.*

*A comunidade internacional também está desconectando vários bancos russos do Swift, uma rede de facilitação de transferências financeiras, composta por 11.000 bancos. Embora a medida não impeça que a Rússia efetue transações internacionais, as tornará mais custosas e trabalhosas.*

*Porém, a ‘sanção atômica’ para fechar as torneiras da guerra e desestabilizar a Rússia financeiramente foi o congelamento das gigantescas reservas internacionais (US$630 bilhões) do BC russo.*

*Sem seu lastro, o rublo pode entrar em parafuso de desvalorização com inflação. Como não há dólares para fazer frente às enormes importações e demais compromissos, restará ao BC imprimir dinheiro.*

*Ao se desplugar a Rússia financeiramente, materializa-se o grave risco de contágio de bancos e empresas estrangeiras, que podem sofrer atrasos de pagamentos e calotes. E evaporam-se os mais de US$ 300 bilhões que a Rússia disponibiliza ao sistema financeiro no overnight, que será um choque nos bancos do Ocidente.*

*O Kremlin afirmou que “as sanções são problemáticas, mas a Rússia tem o potencial de neutralizá-las”. Pouco provável. As ações do Sberbank, maior banco russo, já caíram 90% e a Bolsa russa 60% em dólares (indicado pelo ETF ‘RSX’, proxy da bolsa).*

*Putin parece disposto a sacrificar o povo e a economia. Os riscos de sua reação —no limite, a continuidade da escalada bélica— são enormes. A sanção atômica financeira pode ser percebida pelos russos como uma renúncia das tradicionais e ensaiadas regras de escalada e um ato de guerra análogo ao bloqueio de comércio.*

| DOM. Samuel Pessôa | SEG. Marcia Dessen, Ronaldo Lemos | TER. Michael França, Cecilia Machado | QUA. Helio Beltrão | **QUI.** Cida Bento, **Solange Srour** | SEX. Nelson Barbosa | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Espaço vazio em prateleira onde antes eram oferecidas garrafas de voca russa, em loja de bebidas em Arlington, nos EUA Stefani Reynolds/AFP

# Voluntariamente, dezenas de companhias deixam a Rússia

Grandes multinacionais ocidentais de diversos setores fecharam operações

**Thiago Bethônico e Luiz Antonio Cintra**

SÃO PAULO As sanções econômicas que a Rússia vem sofrendo após invadir a Ucrânia não estão sendo aplicadas apenas por países e organizações internacionais. Diante da escalada bélica dos últimos dias, as retaliações passaram a vir também do setor privado.

Grandes multinacionais ocidentais de diversos setores fecharam operações locais, suspenderam negociações com companhias russas e anunciaram a retirada de investimentos diretos no país.

Empresas como Shell e BP abandonaram negócios bilionários na Rússia, enquanto gigantes dos transportes, como MSC e Maersk, suspenderam remessas. Os clientes da Apple não podem fazer compras na versão russa da loja online, que mostra produtos como os últimos iPhones como “indisponíveis no momento”.

O governo de Vladimir Putin, por sua vez, baixou hoje um decreto proibindo os estrangeiros de vender ativos russos, com a intenção de ganhar tempo e dificultar a saída dos investidores. E ainda dá argumentos às empresas, particularmente às de capital aberto, para justificar a permanência na Rússia.

A debandada das companhias adiciona ainda mais pressão ao caldeirão econômico russo que, diante de sanções sem precedentes, viu o rublo cair para mínimos recordes, obrigando o banco central do país a dobrar sua taxa de juros.

A interrupção dos negócios com a Rússia não é necessariamente um posicionamento contra a guerra. Os anúncios vêm de grupos empresariais que buscam equilibrar o impacto em suas reputações, minimizando a exposição às pesadas sanções ocidentais.

Entre as companhias brasileiras, a catarinense WEG, fabricante de motores elétricos listada na B3, a Bolsa de Valores brasileira, é uma das que têm mais investimentos no território russo.

Operando através da subsidiária WRU, em setembro passado anunciou investimentos na Sibéria, onde abriu escritório na cidade de Novosibirski.

Também no ano passado, a WRU anunciou a venda de um motor de grande porte, encomendado pela maior mineradora de ouro da Rússia, capaz de operar em até -50° C.

Por fazer parte dos principais rankings de ESG (ambiental, social e de governança, na sigla em inglês), a WEG está entre as empresas de capital aberto que agora, segundo analistas do mercado, serão pressionadas por investidores e empresas de rating a respeito dos negócios na Rússia.

Procurada, a WEG não havia se manifestado até a publicação desta reportagem.

Gigantes do petróleo estiveram entre as primeiras a anunciar que encerrariam operações russas. A Shell vai se livrar de sua participação minoritária em uma grande usina de gás natural liquefeito e deixará seu principal negócio de GNL, o Sakhalin 2, do qual detém 27,5%. A operação é controlada pela gigante russa de gás Gazprom, dona de metade do negócio.

A BP, grupo de energia britânico, pretende alienar sua participação na Rosneft, empresa de energia russa. A norueguesa Equinor disse na segunda-feira (28) que deseja sair de joint ventures na Rússia, incluída a parceria estratégica com a Rosneft, abrangendo projetos em toda a Sibéria.

Nesta segunda, a gigante francesa TotalEnergies anunciou que não investirá em novos projetos, e a Orsted, da Dinamarca, parou de fornecer carvão e biomassa russos para suas usinas de energia, mas continuará comprando até dois bilhões de metros cúbicos de gás natural da Gazprom. Também afirmou que não firmará novos contratos com empresas russas ou com fornecedores russos.

Entre as montadoras, a sueca Volvo Cars foi a primeira montadora internacional a suspender sua operação russa. Foi seguida pela fabricante de caminhões Volvo, que é independente da montadora de automóveis.

Renault, Harley-Davidson, General Motors, BMW, Jaguar Land Rover e Daimler Truck estão entre as mais de dez empresas do setor automobilístico que decidiram sair da Rússia.

A Maersk disse nesta terça-feira que todo o transporte de contêineres para a Rússia será temporariamente interrompido. A companhia opera rotas de transporte de contêineres para São Petersburgo e Kaliningrado no Mar Báltico, Novorossiysk no Mar Negro e Vladivostok e Vostochny na costa leste da Rússia. A Ocean Network Express, uma das principais empresas de transporte de contêineres do mundo, suspendeu suas remessas de e para a Rússia. A AerCap Holdings, maior locadora de aviões do mundo, vai encerrar contratos.

Com Reuters e Financial Times

## Vodca russa some de bares e lojas, e coquetel muda de nome

**Susannah Walden**

WASHINGTON | AFP Os clientes do bar e churrascaria Caddies, em Bethesda, Maryland, continuam a poder pedir o clássico coquetel feito com vodca, cerveja de gengibre e limão, mas o nome mudou de Moscow Mule para Kiev Mule.

Ronnie Heckman, 31, proprietário do restaurante localizado nas cercanias da capital americana, disse que deixou de comprar e servir vodca russa em solidariedade para com a Ucrânia, atacada pelos russos.

A vodca russa não domina os mercados de bebidas alcoólicas da América do Norte, mas, para as autoridades e empresas americanas e canadenses, retirar as marcas russas das prateleiras e dos cardápios é um símbolo valioso de apoio à Ucrânia e uma forma visível de rejeição internacional a Moscou pela invasão.

Também há lojas, restaurantes e bares que abandonaram a vodca russa em estados que vão do Kansas (no centro do país) a Vermont (região nordeste).

Na Virgínia, um dos 17 estados americanos em que o governo administra a venda e distribuição de bebidas alcoólicas destiladas, a autoridade de controle retirou as marcas de vodca de origem russa de quase 400 lojas.

Os governadores da Virgínia Ocidental, Ohio e Texas, entre outros, fizeram o mesmo ao ordenar a, ou apelar pela, eliminação de todos os produtos russos.

No Canadá, a Junta de Controle de Bebidas Alcoólicas da província de Ontário anunciou na sexta-feira que todos os produtos fabricados na Rússia seriam retirados de seus pontos de venda. Outras províncias tomaram medidas semelhantes nos últimos dias.

As proibições não se limitam à América do Norte. A distribuidora estatal de bebidas alcoólicas da Finlândia proibiu os produtos russos na segunda, uma decisão que afeta 30 marcas, em sua maioria de vodca. O órgão estatal responsável por bebidas alcoólicas na Suécia anunciou que faria o mesmo.

**649.717 mortes**
País registrou 274 óbitos nesta terça-feira (1º)

**28.809.465 casos**
Mais 23.393 infecções foram detectadas em 24 horas

# Profissionais 'invisíveis' da saúde relatam desgaste e esgotamento

Fiocruz mapeia condições de trabalho de técnicos, maqueiros e sepultadores na pandemia

Enterro de vítima de Covid-19 em cemitério na zona sul paulistana Lalo de Almeida - 24.mar.21/Folhapress

**Cláudia Collucci**

SÃO PAULO Técnicos de enfermagem, agentes de saúde da família, maqueiros, condutores de ambulância, pessoal da limpeza, da cozinha e da manutenção, sepultadores. Essenciais nos serviços de saúde e presentes na linha de frente da pandemia, 80% desses trabalhadores de níveis técnico e auxiliar relatam desgaste profissional relacionado ao estresse psicológico, ansiedade e esgotamento mental.

No maior estudo já realizado para avaliar a saúde mental e as condições de trabalho dos considerados "invisíveis" da saúde, pesquisadores da Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz) mostram que a rotina da maioria deles está marcada por desigualdades sociais, sobrecarga de trabalho, ausência de direitos trabalhistas e preconceitos.

A pesquisa ouviu 21.480 trabalhadores das redes de saúde pública, privada e filantrópica, de 2.395 cidades de todas as regiões do país. O contingente é formado majoritariamente por mulheres (72,5%), pretos ou pardos (59%), sendo que 32,9% deles têm até 35 anos e outros 50,3%, até 50.

Um quarto (23,9%) desses profissionais já tem comorbidades importantes: 32%, hipertensão; 15% obesidade; 13% doenças pulmonares; 12%, depressão; e 10%, diabetes.

Segundo a socióloga Maria Helena Machado, pesquisadora da Fiocruz e coordenadora do trabalho, o estudo revela que esses trabalhadores, que somam perto de 2 milhões do país, são vítimas de discriminação social dentro da hierarquia dos serviços de saúde e que é preciso que os gestores de saúde olhem para eles.

"Eles vivem em situação de sofrimento. Dormem mal, comem mal. Falta salário, infraestrutura, condições mínimas de trabalho. Atuam em ambientes insalubres, muitos não têm acesso a EPIs [Equipamentos de Proteção Individual] recomendados ou, quando têm, são de baixa qualidade ou usados fora dos protocolos", diz a pesquisadora.

"Alguns afirmam que já tiveram que comprar álcool, máscara, com recursos próprios. Outros nunca tinham usado uma máscara N95."

De acordo com o estudo, na pandemia, a jornada de trabalho se tornou ainda mais pesada. Para a grande maioria (85,5%), chegou a até 60 horas semanais. "Eles tiveram que substituir colegas afastados ou que faleceram. Muitos viram os colegas morrerem e, mesmo assim, trabalharam adoecidos com medo de não receber o salário", explica Machado.

Segundo a pesquisadora, muitos desses profissionais não têm vínculos com as instituições de saúde que garantam direitos trabalhistas. "São considerados autônomos, mas não têm o lastro social dos médicos, dos enfermeiros, que os permitam trabalhar em um ou dois lugares da área da saúde."

Pouco mais de um quarto dos trabalhadores (25,6%) necessita fazer bicos para sobreviver porque ganha entre um e dois salários-mínimos. "Depois que tiram o uniforme da área da saúde, eles se tornam serventes de pedreiro, segurança, porteiro, motorista de aplicativo, babá, faxineira", diz Machado.

Os resultados mostram que 53% dos "invisíveis" da saúde não se sentem protegidos contra a Covid-19 no trabalho. O medo generalizado de se contaminar (23,1%), a falta, escassez e inadequação do uso de EPIs (22,4%) e a ausência de estruturas necessárias para efetuar o trabalho (12,7%) foram citados como os principais motivos de desproteção.

Um condutor de ambulância ouvido na pesquisa conta, por exemplo, que é obrigado a usar uma única máscara de proteção durante dois ou três dias, quando o protocolo recomenda que seja trocada de duas em duas horas.

Ele relata que o risco físico se mostra maior ainda por ter de pegar as macas sozinho, sem a ajuda que tinha antes.

Para 54,4% dos trabalhadores ouvidos na pesquisa, houve também negligência na capacitação sobre os processos da Covid-19 e dos procedimentos e protocolos necessários para o uso de EPIs.

Segundo a pesquisadora, 70% reclamam da falta de apoio institucional e 35,5% relatam ter sofrido violência ou discriminação durante a crise sanitária: 36,2% no ambiente de trabalho; 32,4% na vizinhança; e 31,5% no trajeto casa-trabalho-casa.

Machado lembra que esses trabalhadores também não foram priorizados na vacinação contra a Covid. "A vacinação aconteceu muito depois para os maqueiros dos hospitais, o pessoal da faxina, da limpeza, da desinfecção, os agentes de saúde da família. Algumas categorias tiveram que entrar com mandados de segurança para receber a vacina porque não eram consideradas da saúde e muito menos essenciais."

Os resultados da pesquisa foram apresentados em uma live na noite da última quinta (23) às duas maiores confederações representativas dos trabalhadores da saúde pública e privada, a CNTSS e CNTS.

Para Benedito Augusto, presidente da CNTSS (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Seguridade Social), a pesquisa chama a atenção para o recorte raça e gênero dos trabalhadores. "Temos a senzala da saúde [com mulheres pretas sendo a maioria desse contingente]. Essa pesquisa mostra a cara e a alma das condições de trabalho da saúde no país."

Augusto diz que, em conversas com trabalhadores paulistas sobre as condições de trabalho na pandemia, não foi reivindicação salarial a principal demanda. "Eles tinham medo de morrer, de levar a morte para casa. Essas pessoas se sentem desumanizadas, querem ser enxergadas na sua cidadania."

Para Valdirlei Castagna, presidente da CNTS (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Saúde), os gestores de saúde, os parlamentares e o setor empresarial precisam proteger os profissionais mais vulneráveis e olhar com mais sensibilidade para as reivindicações históricas da categoria.

Ele afirma que a pesquisa apontou práticas, como a hierarquização no uso de EPIs, que são inconcebíveis. "Algumas categorias usam EPIs melhores que as outras. Não dá para ser dessa forma. É um direito de todos independentemente da função."

Para Castagna, embora a pandemia tenha trazido mais visibilidade e reconhecimento da população aos trabalhadores da saúde, é preciso que isso se traduza em atos concretos e objetivos.

Na percepção de muitos trabalhadores da saúde ouvidos na pesquisa, o sentimento é de que não houve um reconhecimento do trabalho durante a crise sanitária por parte dos gestores de saúde.

"A maior lição que eu tirei desta pandemia foi que o momento em mais deveríamos ter suporte profissional foi o momento em que mais fomos explorados", afirmou um dos sepultadores entrevistados.

**Condições de trabalho e saúde mental dos trabalhadores 'invisíveis' da saúde**

Pesquisa da Fiocruz mapeou situação de técnicos e auxiliares

**35,5%** relatam ter sofrido violência ou discriminação durante a crise sanitária
**Em %**

| No ambiente de trabalho | Na vizinhança | No trajeto casa-trabalho-casa |
|---|---|---|
| 36,2 | 32,4 | 31,5 |

Fonte: Pesquisa da Fiocruz "Os trabalhadores invisíveis da saúde: condições de trabalho e saúde mental no contexto da Covid-19 no Brasil"



> **Eles tiveram que substituir colegas afastados ou que faleceram [na pandemia]. Muitos viram os colegas morrerem e, mesmo assim, trabalharam adoecidos com medo de não receber o salário**
>
> **Maria Helena Machado**
> pesquisadora da Fiocruz e coordenadora do estudo

# *Vacinação em zonas de conflito*

Cabe refletir como a prevenção de doenças sofre em áreas de combate

***Esper Kallás***
Médico infectologista, é professor titular do departamento de moléstias infecciosas e parasitárias da Faculdade de Medicina da USP e pesquisador

*A poliomielite, causada por um vírus de transmissão oral, sempre foi reconhecida como uma doença catastrófica, que afeta principalmente as crianças, com paralisia e morte. Hoje é mais uma história em grande parte do mundo, mas ainda uma ameaça.*

*Já temos todas as ferramentas para erradicar a doença, entre elas, duas ótimas vacinas. Conhecidas como salk e sabin, são fáceis de serem produzidas e aplicadas, principalmente a sabin. Esta vacina oral inspirou a adoção do personagem Zé Gotinha, marca registrada das campanhas de vacinação pelo Brasil.*

*Por que, então, ainda não foi erradicada? Sua transmissão ainda é perene (epidemiologistas usam o termo endêmica) somente no Paquistão e no Afeganistão, especialmente ao redor da fronteira entre os dois países, que sofre com conflitos há muito tempo. Casos isolados ou surtos ocorrem também em vários países da África, além de Iêmen, Tadjiquistão e Ucrânia.*

*Embora a pobreza e a falta de estrutura tenham impacto significativo na transmissão, chama a atenção a superposição das regiões de conflito com os locais onde ainda ocorrem os casos da doença.*

*Outro exemplo é o cólera, causado por bactéria transmitida pela água ou alimentos contaminados, considerado um barômetro para detectar condições precárias de saneamento. É o que aconteceu na Síria, onde a doença matou principalmente crianças de regiões envolvidas na guerra civil, com a maioria dos casos no meio da década passada.*

*Ações pontuais também tiveram grande repercussão, como na caçada a Bin Laden.*

*Agentes disfarçados de profissionais de saúde coletaram amostras de DNA de bebês no leste do Paquistão, durante campanha de vacinação para hepatite B, a fim de localizar parentes de Bin Laden, baseando-se no DNA de sua irmã falecida nos EUA. Isso provocou retaliações contra profissionais de saúde locais com aumento de hesitação e desconfiança à vacinação, com queda significativa da adesão às imunizações.*

*Em 2016, o Conselho de Segurança da ONU aprovou por unanimidade a proteção aos serviços de saúde em áreas de conflitos como uma lei humanitária, cujo desrespeito pode ser definido como crime. "Mesmo as guerras precisam seguir regras", lembrou o então secretário-geral, Ban Ki-moon.*

*O que acontecerá com a Covid-19 com a guerra na Ucrânia? O caos terá consequências devastadoras para o sistema de saúde, com provável paralisação das vacinações. Quando correr para salvar suas vidas é a única opção, todas as outras medidas restritivas, como o uso de máscaras e distanciamento social, passam a ser praticamente impossíveis, frente às necessidades básicas da imensa massa migratória.*

*Campos de refugiados devem ser focos de transmissão, tanto do coronavírus como de outros germes preveníveis. O que traz mais complexidade para as ações de auxílio humanitário, pois não basta oferecer abrigo e suprimentos. Estratégias de prevenção de doenças precisam fazer parte.*

*Os desafios se multiplicam com as notícias falsas. No Afeganistão, chegou-se a propagar que mulheres ficariam estéreis caso recebessem vacinas. Com a Covid-19, há inúmeras teorias conspiratórias, mesmo em locais com recursos, infraestrutura e programas bem planejados. O que esperar em regiões com refugiados, no meio da guerra de informações provocada pelos conflitos?*

*São enormes os desafios.*

*Embora, historicamente, o número de conflitos tenha diminuído, não há perspectiva de que acabem. Resta continuar criando regras e planos de emergência para enfrentar doenças infecciosas em regiões de conflito armado.*

# Mercado chinês volta a ser apontado como epicentro da Covid

Três novas pesquisas encontram evidências da relação do do espaço com animais em Wuhan como origem do vírus

**Ana Bottallo**

SÃO PAULO A origem do coronavírus Sars-CoV-2, responsável pela pandemia que já provocou a morte de quase 6 milhões de pessoas em todo o mundo, continua um mistério para pesquisadores e autoridades de saúde.

Agora, três novos estudos, um publicado na última sexta (25) e dois no sábado (26), apontam novamente o mercado de animais de Huanan, em Wuhan, como epicentro da Covid. As três pesquisas foram tornadas públicas em repositórios de pré-print online e aguardam revisão por pares.

A hipótese de o local, que vendia animais vivos junto com produtos de origem animal frescos e congelados, ser o foco inicial da pandemia já havia sido aventada diversas vezes, porém a prova final, ou o chamado "paciente zero", permanece desconhecida.

O relatório publicado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em fevereiro de 2021, apresentando quatro cenários distintos para a passagem do vírus a humanos, apontava a origem natural a partir de um hospedeiro animal como provável a muito provável, mas a própria equipe de pesquisa havia descartado o mercado de animais como epicentro.

No entanto, conforme apontou uma pesquisa do biólogo evolucionista Michael Worobey, o primeiro caso oficialmente reconhecido pela OMS não foi o primeiro de fato.

A partir de uma análise publicada na revista Science em novembro de 2021, Worobey mostrou que, na verdade, a primeira pessoa infectada foi uma vendedora de peixes no mercado de Huanan.

Worobey e colegas foram investigar a distância dos 174 casos reconhecidos pela OMS no início da pandemia, em dezembro de 2019, do mercado.

Utilizando dados de latitude e longitude disponíveis para 156 deles, eles encontraram que a maioria dos casos ocorreu perto ou na região de entorno do mercado, incluindo os casos classificados como não ligados diretamente ao local pela entidade de saúde.

De acordo com os pesquisadores, os achados indicariam ser "extremamente improvável" que os casos observados em dezembro fossem tão próximos ao mercado por questões de densidade demográfica.

Eles concluem que a análise estatística confirma a hipótese de que "os primeiros casos de Covid estavam altamente concentrados no, ou próximos ao, mercado de Huanan".

Na sexta (25), pesquisadores do Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) de Wuhan divulgaram os resultados da análise de RT-PCR para detectar o coronavírus em 1.380 amostras coletadas no mercado de Huanan, em janeiro de 2020.

Logo após os primeiros casos de "pneumonia de causa desconhecida", que depois viria a ser a Covid-19, em dezembro de 2019, as autoridades chinesas fecharam o mercado de animais de Huanan e fizeram a desinfecção do local, que permanece fechado.

Os cientistas coletaram amostras de 923 superfícies, como bancadas, paredes, chão e até bocas de bueiro, e 457 amostras de animais, incluindo carcaças, animais de rua e fezes de bichos no local.

Embora as amostras dos animais que eram vendidos no mercado tenham tido resultado negativo para o Sars-CoV-2 —o motivo principal de até hoje ser desconhecido o hospedeiro intermediário do vírus antes de saltar para humanos—, os chineses encontraram traços do Sars-CoV-2 em diversos pontos no mercado, principalmente na ala oeste, que fica no lado esquerdo da rodovia Xinhuan, que corta o mercado em dois.

No estudo de Worobey, os autores também apontaram que alguns dos mercados que ofereciam animais vivos incluíam espécies como guaxinins, texugos (gênero Arctonyx) e raposas, que são possíveis reservatórios de coronavírus.

Assim como na pesquisa de Worobey e colegas, os chineses viram maior incidência de vestígios do coronavírus nas barracas que vendiam animais vivos, a maioria concentrada na parte sudoeste do mercado.

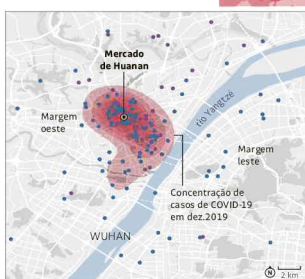
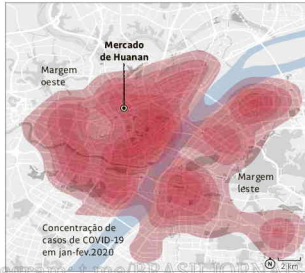
Apesar dos esforços da OMS de testagem em mais de 80 mil indivíduos de diferentes espécies animais, os autores reforçam que aqueles mais suscetíveis ao coronavírus, identificados por eles como sendo vendidos no mercado de Huanan em novembro e dezembro de 2019, não foram incluídos na amostragem.

**Novos achados indicam origem do coronavírus no mercado de Wuhan**

Cientistas traçaram os primeiros casos de "pneumonia desconhecida", em dezembro de 2019, e viram relação com o mercado de Wuhan

**Dados de latitude e longitude dos casos identificados no relatório da OMS permitiram mapear os primeiros casos de Covid em:**

■ Casos não ligados diretamente com o mercado de Huanan no relatório da OMS

■ Casos ligados diretamente com o mercado de Huanan

**Além da ligação direta, a alta densidade de casos confirmados nos meses posteriores indica que o surto local foi no mercado de animais**

**Dados de geolocalização de pessoas com Covid que usaram a rede social Weibo para comunicar sintomas da doença em janeiro e fevereiro de 2020**

Fonte: The New York Times com base no artigo "The Huanan market was the epicenter of Sars-CoV-2 emergence", Worobey et al. 2022, publicado na plataforma de pré-prints zenodo.org

### Linhagens iniciais

Além das evidências de alta densidade de casos nos arredores do mercado e dos vestígios de Sars-CoV-2 encontrados no local, os autores identificaram as duas linhagens iniciais do coronavírus, conhecidas como A e B, também ligadas ao mercado de Huanan no início da pandemia.

O terceiro estudo publicado no último sábado (26) indicou dois eventos distintos de salto dessas linhagens para humanos. O primeiro, envolvendo a linhagem B, que se tornou a predominante durante a pandemia, ocorreu no final de novembro e início de dezembro de 2019, enquanto a infecção pela linhagem A ocorreu algumas semanas depois.

Na pesquisa de Worobey e colegas, os autores encontraram indícios de casos que ocorreram com a linhagem A, que não havia sido associada ao mercado de Huanan previamente, com uma distância de menos de 1 km do local.

Resultados similares foram obtidos pelos pesquisadores chineses do CDC, que encontraram a presença da linhagem A em amostras coletadas no ambiente do mercado.

Assim, os dados corroboram a circulação das duas linhagens no início da pandemia no local do mercado. Se uma linhagem derivou da outra —a diferença entre as duas é de duas mutações— ou se a linhagem A foi trazida ao local por uma pessoa infectada, ainda não é possível saber, dizem os cientistas.

Tampouco é possível determinar qual —ou quais— espécie animal está diretamente ligada ao salto do coronavírus para humanos. No entanto, os novos achados apontam cada vez mais para uma origem do Sars-CoV-2 no mercado de Huanan.

# Câncer colorretal: a bola da vez em março

**OPINIÃO**

**Raul Cutait**
Professor do Departamento de Cirurgia da Faculdade de Medicina da USP, cirurgião digestivo do Hospital Sírio-Libanês e membro da Academia Nacional de Medicina

Há vários anos, a comunidade médica internacional emite alertas para a população sobre como prevenir ou fazer diagnóstico precoce dos tumores mais frequentes. Isso se justifica pois seu reflexo é um número de casos abaixo do estatisticamente esperado, um maior número de casos diagnosticados precocemente e, portanto, com muito maior probabilidade de cura, menos sofrimento individual e familiar e, também de importância, com menos custos para os sistemas de saúde.

Em março, o tumor combatido é o do câncer colorretal, cuja incidência continua crescendo em todo o mundo, sendo diagnosticados anualmente cerca de 2 milhões de casos novos. Infelizmente, quando o diagnóstico é feito a partir de sintomas clínicos, mais de 30% dos pacientes já apresentam doença disseminada, o que diminui sensivelmente a chance de cura, algo que contrasta com índices de cura de 90% para casos diagnosticados precocemente.

Ao longo das últimas três décadas, várias sociedades médicas têm se preocupado em propor programas de prevenção e diagnóstico precoce do câncer colorretal, sendo que vários estudos já mostram diminuição do número de casos nas populações que participam desses programas. Estes são desenhados em função do risco individual de se desenvolver câncer colorretal ao longo da vida, definindo-se três grupos de risco distintos: baixo, médio e alto.

No grupo de baixo risco estão as pessoas com menos de 45 anos de idade e que não apresentam fatores predisponentes, tais como mutações genéticas transmissíveis de pais para filhos ou doenças intestinais inflamatórias.

No grupo de risco médio encontram-se aqueles com mais de 45 anos, que é a idade a partir da qual aparece a grande maioria dos tumores colorretais.

Já no grupo de risco alto encaixam-se pessoas com determinadas mutações genéticas, em especial membros de famílias com duas doenças hereditárias, que felizmente correspondem a cerca de 5% de todos os casos de câncer colorretal, que são a síndrome de Lynch e a polipose adenomatosa familiar. Neste grupo encontram-se, com risco menor que essas síndromes, os parentes de primeiro grau de portadores de câncer colorretal e pacientes com doenças específicas (como as inflamatórias intestinais).

É em função do risco que são estruturados os programas de prevenção e diagnóstico precoce. Assim, o grupo de baixo risco não necessita de exames ou avaliações.

Para o grupo de risco médio preconiza-se a colonoscopia a cada 5 a 10 anos, provavelmente até os 80 anos de idade. Caso sejam encontrados pólipos adenomatosos, os intervalos entre as colonoscopias tendem a diminuir. Alguns programas sugerem a pesquisa periódica de sangue oculto nas fezes nos intervalos das colonoscopias.

Já para populações de risco elevado, os programas de prevenção e diagnóstico precoce variam de acordo com o problema de base, não cabendo explaná-los neste limitado espaço.

É preciso ficar claro que qualquer programa de prevenção e diagnóstico precoce de câncer depende do conhecimento dos riscos e da motivação individual para minimizá-los. Por outro lado, é fato que nosso sistema público não está apto para arcar com as dezenas de milhões de colonoscopias requeridas para um programa abrangente. Como reflexão, cabe dizer que, na atual fase, as populações de risco elevado devem ser priorizadas, assim como as populações de risco médio de regiões geográficas com maiores incidências de câncer colorretal, que no Brasil são as regiões Sudeste e Sul.

Um comentário: tudo o que foi dito acima diz respeito à chamada prevenção secundária, mas existem atitudes relacionadas com a prevenção primária que podem diminuir os riscos individuais para desenvolver câncer colorretal na vida adulta e que devem começar a ser valorizadas desde a infância, em especial as relacionadas com a dieta, que deve ser rica em fibras vegetais e restrita quanto à ingestão de gorduras animais, à prática de exercícios aeróbicos e, também de forma relevante, evitando-se a obesidade.

Finalizando: goste de você mesmo e não deixe de tomar as medidas que podem ajudá-lo(a) a não desenvolver este tumor. A vida agradece!

# MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

## Foi apaixonado por tango, trabalho e vida no campo

**ANTÔNIO KARAM (1915-2022)**

**Wesley Faraó Klimpel**

SÃO PAULO Ao completar um século de vida, Antônio Karam celebrou seu aniversário dançando tango ao lado de 200 pessoas em uma charqueada. A dança era uma de suas paixões, assim como o Grêmio, o Banco do Brasil, onde trabalhou por três décadas, e o campo.

Ele aprendeu a dançar na juventude, para vencer a timidez. O tempo e a prática o fizeram se tornar um dos melhores tangueiros do sul do Rio Grande do Sul, diz o filho, Francisco Karam.

Filho mais velho de libaneses nascido em Passo do Salso (RS), Aissar, como era chamado na família, mudou-se quando criança para Pelotas (RS) e, tempos depois, para Bagé (RS). Lá, trabalhou com o pai no comércio e virou funcionário do Banco do Brasil. Ele era um dos responsáveis, nos anos 1940 e 1950, por levar barras de ouro, de trem, até Porto Alegre.

Quando se aposentou, em 1971, Karam se mudou de vez para a chácara que comprara anos antes, a Granja Querência. "Ele me disse uma vez: 'Isso aqui foi para tentar realizar de novo o sonho da minha infância, que eu tinha paixão pelo campo'", relembra o filho.

Além de criar algumas cabeças de gado, galinhas e ovelhas no local, o gaúcho plantou em seu refúgio centenas de árvores –só de frutas eram ao menos 14 tipos. Em meio à vida rural, ele tinha seu escritório, onde costumava ler.

Karam também foi professor universitário e colunista do diário bageense Correio do Sul, no qual escreveu de 1944 até o início do século 21, quando o jornal deixou de existir.

Na coluna Amigo Velho, publicou crônicas, contos e poesias sobre política, cultura e a vida local. Alguns dos textos foram reunidos em quatro livros –o último foi lançado em 2019.

Gaúcho tradicional, começava o dia com o mate e adorava churrasco. Só deixou de se responsabilizar pela carne aos 90 anos, quando delegou a função aos descendentes. Nos últimos anos, passava algumas temporadas com os filhos em Pelotas e em Florianópolis.

Karam morreu aos 106 anos, em 11 de fevereiro, duas semanas após cair no banheiro e fraturar o fêmur. Duas vezes viúvo, deixa cinco filhos, seis netos, um bisneto, a Granja Querência e um livro inacabado de memórias, que a família pretende finalizar.

**7º DIA**

**PROFESSOR EDMUNDO PINTO DA FONSECA** Quarta (2/3) às 19h, Basílica de Nossa Senhora do Carmo, Paraíso, São Paulo (SP)

**1 MÊS**

**PLINIO ALBERTO PEREIRA**
Quinta (3/3) às 18h30, Igreja da Consolação, Centro, São Paulo

**Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo:**
tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

**Anúncio pago na Folha:** tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

**Aviso gratuito na seção:** folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (19h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

**cotidiano**

# Ludmilla e Anitta encerram Carnaval confinado em SP

Chuva atrasou show, mas não desanimou foliões em evento no Jockey Club

**Isabella Menon**

SÃO PAULO Foi em cima de um trio elétrico, no estacionamento do Espaço das Américas, na zona oeste de São Paulo, que a cantora Ludmilla se apresentou para um multidão no último dia de Carnaval confinado.

Com uma minissaia cor-de-rosa brilhante, ela animou uma plateia de aproximadamente 7.000 pessoas. "Mãozinha pra cima só para quem está imunizado, só para quem tomou vacina", disse a cantora.

Seus fãs cantavam e pulavam ao som de seus funks, como "Sem Querer", "Favela Chegou" e "Verdinha".

Quem deixou para comprar ingresso de última hora desembolsou R$ 280. "Só vim aqui hoje porque pagar para ir a todos os eventos que eu queria é impossível", diz o arquiteto Mateus Matielo, 26.

Para seu amigo Ronan Arruda, 26, que é auxiliar administrativo, de "certa forma", aconteceu o Carnaval em São Paulo. "As pessoas estão se aglomerando, isso é Carnaval."

Na capital paulista, as tentativas de atrair foliões para as ruas foram tímidas em comparação ao que houve no Rio de Janeiro, onde blocos clandestinos arrastaram milhares de pessoas fantasiadas apesar das restrições.

Depois de Ludmilla, o line-up foi encabeçado por Gloria Groove, que levou ao público o álbum mais recente, "Lady Leste". Em razão da chuva, ela não subiu no trio elétrico montado no estacionamento. Seu show foi transferido para uma área interna no Espaço das Américas.

Ao mesmo tempo, ocorria o Carnaval na Cidade, no Jockey Clube, também na zona oeste. Nesta terça, o evento recebeu nomes como a banda DDP Diretoria e a dupla sertaneja Jorge e Mateus.

A cantora Anitta em show no Jockey Club, na zona oeste de São Paulo, nesta terça-feira de Carnaval Rubens Cavallari/Folhapress

O encerramento do evento ficou por conta de Anitta. Mesmo após horas de festa, o público continuava animado.

Quem deixou para comprar o ingresso da festa na porta do Jockey se deparou com a cobrança de R$ 1.500. Ali, a expectativa também era de reunir cerca de 7.000 pessoas.

O clima era semelhante ao dos últimos dias do evento, até uma tempestade cair na festa que acontecia ao ar livre. Apesar dos foliões permanecerem no local, a maioria se amontoou sob uma tenda construída para o bar.

Devido às fortes chuvas, o show de Anitta atrasou uma hora para começar. Mesmo com o temporal, foliões não arredaram o pé do Jockey Club e cantaram suas músicas, desde funks mais antigos ao sucesso mais recente "Boys Don't Cry".

O show foi interrompido durante poucos minutos por causa da queda de uma parte da cenografia do palco. A produção do evento afirmou que quatro pessoas saíram feridas, mas passavam bem.

A apresentação da cantora continuou logo em seguida. Ao todo, ela tocou por mais de uma hora.

## Chuva derruba árvores e inunda ruas de São Paulo

SÃO PAULO As chuvas em pontos isolados na capital paulista, na noite desta terça-feira (1º), derrubaram árvores e alagaram vias, que acabaram interditadas.

Segundo o Corpo de Bombeiros, até as 19h50, foram registrados 78 chamados para quedas de árvores, 126 para enchentes e nove para deslizamentos.

Na região da Vila Prudente, na zona leste, pessoas ficaram ilhadas. Por volta das 20h50, bombeiros conseguiram salvar o grupo. O número de vítimas não foi informado. Todas foram deixadas em locais seguros, afirmou a corporação.

O túnel Papa João Paulo 2º, na região central, chegou a ficar intransitável, de acordo com o CGE (Centro de Gerenciamento de Emergências Climáticas), da prefeitura.

Em alguns pontos de Pinheiros e da Vila Madalena, na zona oeste, o nível de água acumulada chegava à altura da cintura.

Ao todo, foram registrados ao menos 35 pontos de alagamento em São Paulo.

# *Só comoção não muda o mundo*

A gente precisa se cobrar mais por atitudes transformadoras

**Jairo Marques**

Jornalista, especialista em jornalismo social pela PUC-SP. É cadeirante desde a infância

*O presidente da Macedônia do Norte, dias atrás, tomou uma atitude que fez coraçõezinhos mais frágeis ao redor do mundo ficarem apertados e comovidos: pegou na mão de uma criança com síndrome de Down, que estava sendo hostilizada por sua condição dentro da escola e havia sido afastada das aulas, e levou a menina, pessoalmente, de volta ao local de estudos.*

*Com o ato, ele demonstrou que ali, na escola, era um lugar de direito, de razão e de igualdade garantidos à menina e que o país em que é líder vai defender a condição dela ser quem é e de estudar junto com todos até o fim.*

*Se tivesse preocupação semelhante, Bolsonaro não faria outra coisa por aqui em sua administração. Com a política excludente à pessoa com deficiência adotada por ele —com aderência rápida de alguns setores sociais—, voltaram a ser comuns no Brasil os relatos de negativas de matrículas a crianças com condições físicas, sensoriais ou intelectuais diferentes, assim como se ampliaram os discursos de que é "muito difícil lidar com essas crianças especiais" que precisam ser enfurnadas em cativeiros pseudoeducacionais.*

*Talvez fosse necessário, em nosso país, uma marcha pela inclusão, envolvendo milhares de pessoas, para causar sensação semelhante à do líder europeu. Mas também temos cá nossas demonstrações emotivas com as diferenças que mexem com o povo, como não?!*

*O apresentador do Big Brother, Tadeu Schmidt, fez um gesto em Libras, a Língua Brasileira de Sinais, em um dos episódios do reality, que repercutiu bonito nas redes sociais e virou notícia com tons de mentalidade inclusiva.*

*Não sabemos falar nem ao menos bom dia, na língua usada por parte dos surdos, resistimos tentar ampliar a comunicação mais próximas com essas pessoas, mas adoramos saber que, no programa mais popular da TV brasileira, um gesto diferentão repercutiu e mostrou de relance que existe diversidade comunicacional na humanidade. Mas acabou por ali, não vi janelas de Libras na atração.*

*Em grande parte das vezes, por trás de um ato que vai gerar enorme comoção, há alguém sofrendo pra burro, sendo humilhado, sendo exposto, sendo estigmatizado, sendo inferiorizado. Há alguém fazendo um apelo desesperado, há alguém tentando sair da invisibilidade, há alguém querendo algum tipo de salvação.*

*Uma amiga com uma doença rara, cadeirante, foi retirada de um avião pela Polícia Federal por precisar usar um respirador que a auxilia a sobreviver durante um voo. Ela gravou tudo enquanto se consumia em lágrimas e em dor de ser diferente, por se sentir ultrajada. Comoveu um monte, espera-se reparação, espera-se o aguardado novo olhar sobre àqueles que não seguem padrões.*

*A gente precisa se cobrar mais por atitudes transformadoras na vida dos outros, precisa se impor mais coragem para fazer a diferença em vez de apenas contemplar, pela tela do celular, as bombas destruindo tudo e despedaçando esperanças de um amanhã melhor.*

*Só há paz, só há amor, só haverá inclusão quando a comoção servir apenas de combustível para motivar novas formas de agir, de abraçar, de se declarar e de pensar. Reconhecer que só batemos palmas, só catamos cisco nos olhos importa, pode ser bom. Vai ser muito melhor, quando conseguirmos evitar que um "seru-mano", pelo menos um, termine o dia se achando inferior, sem méritos de estar vivo.*

| DOM. Antonio Prata | SEG. Marcia Castro, Maria Homem | TER. Vera Iaconelli | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | **QUI. Sérgio Rodrigues** | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

**ciência**

# Marcos Pontes deixará Ministério da Ciência e diz que indicará o substituto

Raphael Hernandes e Mateus Vargas

BARCELONA E BRASÍLIA O ministro Marcos Pontes (Ciência, Tecnologia e Inovações) confirmou nesta terça (1º) que deixará o ministério e indicará o substituto para assumir a pasta. "A lista [com as sugestões de substitutos] está com o presidente [Jair Bolsonaro]", afirmou.

O astronauta foi filiado ao DEM, PSB, PSL e irá se candidatar a deputado federal em São Paulo pelo PL, legenda comandada por Valdemar Costa Neto e a mesma de Bolsonaro. A informação da saída do ministro havia sido publicada nesta segunda-feira (28) no site Metrópoles.

Pontes disse que os nomes apontados são do próprio ministério para garantir uma continuidade no trabalho. Ele não revelou quais foram as suas indicações.

Devido à legislação eleitoral, ministros que serão candidatos devem deixar os cargos até o dia 1º de abril.

Pontes assumiu o ministério logo no começo do governo Jair Bolsonaro, em janeiro de 2019. Na época, a pasta ainda tinha o nome de Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, mas, em outubro de 2020, foi desmembrado para a recriação da pasta das Comunicações, que foi entregue ao centrão. O deputado Fábio Faria (PSD-RN) foi escolhido.

Nesta terça, Marcos Pontes participou da assinatura de um documento com a avaliação do cenário de inteligência artificial e propostas para área no Brasil durante o Mobile World Congress 2022, principal feira do mundo do setor de telecomunicações que ocorre nesta semana em Barcelona.

O documento foi desenvolvido em parceria da Softex (Associação para Promoção da Excelência do Software Brasileiro), ligada ao ministério, e a chinesa Huawei.

No evento, após confirmar a pré-candidatura, ele prometeu uma vacina brasileira contra a Covid disponível para aplicação daqui a nove meses. O produto ainda precisa passar por diversas etapas de teste. Com cautela, Pontes comemorou o orçamento aprovado para 2022, mas disse ainda não ser o suficiente. Segundo o jornal O Globo, serão R$ 6,9 bi.

"Agora que temos recursos, muitos pesquisadores que saíram vão voltar para o país", afirmou Pontes, citando um projeto para que cientistas trabalhem na Amazônia, em parceria com estrangeiros, e o desenvolvimento de um laboratório de biossegurança máxima em Campinas.

Bolsonaro anunciou a escolha de Pontes para integrar o governo em outubro de 2018, quando era presidente eleito.

Primeiro astronauta brasileiro a ir para o espaço, ele havia sido cotado a candidato a vice-presidente.

Em 2014, pelo PSB, foi derrotado na disputa por uma vaga de deputado federal por São Paulo. Nas eleições de 2018, foi eleito segundo suplente de senador na chapa encabeçada por Major Olimpio, que morreu em 2021.

Durante seu período à frente do ministério, o astronauta Marcos Pontes tentou dar verniz científico às ações do governo e reclamou de cortes de verba.

No momento mais crítico de sua passagem pela pasta, ele entrou em conflito com a área econômica do governo Bolsonaro e disse ter sido "pego de surpresa", ficado "muito chateado" e que pensou em deixar o governo após o corte de dinheiro. O ministro Paulo Guedes (Economia) reagiu e chegou a se referir ao astronauta como burro.

Já Bolsonaro pediu para Pontes "jogar junto". Mesmo com as críticas e a disputa pública, Pontes ficou no cargo.

Em outubro de 2020, o astronauta distorceu resultados de estudo financiado pelo governo e disse que havia eficácia no uso do antiparasitário nitazoxanida (também conhecido pelo nome comercial Annita) contra a Covid-19.

Os próprios autores do estudo reconheceram, porém, que não houve diferença na resolução dos sintomas dos pacientes com a droga.

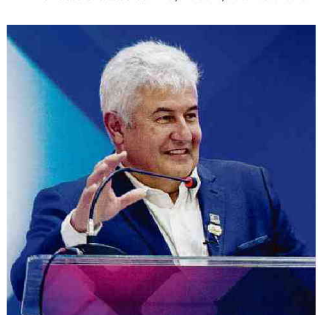
"Dá para ter uma noção do que estamos anunciando aqui hoje, né? Nós estamos anunciando algo que vai começar a mudar a história da pandemia", disse Pontes em evento no Planalto sobre a pesquisa.

O ministro ainda exonerou, em 2019, o físico Ricardo Galvão do comando do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), no momento em que Bolsonaro discordava de dados do desmatamento elaborados pelo órgão.

O astronauta recebeu, em julho de 2021, a deputada ultradireitista alemã Beatrix von Storch, vice-líder do partido populista AfD (Alternativa para Alemanha) e neta de Lutz Graf Schwerin von Krosigk, ministro das Finanças na Alemanha nazista.

Pontes nasceu em Bauru (SP). É tenente-coronel-aviador, piloto da Força Aérea Brasileira e engenheiro aeronáutico formado pelo ITA, com mestrado em engenharia de sistemas pela Naval Postgraduate School, em Monterrey, Califórnia.

Foi incorporado à classe de astronautas da Nasa em 1998. Em 29 de março de 2006, decolou de uma base no Cazaquistão rumo à Estação Espacial Internacional, com Pavel Vinogradov, da Rússia, e Jeffrey Williams, dos Estados Unidos. Passou dez dias no espaço a um custo de US$ 10 milhões ao governo brasileiro.

O jornalista viajou a convite da Huawei

O ministro Marcos Pontes (Ciência, Tecnologia e Inovações) na feira do nióbio, em Campinas Zanone Fraissat - 8.out.2021/Folhapress

**ambiente**

Fiscais do instituto de proteção ambiental buscam area de desmate na Amazônia Lalo de Almeida - 25.ago.2020/Folhapress

# Desmatamento e crise do clima ameaçam o futuro da Amazônia, diz ONU



Novo relatório corrobora pesquisas que apontam avanço do campo sobre a floresta e aumento da emissão de carbono na região

Fabiano Maisonnave

SANTARÉM (PA) Uma Amazônia com campos avançando sobre a floresta, alta mortalidade de árvores, secas intensas, chuvas extremas, incêndios florestais mais frequentes, perda de biodiversidade e emissão de gás carbônico maior do que a sua capacidade de absorção.

Tudo isso já está ocorrendo e tende a se acelerar ainda mais caso as mudanças climáticas globais e o avanço do desmatamento, ambos resultados da ação humana, não sejam contidos. A advertência está no segundo volume do sexto relatório do IPCC (sigla em inglês para Painel Intergovernamental de Mudança do Clima da ONU, divulgado nesta segunda-feira (28).

A Amazônia ocupa um lugar de destaque no estudo, realizado por 270 cientistas de todo o mundo. Para analisar a situação da maior floresta tropical do mundo, o IPCC se baseou em dezenas de artigos acadêmicos sobre a crise climática na região sobre impactos já verificados e cenários climáticos.

No geral, o IPCC aponta uma combinação explosiva entre as mudanças climáticas globais geradas pela emissão de gases de efeito estufa e os efeitos provocados pela expansão agropecuária e a abertura de estradas, que provocam a fragmentação e a degradação da floresta.

"Na Amazônia, o desmatamento exerce uma influência sobre incêndios florestais que pode ser mais forte do que a mudança climática", diz o relatório. Foi o caso dos incêndios florestais em Roraima entre 2015 e 2016, quando a seca severa provocada por um "super El Niño", associada à proliferação de estradas e a áreas desmatadas, provocaram a maior queimada registrada nessa região da Amazônia.

> **Há uma interligação grande entre clima, desmatamento, queimadas e mudanças na vegetação. A Amazônia já entrou em um novo regime de clima mais quente e altamente variável, com estações secas mais prolongadas e intensas e a severidade das secas altera o regime de fogo.**
>
> **Ima Vieira**
> ecóloga do Museu Goeldi, de Belém

Em poucas semanas, o estado perdeu cerca de 14 mil km², ou 9% de sua cobertura florestal.

Esses incêndios se tornaram mais frequentes no passado recente e tendem a aumentar, mas o desmatamento fomentado pela agropecuária continua sendo a principal causa de mortalidade de árvores. Entre 1988 e 2020, a floresta perdeu, em média, 13.900 km² ao ano na Amazônia brasileira, de acordo com o relatório. A área equivale a 13 municípios de São Paulo.

A consequência é que, de 2003 a 2008, a Amazônia passou de "sumidouro" a emissora de gás carbônico, um dos gases do efeito estufa. Em quatro lugares específicos, a região também apresentou emissões de carbono entre 2010 e 2018, em razão de desmatamento e de incêndios.

O relatório adverte de que o aumento do fogo, do desmatamento e das secas ameaça levar à conversão de até metade da floresta em uma vegetação de campo, "um ponto de virada que pode liberar uma quantidade de carbono que aumentaria substancialmente as emissões globais".

"Há uma interligação grande entre clima, desmatamento, queimadas e mudanças na vegetação. A Amazônia já entrou em um novo regime de clima mais quente e altamente variável, com estações secas mais prolongadas e intensas e a severidade das secas altera o regime de fogo", afirma a ecóloga Ima Vieira, do Museu Goeldi, de Belém.

"Além de causar emissões imediatas de gás carbônico, as queimadas constantes induzem mudanças na vegetação, com perda enorme de biodiversidade e alteração substancial na sua estrutura, reduzindo a capacidade natural da floresta em estocar e reciclar nutrientes. Manter grandes áreas de floresta intacta é fundamental para preservar a biodiversidade e controlar o fogo na região", diz Vieira.

Para a pesquisadora do Inpa (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia) Flávia Costa, a possível pavimentação da BR-319, entre Manaus a Rondônia, obra impulsionada pelo presidente Jair Bolsonaro (PL), traz o risco de levar a degradação e a fragmentação florestal a um dos lugares mais intactos da Amazônia. "Isso é um grande perigo para a manutenção do potencial de absorção de carbono", afirma.

Por outro lado, Costa ressalva que os efeitos das mudanças climáticas são bastante heterogêneos sobre a Amazônia, uma região de diferentes ecossistemas. Segundo ela, há outros aspectos que precisam de mais estudos, como a função da captura de carbono de florestas que crescem sobre lençóis freáticos superficiais, presentes em 50% de toda a região.

"Há regiões com lençol freático superficial, ainda pouco estudadas, que podem estar funcionando como sumidouro de carbono durante as secas, mas isso ainda não foi quantificado. Meu grupo de pesquisa está se debruçando sobre este aspecto do funcionamento da Amazônia."

Diante desse quadro de crise climática, as políticas do Estado brasileiro vão na direção contrária das diretrizes que o relatório do IPCC aponta, segundo Ima Vieira.

"Não há políticas climáticas bem definidas no Brasil. Vimos, ainda, as políticas públicas de controle de desmatamento e queimadas, de reforma agrária, e de gestão de áreas protegidas sendo desmanteladas e/ou descontinuadas", afirma.

"Observa-se, desde 2017, um aumento expressivo do desmatamento, de grilagem de terras públicas e de ameaças à integridade das áreas protegidas, principalmente na Amazônia. Tudo isso colabora para o acirramento da crise climática", conclui.

**ESPORTE AO VIVO** | **17h Fiorentina x Juventus** Copa da Itália, *ESPN 4* | **19h15 Guaraní x América-MG** Libertadores, *CONMEBOL TV* | **21h30 Palmeiras x Athletico** Recopa, *CONMEBOL TV*

# Messi e Cristiano Ronaldo têm queda no número de gols em ano da Copa

Temporada atual mostra argentino tentando se acertar no PSG e português frustrado no United

**SÃO PAULO** Quando o árbitro apitou o final da partida em Old Trafford, Cristiano Ronaldo, 37, era a imagem da desolação. Ele abriu os braços, balançou a cabeça como quem não acredita e caminhou na direção do vestiário.

Seu time, o Manchester United, havia empatado em 0 a 0 com o Watford, penúltimo colocado da Premier League.

Horas depois, em Paris, a equipe de Lionel Messi, 34, venceu o Saint-Étienne por 3 a 1 pelo Campeonato Francês. O atacante argentino não marcou, mas jogou bem e deu passe para um gol.

As estatísticas dos dois atletas que protagonizam um duopólio inédito no futebol mundial nos últimos 15 anos não são as mesmas de temporadas anteriores. Tanto que se pode fazer uma pergunta que até pouco tempo seria inimaginável: Messi e Ronaldo estão em decadência?

"Eu ainda tenho quatro ou cinco anos pela frente. Quero continuar vencendo títulos", resumiu na semana passada o português, uma figura que parece cada vez mais frustrada no United, clube em que explodiu para o futebol e para onde voltou no ano passado. Deveria ser uma coroação. Tem sido difícil.

Lionel Messi ainda tenta se acertar em sua primeira temporada no Paris Saint-Germain depois de uma saída do Barcelona que, tanto para ele como para o clube catalão, foi traumática. Na França, ele é uma peça de luxo de uma engrenagem bilionária e não achou o mesmo ritmo mostrado na Espanha.

O argentino tem menos problemas do que Cristiano Ronaldo na Inglaterra, é verdade, mas os desafios internos também são muito menores. A única meta do PSG é ganhar a Champions League, título que o clube nunca conquistou.

"Ele não vai deixar uma marca em Paris. É um garoto de outro clube, o Barcelona, que é a sua vida. Ele não tem mais pernas para correr tanto quanto antes", acusou o ex-meio-campista Jèrôme Rothen, que atuou no time parisiense de 2004 a 2008 e hoje é comentarista da emissora RMC, na França.

Incluídas as partidas também pela seleção argentina, pela qual conquistou a Copa América no ano passado, a média de gols de Messi na atual temporada é de 0,37.

Ronaldo retornou ao Manchester United e Lionel Messi se transferiu ao PSG *Craig Brough - 26.fev.22/Reuters e Gonzalo Fuentes - 15.fev.22/Reuters*

**A queda de rendimento de Cristiano Ronaldo e Lionel Messi**

Média dos dois jogadores nos últimos anos

1,5
1,2
0,9
0,6
0,3
Lionel Messi, 34
1,22
0,96
0,85
1
Cristiano Ronaldo, 37
0,60
0,38

| | 2010-2011 | 2011-2012 | 2012-2013 | 2013-2014 | 2014-2015 | 2015-2016 | 2016-2017 | 2017-2018 | 2018-2019 | 2019-2020 | 2020-2021 | 2021-2022 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Jogos | 59 | 69 | 64 | 60 | 57 | 61 | 57 | 53 | 47 | 54 | 58 | 34 |
| | 64 | 68 | 61 | 61 | 66 | 56 | 58 | 63 | 60 | 44 | 60 | 30 |
| Gols | 57 | 69 | 59 | 61 | 66 | 58 | 57 | 52 | 31 | 49 | 46 | 20 |
| | 55 | 83 | 68 | 51 | 63 | 46 | 57 | 52 | 56 | 31 | 44 | 11 |

Ele atingiu 30 partidas em 2021/2022 e anotou 11 vezes. É pouco mais da metade da pior marca ofensiva que obteve nos últimos dez anos com a camisa do Barcelona.

Nas duas temporadas anteriores, ele teve médias de 0,73 em 2020/2021 (44 gols em 60 jogos) e 0,70 em 2019/2020 (31 gols em 44 jogos). Apesar de piores, estão acima do que costumam produzir atacantes do futebol europeu, alguns deles referências em suas equipes. Nos dois anos, o argentino foi o máximo goleador do Campeonato Espanhol.

Nada disso está perto do que fez em 2011 e 2012. Na temporada 2011/2012, chegou na marca de 1,22 gol a cada 90 minutos (83 em 68 jogos) e em 2012/2013, registrou 1,11 gol por jogo (68 anotados em 61 compromissos).

Cristiano Ronaldo marcou 20 gols em 34 jogos pelo Manchester United e pela seleção portuguesa na atual temporada. A média de 0,60, se comparada às dez anteriores, quando atuou por Real Madrid e Juventus, é ruim.

No período em que defendeu o clube espanhol, em quatro oportunidades ele chegou a número igual ou superior a um gol por partida: 1 em 2016/2017 e 2011/2012; 1,01 em 2013/2014; e 1,15 em 2014/2015.

Os dois jogadores mudaram de posição com o passar do tempo. Já na Copa do Mundo de 2018, na Rússia, Messi mostrava não ter mais condições físicas de buscar a bola no campo de defesa e levar até o gol adversário.

Cristiano Ronaldo deixou de ser o jogador de velocidade pelas pontas para se tornar, no Real Madrid, um centroavante, um finalizador.

Mesmo assim, continuaram dominando as premiações de melhor do mundo. Messi venceu seis vezes (2009, 2010, 2011, 2012, 2015 e 2019) e Cristiano Ronaldo foi condecorado em cinco temporadas (2008, 2013, 2014, 2016 e 2017). Mas nos dois últimos anos, o ganhador foi o polonês Robert Lewandowski, atacante do Bayern de Munique.

É uma queda de rendimento em temporada que termina naquela que deverá ser a última Copa do Mundo da carreira dos dois atacantes. E a derradeira chance de ambos vencerem o principal torneio de seleções do planeta.

Vice-campeão em 2014, Messi vai chegar ao Qatar, em novembro, já com 35 anos.

A Argentina, atual campeã da Copa América, já está classificada para o Mundial, assim como o Brasil, que lidera as Eliminatórias sul-americanas à frente dos argentinos.

Portugal terá de passar por uma repescagem em duas partidas no próximo mês. Na semifinal, encara a Turquia, e se for à decisão poderá enfrentar Itália ou Macedônia do Norte.

# *Agir sem programar*

Tite e sua comissão técnica estão muito bem preparados para a Copa do Mundo

**Tostão**

Cronista esportivo, participou como jogador das Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

*Tite deu uma ótima entrevista ao Redação SporTV. Foi claro, didático e firme. Faltaram o verbo "oportunizar" e os "extremos desequilibrantes".*

*Tite, com razão, criticou as críticas de que Vinicius Junior, na seleção, joga muito recuado, para ajudar o lateral. Ele atua da Tite e a comissão técnica estão muito bem preparados mesma forma no Real Madrid. Marca e ataca. Em algumas ocasiões, isso não será possível, como no jogo do Brasil contra o Chile e no do Real contra o PSG, quando Brasil e Real ficaram acuados, sem contra-atacar.*

*Tite, para exemplificar, mostrou imagens do segundo gol do Brasil contra o Uruguai, na Copa de 1970. O ponta Jairzinho, artilheiro do Mundial, recuperou a bola na intermediária do Brasil, deu para Pelé, para Tostão, que fez o passe para Jairzinho receber a bola na intermediária do Uruguai, driblar e marcar o gol. Foi uma aula de futebol moderno e de contra-ataque.*

*No dia seguinte ao da entrevista, um comentarista falou que foi um lance isolado. Não foi. Jairzinho, com frequência, por iniciativa e/ou por orientação de Zagallo, voltava para marcar pela direita. Como o meio-campo tinha dois jogadores que marcavam pelo centro, Gérson e Clodoaldo, e mais Rivellino pela esquerda, faltava uma proteção do lado direito, que Jairzinho preenchia.*

*Outra crítica a Tite, inadequada e milhões de vezes repetida desde a Copa de 2018, é de que ele colocou o centroavante Gabriel Jesus para marcar o lateral adversário. Isso ocorreu em parte de um tempo de um jogo, quando Tite trocou Gabriel Jesus e Neymar de posição, para deixar Neymar livre pelo centro, sem precisar voltar para marcar.*

*Tite foi questionado se o veterano Thiago Silva, por jogar no Chelsea, com três zagueiros, teria de fazer um esforço maior na seleção, que atua com dois zagueiros. Tite relatou um trabalho feito pela comissão técnica sobre isso, que mostrou o contrário, que Thiago Silva se desloca muito mais no Chelsea. Não há nenhuma surpresa. Como os dois alas do Chelsea avançam muito, a distância entre uma lateral e outra fica muito maior para três defensores do que para quatro (dois zagueiros e dois laterais).*

*Tite está entusiasmado com a evolução dos pontas dribladores, velozes e abertos, como Vinicius Junior, Raphinha e Antony, que marcam e atacam. Com isso, os laterais não precisam avançar pelas pontas. A grande dúvida de Tite é onde escalar Lucas Paquetá, na posição de Fred ou pelos lados, além de ser, junto com Philippe Coutinho, o substituto de Neymar. Paquetá jogou bem em todas essas posições. Existe ainda outra opção, não perguntada ao técnico, que seria adiantar Paquetá para formar dupla com Neymar, saindo o centroavante, algo parecido ao que ocorreu na Copa do Mundo de 1970.*

*Preocupa-me a forma física e técnica de Neymar, que tem se contundido muito e demonstrado uma queda de mobilidade e de velocidade. Prefiro Neymar partindo da intermediária para o gol, para driblar, passar e finalizar. Nos jogos, ele recua para receber a bola, às vezes, no próprio campo, e corre o risco de perdê-la, além de ficar muito longe do gol adversário.*

*Tite e a comissão técnica estão muito bem preparados. Sabem, pensam e calculam tudo. Porém, às vezes, em um jogo, ocorrem fatos inesperados, como o deslocamento do centroavante Lukaku para a direita e a entrada de De Bruyne pelo centro, vindo de trás, para finalizar. Grandes técnicos precisam saber também agir rapidamente, sem programar, com intuição, no estalo. Às vezes, são as decisões mais brilhantes e eficientes.*

# Lviv, Ucrânia: um conto de dois cafés

A cidade também tem um lugar especial nos anais da ciência por ter albergado uma das escolas de matemática mais brilhantes da Europa

**Marcelo Viana**
Diretor-geral do Instituto de Matemática Pura e Aplicada, ganhador do Prêmio Louis D., do Institut de France.

No momento em que escrevo esta coluna, a cidade ucraniana de Lviv está sob ataque do Exército russo, mas ainda serve de ligação entre o seu país e o resto da Europa. A metrópole de 700 mil habitantes, que já foi polonesa (Lwów) e austro-húngara (Lemberg), não costuma frequentar as manchetes internacionais, mas tem uma história rica de mais de 750 anos.

Lviv também tem um lugar especial nos anais da ciência por ter albergado, nos anos 1930, uma das escolas de matemática mais brilhantes que a Europa já viu, com astros como H. Steinhaus, S. Banach, K. Kuratowski, J. Schauder, S. Mazur, K. Borsuk, S. Ulam e M. Kac, entre outros. É um conto de dois cafés.

O conto começa no Café Roma, próximo da universidade. Era lá que o grupo se juntava após as reuniões semanais da Sociedade Polonesa de Matemática para horas de discussão sobre teoria dos conjuntos, topologia geral, análise funcional e outros temas, acompanhada de uma xícara de chá ou café. Assim se forjou um ambiente colaborativo que parece natural hoje, mas era incomum na pesquisa matemática da época.

Embora o consumo no Café fosse frugal, nem sempre era fácil pagar a conta, sobretudo lá para o final do mês... Um dia, chateado com a dificuldade para obter crédito no Roma, Banach decidiu mudar a reunião para o Café Escocês, a 20 metros de distância, onde o grupo continuou colaborando na resolução de problemas matemáticos.

Ulam conta que as mesas tinham tampos de mármore, onde era possível escrever diretamente com lápis. Mas a esposa de Banach não apreciava essa bagunça, pelo que em 1935 providenciou um caderno grande para que anotassem os problemas e as soluções, de modo a que não fossem esquecidos. O Livro Escocês, como ficou conhecido, é um documento matemático quase lendário.

Ele contém duas centenas de problemas, dos quais cerca de 1/4 ainda não está resolvido. O caderno era mantido no Café, sob a guarda de um garçom que o trazia às mesas sempre que solicitado. Havia prêmios para a solução de alguns problemas. O número 153, por exemplo, foi resolvido em 1972 pelo sueco Per Enflo, que assim fez jus à premiação: um ganso vivo, que Mazur financiou e lhe entregou pessoalmente em cerimônia televisada para toda a Polônia.

**[...]**

**Um dia, chateado com a dificuldade para obter crédito no Roma, Banach decidiu mudar a reunião para o Café Escocês, a 20 metros de distância, onde o grupo continuou colaborando na resolução de problemas matemáticos**

Semana que vem continuarei falando sobre Lviv e o Livro Escocês.

**MUSEU DE CERA EM PARIS RETIRA ESTÁTUA DE PUTIN DE EXPOSIÇÃO**
A estátua de cera do presidente russo Vladimir Putin no Museu Grévin, em Paris, foi retirada e guardada em uma caixa; a medida foi tomada após a Rússia invadir a Ucrânia Julien de Rosa/AFP

# Um raio-X da Covid em atletas

Embora apresentem uma doença branda, atletas com sintomas persistentes podem não estar aptos a competir em alto nível

**Bruno Gualano**
Professor da Faculdade de Medicina da USP. Fisiologista, conduz estudos sobre promoção de estilo de vida saudável para populações clínicas

No primeiro ano da pandemia, observamos que aproximadamente 12% dos jogadores que disputaram torneios da Federação Paulista de Futebol foram diagnosticados com Covid-19. Até então, um recorde mundial. A barra foi erguida com a chegada da ômicron. Não houve protocolo de segurança capaz de deter a extraordinária capacidade de transmissão da variante, que fez estragos da NBA à Champions League.

Num primeiro olhar, os atletas mostraram-se blindados a quadros graves da doença. Porém cresceram os relatos de sintomas persistentes e eventos mais graves, como a miocardite. Afinal, qual foi o saldo da Covid no mundo do esporte?

Em busca de respostas, a Coalizão Sport-Covid-19 —consórcio de cientistas brasileiros dedicado a investigar o impacto da doença em atletas— conduziu, talvez, a mais ampla revisão da literatura especializada, com achados esclarecedores. Convém ressalvar que o artigo segue em análise por pares, mas o caro leitor merece uma palhinha.

Foram revisados 43 estudos, que avaliaram cerca de 11.500 atletas amadores e profissionais infectados. Destes, 90% foram assintomáticos ou apresentaram quadros leves da doença. Os casos graves não chegaram a 1,5%, número inferior ao encontrado entre jovens em geral.

Interessantemente, notamos que 8% dos atletas apresentaram sintomas persistentes —a chamada Covid longa. Anosmia (perda de olfato) e a disgeusia (distorção ou redução do paladar) foram as queixas mais comuns (equivalente a 30%), seguidas por tosse (equivalente a 16%), fadiga (9%) e dor no peito (equivalente a 8%).

Embora pareçam inofensivos à primeira vista, esses sintomas prolongados podem representar uma pedra no caminho de um competidor de alto nível. Um estudo com atletas olímpicos ingleses revelou que 3% relatavam queixas três meses após a infecção, provavelmente prejudicando-os na preparação para os Jogos de Tóquio.

É preciso lembrar que, no esporte de elite, mínimas discrepâncias físicas e mentais definem quem sobe ou não ao pódio. Como geralmente a doença se manifesta de maneira leve em atletas, o retorno à prática esportiva tem sido cada vez mais abreviada. Os protocolos da NBA e da NFL —ligas americanas de basquetebol e futebol americano, respectivamente—, encurtaram para cinco dias o período mínimo de isolamento e retomada de treinamento dos jogadores.

Após um período tão curto de recuperação, uma parcela considerável de atletas que sofre com sintomas residuais pode não estar completamente apta a competir em alto nível.

Preocupação que transcende o desempenho esportivo são os supostos danos cardíacos causados pela Covid. Quanto a isso, entretanto, os dados atuais são mais animadores.

Cerca de 2,5% dos atletas infectados apresentaram sinais de inflamação do músculo cardíaco —as chamadas miocardites e pericardites. Contudo os estudos que dispunham de comparativos adequados (exames prévios à infecção ou controles não infectados) foram incapazes de estabelecer uma relação causal entre os achados cardíacos e a Covid.

Embora tenhamos avançado na compreensão do impacto da Covid no esporte, diversas questões permanecem: quem são os atletas mais suscetíveis aos sintomas persistentes?; até que ponto as sequelas afetam o desempenho físico e a saúde geral?; quais os cuidados a serem tomados para um retorno seguro à prática esportiva?; vacinas e outros medicamentos são eficazes em prevenir a Covid longa nessa população?

Ao que já se sabe, porém, com ou sem histórico de atleta, a Covid está longe de ser uma gripezinha.

## ACERVO FOLHA

**Há 100 anos 2.mar.1922**

### Cidades do interior de SP têm mais votos que eleitores, dizem jornais

O governador paulista, Washington Luís, afirmou acreditar que o candidato a presidente da República Arthur Bernardes, que conta com o seu apoio, receberia 100 mil votos em São Paulo na eleição realizada nesta quarta (1º).

Esse número pode até ser superado, conforme evolui a contagem dos votos, mas estão surgindo notícias de irregularidades no pleito.

De acordo com os próprios dados fornecidos por jornais que apoiam Bernardes, o número de votos em algumas cidades do interior de São Paulo seria maior que a quantidade de aptos a votar. Por exemplo, em Sorocaba, com 798 eleitores, 1.067 teriam votado.

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

# Animais noturnos

**Robert Pattinson, célebre galã emo de 'Crepúsculo', não é mais um vampiro, mas ainda corre atrás de sangue no novo 'Batman'**

Zoë Kravitz, como Mulher-Gato, e Robert Pattinson, em cena do filme 'Batman', nova adaptação do herói para as telonas sob direção de Matt Reeves Divulgação

**Leonardo Sanchez**

SÃO PAULO As lentes de um binóculo guiam o olhar do espectador para dentro de um apartamento luxuoso. Do prédio da frente, seu dono movimenta nervosamente o objeto enquanto registra um garoto fincar uma espada no peito de um homem — mas ela é de plástico e é noite de Halloween. O pequeno sai, e o voyeur consegue, enfim, focalizar o sujeito alto e de roupas elegantes.

O que se segue é um assassinato a sangue frio, que não economiza na brutalidade, com direito a amputações sem sedativo e manchas no carpete. Parece a introdução de um filme de crime e investigação, mas estamos diante da mais nova adaptação dos quadrinhos de heróis a aterrissar nos cinemas, "Batman".

Dirigido por Matt Reeves, que já flertou com o macabro em "Cloverfield: Monstro" e "Deixe-me Entrar", o longa toma um rumo bem diferente do que nos acostumamos a ver no subgênero de superheróis, com os alívios cômicos constantes da Marvel ou a bagunça nonsense de outras adaptações da própria DC.

"Eu não mergulhei nesse universo e li todos os quadrinhos, mas, em termos de tom, eu queria algo que fosse fundamentado na realidade, de certa forma", afirma o cineasta, em conversa com jornalistas. Ele buscou traduzir o clima de HQs como "Ego" e "O Longo Dia das Bruxas", que considerou mais cinematográficas e que o fizeram lembrar o cinema americano da década de 1970.

Dele, tomou emprestado a desilusão de "Taxi Driver", os escândalos políticos de "Todos os Homens do Presidente" e a perseguição narcótica de "Operação França". "São filmes que inspiraram essa nova adaptação e que também me inspiraram a querer fazer cinema, para começo de conversa", afirma.

O resultado é um "Batman" que acompanha os anos de formação do Homem-Morcego, quando ele era mais um vigilante atuando nas sombras do que um herói celebrado em praça pública.

Na trama, ele trabalha com o Comissário Gordon depois que o prefeito de Gotham City, o homem observado pelas lentes do começo do longa-metragem, é morto. Quando entra na cena do crime, o protagonista lembra Sherlock Holmes, com as deduções lógicas e atenção aos detalhes inexistente nos policiais daquela sala.

A partir daí, várias autoridades corruptas da cidade que faz as vezes de Nova York passam a ser torturadas e assassinadas e cabe ao Homem-Morcego, alter ego do milionário Bruce Wayne, descobrir qual é o ponto de conexão entre elas. No caminho, ele cruza com Selina Kyle, a Mulher-Gato, que, mesmo que por motivos diferentes, também parece estar na cola de vilões como o excêntrico Pinguim, o mafioso Carmine Falcone e o engenhoso Charada.

Continua na pág. B8

**+ OS MORCEGOS**

Com diversas adaptações para as telas de cinema, o herói já foi mais cômico, como na pele do ator Adam West na década de 1960, antes de ficar mais sombrio com Michael Keaton. Christian Bale e Ben Affleck foram os últimos a viver uma versão de Batman mais carrancuda depois das críticas ao estilo de Val Kilmer e George Clooney

# MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

## CADEIRA VAZIA

O Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos destituiu do Comitê Nacional de Prevenção e Combate à Tortura nove entidades que representavam a sociedade civil no colegiado. Elas haviam sido eleitas para um mandato entre 2021 e 2023. Agora, seus postos ficarão vagos até que ocorra uma nova eleição.

**FORA** Foram depostas organizações como o Instituto Terra, Trabalho e Cidadania, a Associação Nacional de Defensores e Defensoras Públicas e o Conselho Federal de Serviço Social.

**MEIA VOLTA** A destituição ocorreu após a Justiça Federal do RJ determinar a inclusão da UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte) no processo eleitoral. A instituição havia sido excluída pelo próprio ministério, que emitiu parecer afirmando que universidades não poderiam concorrer a vagas destinadas à sociedade civil. A Justiça discordou.

**CANCELADO** Para cumprir a decisão e incluir a UFRN, a pasta da ministra Damares Alves diz que todas as fases precisam ser refeitas. As entidades, agora, deverão concorrer a uma nova eleição, com resultado previsto para abril deste ano.

**ALTERNATIVA** As organizações afirmam, porém, que a anulação do certame extrapola a decisão da Justiça e que vagas remanescentes poderiam ser destinadas à UFRN. Elas ainda acusam o ministério de enfraquecer a atuação do órgão.

**OLHO VIVO** A vacância, segundo elas, prejudica a fiscalização, a prevenção e a interrupção de práticas de tortura em presídios. O ministério nega. "Não há nenhum prejuízo ao combate à tortura, uma vez que o colegiado não é o único responsável pela condução da pauta. Há, inclusive, diversos órgãos que cuidam da prevenção à tortura", diz em nota.

**MÃO AMIGA** O deputado estadual e pré-candidato ao Governo de SP Arthur do Val (Podemos), o Mamãe Falei, diz que arrecadou R$ 115 mil para ajudar a Ucrânia na guerra contra a Rússia. Ele viajou à Europa com Renan Santos, um dos dirigentes do MBL, para acompanhar o conflito.

**IN LOCO** O valor foi arrecadado em uma live feita na segunda (1º), em seu canal no YouTube. Parte do dinheiro, segundo diz o parlamentar, será destinado para a compra de alimentos e suprimentos. Outra parte será transferida para a conta oficial do Exército da Ucrânia.

**ROTA** Ele afirma que a viagem à Eslováquia, onde se encontra, foi paga do próprio bolso. Os dois dirigentes do MBL embarcaram no domingo (27) para a Alemanha, onde alugaram um carro para chegar até o país.

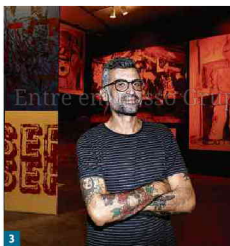
**PONTE AÉREA** O secretário de Cultura e Economia Criativa de São Paulo, Sérgio Sá Leitão, desembarca no Texas (EUA) no dia 13 de março para participar do SXSW 2022, evento de tecnologia e entretenimento que ocorre em Austen. Dez empresas brasileiras foram selecionadas pelo programa de internacionalização entre a pasta e a Secretaria de Relações Internacionais paulista, o CriativeSP, para ir à feira.

## NA PAREDE

1

Fotos Denise Andrade/Divulgação

2

3

**O diretor do Museu Afro Brasil, Emanoel Araujo 1, recebeu convidados para a abertura da exposição "Esse Extraordinário Mário de Andrade". Ele também é curador da mostra. Os artistas Alex Flemming 2 e Daniel Melim 3 também compareceram ao evento que ocorreu na sexta-feira (25), em SP**

**VIVA, ELKE** A produtora Brigitte Filmes comprou os direitos do livro "Elke: Mulher Maravilha", de autoria do jornalista e escritor Chico Felitti. A biografia, agora, será adaptada para o audiovisual.

**VIVA, ELKE 2** O diretor e produtor Felipe Novaes será o responsável pela transposição da obra para o cinema. Ele assina o documentário "Chorão: Marginal Alado", vencedor do prêmio de melhor documentário nacional pelo voto popular na 43ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo.

**NOVOS ARES** A professora titular da USP Maria Dora Mourão foi eleita nova diretora da Cinemateca. Ela foi designada para dirigir a instituição pelo conselho de administração da Sociedade Amigos da Cinemateca (SAC), OS (Organização Social) que gere o órgão de preservação audiovisual. Mourão, que era diretora-executiva da SAC, toma posse na sexta-feira (4).

**ARES 2** O também professor da USP Carlos Augusto Calil foi escolhido como novo presidente da Cinemateca. Ele já havia ocupado a direção da entidade entre 1987 e 1992.

**LANCE** A obra "Aldeia Roko", do fotógrafo de guerra Gabriel Chaim, será leiloada para ajudar a financiar o filme "Jepotá", escrito e dirigido por Augusto Canani e Carlos Papá Guarani. O leilão ocorre no próximo dia 14, no site da Ápice Leilões.

com Bianka Vieira e Manoella Smith

Robert Pattinson e Zoë Kravitz em cartaz do filme 'Batman', de Matt Reeves Divulgação

## Animais noturnos

Continuação da pág. B7

Quando vemos esse novo Homem-Morcego sem a máscara e a capa pela primeira vez, parecemos estar diante de um garoto emo dos anos 2000.

De franjinha lambida e escura caída sobre os olhos, estes cobertos por tinta preta, Robert Pattinson criou um Batman completamente assombrado por seu passado trágico, menos experiente e resolvido que seus antecessores no papel.

"Estar nos anos de juventude do personagem me deu um tipo de liberdade", conta Pattinson, em entrevista. "Eu amei todos os tipos de fragilidades que ele tem. Ele sempre foi um personagem falível, porque é só um homem numa armadura, mas esse filme realmente abraçou esse lado."

Como é de praxe nos filmes do herói, os fãs se dividiram quando o nome de Pattinson foi anunciado na produção. Mas agora a transformação está completa —o adolescente-morcego, que fez fama como o vampiro galã da saga "Crepúsculo", virou Homem-Morcego e continua atrás de sangue, embora dessa vez não seja ele o predador.

Batman é um fenômeno parecido com o que a Marvel, ou mais precisamente os estúdios Sony, detentores dos direitos autorais, têm nas mãos com o Homem-Aranha.

Ambos são heróis de popularidade infindável, que neste século foram levados às telonas por três atores diferentes —Tom Holland, Andrew Garfield e Tobey Maguire, no caso do aracnídeo, e Pattinson, Ben Affleck e Christian Bale, no do morcegão.

Em todas essas versões, os heróis fazem sucesso, apesar de alguns poucos anos separarem uma interpretação da outra e suscitarem debates sobre a tolerância do público em ver os personagens com tanta frequência. Mas a bilheteria de "Homem-Aranha: Sem Volta para Casa", lançado no fim do ano passado, provou que há espaço para usar e abusar do personagem —e tudo indica que "Batman" vai seguir esse caminho.

No caso do Homem-Morcego, não podemos nos esquecer de outro célebre alter ego do herói, Michael Keaton, que nos anos 1980 ajudou Tim Burton a montar sua Gotham City neogótica e expressionista, e um nem tão querido —George Clooney, no "Batman e Robin" de 1997.

Diferentemente do Homem-Aranha, constantemente levado às telas mais por questões contratuais, o Batman talvez seja retratado com tanta frequência porque permite a seus diretores que busquem abordagens mais autorais, como fez Tim Burton e agora faz Matt Reeves, aproximando a maneira de narrar o novo filme daquela usada em "Cloverfield".

"Quando eu faço filmes, eu gosto de criar uma relação empática entre o público e os personagens, para que ele possa ficar imerso na história. Então o som e a música, por exemplo, têm um papel muito importante, porque a minha intenção foi pôr as pessoas no lugar do Batman, como num noir clássico. Se ele é nocauteado, você é nocauteado junto", diz o diretor.

Com sua investigação policial, "Batman" bebe da mesma fonte anárquica de "Coringa", lançado há três anos, pondo como o grande vilão da trama o resultado das frustrações causadas por um sistema que deixa a população desamparada e os ricos mais ricos, regido por uma classe política e uma elite que são corruptas e insensíveis.

Tanto é assim que um dos grandes vilões do filme não usa máscara, é um mafioso ganancioso que não precisa se esconder, porque é abraçado pelos poderosos, enquanto os outros dois tampouco recorrem a figurinos teatrais.

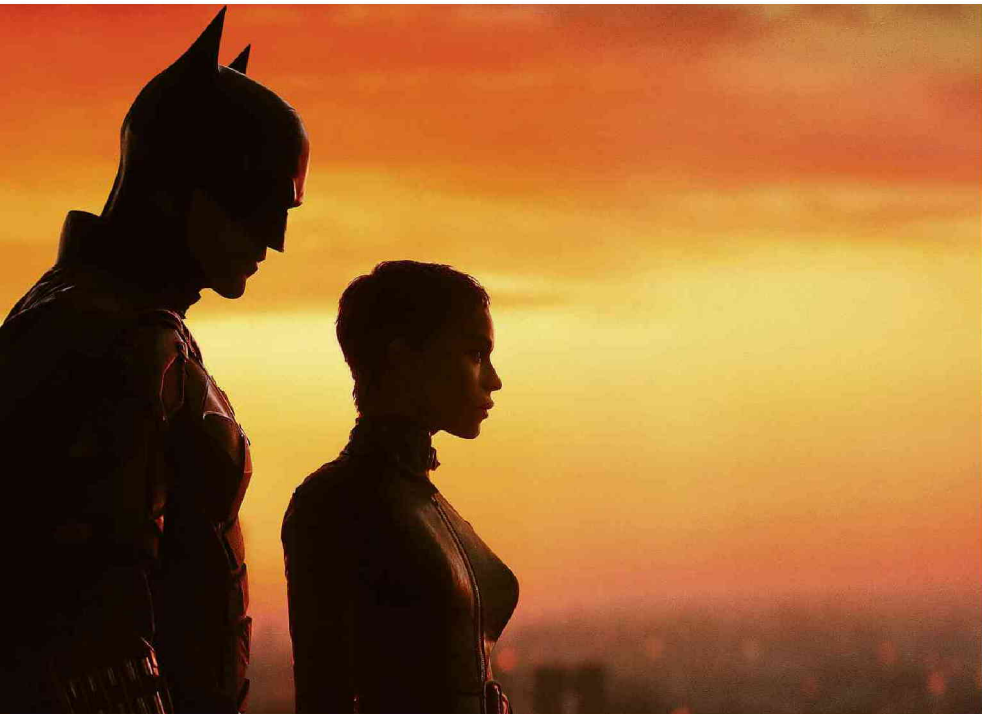
O Charada de Paul Dano, por exemplo, usa fóruns na internet e redes sociais para capitalizar o ódio do cidadão comum, enquanto espalha pistas inteligentes para alimentar o que acredita ser uma conexão íntima com Batman, vigilante que não seria tão diferente assim de seu antagonista.

Da mesma forma, a Mulher-Gato de Zoë Kravitz se aproxima de Batman porque ambos se sentem sozinhos desde a infância, são órfãos e se consideram, eles próprios, a "vingança", como diz o Homem-Morcego no início do filme —eles têm opiniões diferentes sobre o que é ser isso, o que não impede uma tensão sexual latente entre os dois.

Com três horas de duração, sobra tempo para "Batman" flertar com diversos gêneros, do romance com a Mulher-Gato ao drama do menino órfão, da ação dos vários tiroteios à ficção científica dos apetrechos tecnológicos, do suspense dos assassinatos sempre à espreita ao policial, instigado pela rede de crime e tráfico que tomou conta de Gotham.

Mas o principal do filme, acredita Kravitz, são justamente os conflitos e inseguranças mais íntimos do Batman. "Ele se sentiu sozinho a vida inteira, e aí, quando encontra a minha personagem, há uma conexão. Esse é o coração da história."

Estar nos anos de juventude do personagem me deu liberdade

**Robert Pattinson**
ator

# ‘Batman’ acerta ao acenar a ‘Se7en’ e ‘Taxi Driver’



**Matt Reeves aposta na sugestão em um neonoir recheado de voyeurismo que renova mitologia do Homem-Morcego**

**CINEMA**
**Batman**
★★★★★
EUA, 2022. Dir.: Matt Reeves. Com: Robert Pattinson, Zoë Kravitz e Paul Dano. Estreia nesta quinta nos cinemas. 14 anos

**João Montanaro**

Dentre as adaptações de HQs para a tela, os filmes do Homem-Morcego são vistos como aqueles em que um realizador mais tem espaço para interpretar com autenticidade de seu material de origem.

Da galhofa sessentista presente na série de TV estrelada por Adam West, passando pelo neogótico expressionista de Tim Burton ao pastiche de Michael Mann que Christopher Nolan erigiu, todos trouxeram visões bastante singulares para a história do milionário —bilionário agora, ah, a inflação. É o órfão que decide, mascarado, erradicar o crime da sua cidade —e, por tabela, parte da sua má consciência de classe.

Enquanto a Marvel chama diretoras oscarizadas que não fogem da sua fórmula, é de se esperar o contrário quando um novo realizador assume a missão de contar uma nova história do “cruzado de capa”.

Matt Reeves, diretor que surgiu com a excelente releitura de filme de monstro, “Cloverfield”, e se consagrou na indústria humanizando os símios de “Planeta dos Macacos”, aqui decide por um compêndio do melhor dos filmes anteriores do personagem.

A Gotham City de Reeves é suspensa num não lugar no tempo, sua arquitetura vai do gótico ao industrial. A iluminação é feita por neons e modernos telões de LED e seus habitantes parecem ter saído de um filme de Scorsese.

A tensão entre o moderno e o clássico e entre o fetiche e o sacro criam uma interessante atmosfera para a trama sobre assassinatos em série.

Na história, Batman está há só dois anos atuando na cidade e ainda é conhecido pela polícia como um mascarado fora da lei. Sua presença já causa medo entre os arruaceiros e criminosos que vagam pela noite, mas sua imagem ainda se esconde nas sombras.

Quando figuras importantes da cidade começam a ser mortas pelo maníaco Charada, Batman precisa investigar o caso antes que o derramamento de sangue destrua Gotham.

O filme acaba sendo um neonoir em que o olhar, o voyeurismo e a memória guiam a investigação e os assassinatos. Na primeira cena, um longo plano em primeira pessoa observa pelas janelas de uma mansão o cotidiano familiar do prefeito antes do seu fim.

O Bruce Wayne de Robert Pattinson grava tudo o que vê como Batman porque tem dificuldades de se lembrar do que aconteceu no dia seguinte. A Mulher-Gato de Zoë Kravitz se infiltra em um clube da máfia tendo o seu olhar compartilhado com o de Bruce Wayne.

O Charada de Paul Dano observa as suas vítimas à exaustão antes de atacar, como se parte do seu prazer e do seu ódio estivessem em não ser notado por essas figuras de poder que ele tanto despreza.

O uso da profundidade de campo para capturar situações de violência como manchas abstratas em desfoque põe o espectador na situação de um voyeurismo frustrado.

Uma grande perseguição de carros se sustenta pela captura de detalhes do movimento. De forma corajosa, Matt Reeves sabe que muitas vezes a potência das imagens se encontra na mera sugestão.

Mas os morcegos não enxergam bem, e é na tensão entre a autoimagem que Bruce tem de si e do seu Batman e em como influencia as dinâmicas de poder que o filme acrescenta algo à mitologia do herói.

Ao se denominar “a vingança” e desprezar a escória feito um Travis Bickle de “Taxi Driver”, ele não percebe que há muito em comum entre ele e seu antagonista. O fascismo da justiça com as próprias mãos precisa terminar em esperança. Mas ainda seria um filme do Batman?

Este é um “Batman” que tira proveito das suas influências —o estudo de personagem de “Taxi Driver”; a investigação contra uma força maníaca de “Se7en - Os Sete Crimes Capitais”; o jogo de gato e rato de “Zodíaco”; e a tensão de classe de “Céu e Inferno”— sem nunca deixar de ser um filme do Batman.

A versão de Matt Reeves para o personagem pode até derivar de trabalhos anteriores, mas é em como ele encontra o denominador comum entre essas versões que a sua visão emerge de forma poderosa.

**Leia mais na pág. B12**

Robert Pattinson interpreta o bilionário Bruce Wayne em cena do filme ‘Batman’, dirigido por Matt Reeves Divulgação

# Dior refaz o 'new look' num mundo em ruínas

## Estilista Maria Grazia Chiuri reinventa a silhueta do pós-Guerra, agora com discurso de proteção ao combate que virá

**Pedro Diniz**

PARIS Algumas coisas são ditas sem que uma única palavra tenha de ser escrita. A moda tem dessas coisas, e, num momento em que o silêncio sobre a guerra na Ucrânia ainda dá a tônica das passarelas e das conversas mornas nas salass de desfile, a Christian Dior fez um manifesto sobre o silenciamento imposto às mulheres para ilustrar a roupa de um novo tempo.

Mas, antes de entrar na coleção apresentada nesta terça-feira dentro de uma enorme caixa montada em pleno jardim das Tulherias, em Paris, é preciso posicionar essa coleção no tempo. O "new look", o traje composto por saia ampla, jaqueta acinturada e o chapelão que sepultou a rigidez dos trajes da Segunda Guerra, completa 75 anos.

A ideia de Dior ao fazer daquela estrutura uma nova silhueta glamorosa era dar às mulheres, cansadas da alfaiataria simplista demais do período, um emblema de feminilidade que seria perpetuado ao longo das décadas. Era o fim dos dias cáusticos, escassos, e o costureiro, com essa nova visão, devolveu a alegria e o movimento às caixas registradoras da costura francesa.

Corta para 2022. O que falaria mais alto para o público feminino, uma roupa nova para usar na festa ou algo que represente a luta travada fora dos provadores para firmar posição? Maria Grazia Chiuri, a maior voz do feminismo em sua seara, desconstrói os motivos que levaram o fundador da marca a criar o "novo look" e escolhe dar, em vez da graça, um conjunto de proteção para "a próxima era".

A cintura marcada no look do passado foi presa na passarela pelo novo espartilho, amarrado com cadarços e inspirado na indumentária dos motociclistas. Como escudos para o choque diário de um mundo extremista, as peças ainda recebem ombreiras estruturadas como o uniforme do futebol americano. A estilista corta os panos em voz alta. "Isso é para o combate que se anuncia."

Certa de que o mundo não é o mesmo daquele vivido por Christian Dior em 1947, ela pincela as ancas mais largas da jaqueta Bar para criar casacos de alfaiataria combinado ora com calças soltas na barra, ora com saias cheias de camadas. De uma forma bem amarrada, ela mescla a austeridade da primeira metade da década de 1940 com o perfil de celebração dos últimos 25 anos.

Não há bom humor, nem beleza gratuita nas sacadas de Chiuri para o próximo inverno. Mesmo as flores, tema caro à maison mais feminina do calendário parisiense, aparecem impressas em rosés esmaecidos, com fundo desbotado cujo efeito simula naturezas-mortas. E, bem, ela está mesmo a ponto de ficar no novo tempo vislumbrado pela grife.

A natureza é um tema sutilmente marcado no tecido, sem que para isso ela precise estar explícita em tons e desenhos. Em parceria com uma startup italiana, a estilista aplicou um sistema que regula a umidade do corpo, e, se for necessário, esquenta a temperatura corporal. Mais uma vez, aqui ela oferece as novas peças essenciais para um mundo colapsado.

Num jogo de assimetria, como se espantasse o olhar dos homens, as saias são plissadas num tecido usado na alfaiataria masculina de forma que os comprimentos se apresentem como curtos, médios e longos a depender do ângulo de visão. É como se Chiuri incorporasse o que a tecnologia têxtil pode servir ao seu discurso.

De volta à caixa branca que, etérea, foi montada pela marca em meio à natureza viva nesta semana de moda, as paredes vermelho sangue foram adornadas por uma instalação da artista italiana Mariella Bettineschi, mais especificamente a série de retratos do trabalho "A Próxima Era".

Modelos desfilam com looks da Dior na Semana de Moda de Paris Stephane de Sakutin/AFP

Nele, obras de nomes importantes da arte barroca, de Caravaggio a Tiziano, foram refeitas pela artista, que tirou as paisagens e aplicou dois olhos, levando ao centro da obra os sentimentos de cada mulher cujo trabalho foi servir de modelo para um homem exprimir seu talento.

O resultado é uma justaposição de ideias como se, atentas à passarela, as mulheres da Renascença, presas a espartilhos, cores e lenços, pudessem se ver vingadas pela estilista.

Chiuri também oferece o básico —nada básico, claro— do prêt-à-porter luxuoso que torna a Dior um ícone da costura.

Plissados, cortes lânguidos, a paleta de cores e o cuidado matemático com que um casacão de náilon é envolto na modelo escancararam as intenções mercadológicas da marca.

Há também opções em jeans, a base mais casual e vinculada às origens do proletariado que divide em dez vezes um pedaço do sonho proposto pela grife, aplicado em calças de cintura alta e conjuntos de duas peças simples.

O tecido serviu para construir um conjunto de casaco, camisa e saia nas cores azul, branco e amarelo. A combinação lembrava a bandeira da Ucrânia, com direito a uma tiara e flores, particular ao figurino tradicional de festa das mulheres daquele país.

A coleção atende a todos os corpos e estilos porque, embora pareçam carregadas, as peças são destacáveis e podem ser combinadas entre si.

É que, no novo mundo em frangalhos, reformulado e pouco afeito ao espírito novidadeiro, cada pedaço desse "novo look" é uma camada a mais nos escudos que protegem a máquina fashion em períodos de crise. Se uma nova virá, é cedo para dizer, mas a Dior já parece querer estar preparada para ela.

# Constelação do pop prestigia coleção derradeira de Virgil Abloh

PARIS Nas últimas horas da noite gélida de segunda-feira, uma constelação de tops, estrelas da música e fãs da moda se reuniu em torno de um lustre forrado por velas para uma espécie de memorial.

A última coleção desenhada pelo estilista Virgil Abloh, morto em novembro, para a sua grife Off-White, cruzou os arcos de mármore do Palais Brongniart como se fossem os últimos suspiros de um designer que se propôs a tirar a rua do gueto para levar o estilo aos salões mais chiques. Conseguiu.

Se foram os tênis pesadões e a estética industrial que o alçaram a ícone da juventude fashionista, suas últimas ideias mostraram como é possível fundir a ideia de simplicidade vinculada ao streetwear com o viés de baile rebuscado.

Em meio aos sintetizadores, às notas de música clássica e ao hip-hop ecoado na sala abarrotada, uma constelação de tops, de Cindy Crawford a Naomi Campbell, transformaram o manifesto do estilista num espetáculo de alta-costura. Ou o que a moda definiu como "street couture".

Tirar os capuzes dos moletons e costurar as peças a vestidos amplos de festa, como o vermelho que encerrou a apresentação, ou fazer da bota de cano médio amarrada com cadarços o novo salto alto não resumem a experiência dessa "nave espacial Terra", como Abloh se referiu ao desfile.

O trunfo do estilista foi atualizar tudo o que se entende como o guarda-roupa da nobreza, com o intuito de tirar a camada de poeira da história.

Nessa reunião, o tapete vermelho foi estendido para fora da passarela, por estrelas como Pharrell Williams, uma das primeiras celebridades a chegar, e Rihanna. Grávida, ela voou de Milão para ver a última apresentação do amigo.

Trajada com casaco felpudo, vestido bege coladíssimo e correntes, a popstar é a personificação do tipo de diva que Abloh acreditava ser a cara da nova geração —arriscada nas escolhas, pouco afeita às reproduções da moda tradicional e com um olhar ácido para o moralismo fashion.

Numa alfinetada à costura francesa, o estilista colou o termo "little black dress" —ou pequeno vestido preto— no look micro desfilado por Kendall Jenner. O jargão é uma brincadeira com o nome de uma criação de Coco Chanel, o "little black jacket". É como se Abloh, americano, mostrasse aos franceses que esse, sim, é o novo comprimento curto.

Essa coleção é toda sobre a revisão de códigos, que, aliás, o próprio estilista gostava de subverter e dividir com o público, como dito por ele no áudio que abriu a apresentação.

Por que uma noiva não pode cortar a saia do vestido-bolo para mostrar as pernas e os tênis, como Bella Hadid? Por que o laço cor-de-rosa gigante da alta-costura desenhada por Balenciaga não poderia adornar um vestido de moletom? Para Abloh, os códigos da moda não são cláusulas pétreas.

O espírito do designer foi traduzido na apresentação, quando um modelo trajado de branco apareceu empunhando uma bandeira, também branca, na qual se lia "questione tudo".

A modelo Naomi Campbell com look da Off-White Julien de Rosa/AFP

Não está claro se a ideia fora concebida por ele ou plantada agora como mensagem subliminar ao humor beligerante que tomou a Europa com a investida militar da Rússia contra a Ucrânia. Serviu, porém, como uma resposta de Abloh ao conformismo da atualidade.

Prova de que esse conceito encontra eco na juventude é o enorme público amealhado pela Off-White. Nos minutos que antecederam a apresentação, quase 12 mil pessoas esperavam a transmissão do desfile, somadas audiências de YouTube, Instagram e TikTok.

As redes foram decisivas para o sucesso da marca, que se valeu de ideias simples, mas de potencial imagético para impulsionar as feras hype, que pagam milhares de dólares por tênis de tiragem limitada.

Os conglomerados New Guards Group e Louis Vuitton Moet-Hennessy, que agora detêm os direitos sobre a marca, pretendem pôr em prática o mapa de ideias deixado por Abloh, cujos mandamentos apontariam os caminhos para o futuro da etiqueta.

Parte desse testamento foi apresentado agora —se funcionará na vitrine é outra história. No entanto, a julgar pela consciência de quem o redigiu, sua validade será proporcional ao esforço da grife em manter o senso de curiosidade e o vervo provocativo vivos para além da reprodução de tendências do passado. **PD**

# Calma no Brasil

Fui ler um comediante pra entender o que estava acontecendo na Ucrânia

**Gregorio Duvivier**
É ator e escritor. Também é um dos criadores do portal de humor Porta dos Fundos

Catarina Bessel

*Não tá fácil pra ninguém. Uma guerra torna todas as piadas bobas, toda informação deprimente, toda poesia ridícula.*

*Cada um reage ao conflito à sua maneira. Por aqui, só penso em comida e em Carnaval. Na última coluna falei de frango Kiev, e passei a semana ouvindo marchinhas dos anos 1940 —descobri dezenas de canções sobre a guerra, como os sucessos "Pro Brasileiro, Alemão é Sopa" e a antifascista "Abaixa o Braço!", de Ataulfo Alves ("Abaixa o braço/Deixa de teima/ Lugar de palhaçada é no cinema!")*

*Um colunista do Estadão compartilhou um vídeo de um tanque invadindo as ruas da Ucrânia e passando por cima de um carro civil. O texto do tuíte dizia: "Imperdíveis os posicionamentos do @gduvivier sobre a invasão russa da Ucrânia. Marchinha de Carnaval, frango à Kiev, ah como é engraçado tudo isso".*

*Sim, ao que parece meus comentários levianos sobre frango e marchinha permitiram que tanques russos avançassem sobre Kiev. Peço perdão à população ucraniana pelo descaso.*

*Gosto muito do poder que ele parece conferir a mim. Mal sabe ele que não mando nem no que a minha filha come! Menos ainda em tanques russos, mesmo que talvez sejam ucranianos. Sim, um jornalista especializado em cobertura de guerra diz que o tanque do vídeo que ele publicou era ucraniano, e ao que parece não se tratava de uma invasão (ainda) mas de um acidente. Pelo menos as marchinhas que posto existem de fato.*

*Ao se deparar com o horror da guerra, há quem fique escandalizado com a cobertura humorística do conflito. "Não dá! Fui ler um comediante pra entender o que estava acontecendo e tudo o que encontrei foram piadas!"*

*Peço perdão por não ter entendido que deveria estar fazendo análises aprofundadas —já que os colunistas de política passaram pro ramo do humor. Não me informaram desse troca-troca.*

*Entendo a confusão do colunista. A guerra deixou nossa direita perdidinha. Difícil condenar Putin na Rússia e apoiar, por aqui, um bufão miliciano alinhado com ele. Ao colunista conservador, sem saber o que lhe é permitido dizer, só resta criticar os humoristas.*

*Por aqui, gostaria de lembrar a todos que continua permitido falar de frango e de marchinha. E não me digam que nós somos teóricos/Pois ao contrário somos muito práticos/ Nós combatemos com os carros alegóricos/ Todo o ano seremos democráticos", já cantava Dircinha Batista, em "Calma no Brasil".*

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | SEG. Bia Braune | TER. Manuela Cantuária | QUA. Gregorio Duvivier | **QUI. Flávia Boggio** | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

# É HOJE EM CASA

**Tony Goes**
tonygoes@uol.com.br

## 'Amor, Sublime Amor' em versão de Spielberg está no sob demanda

**Amor, Sublime Amor**
Disney+, 14 anos
Lançada em 1961, a primeira versão para o cinema deste musical da Broadway ganhou dez prêmios no Oscar e é considerada por muitos como o auge do gênero. Por que, então, Spielberg resolveu refilmar a obra? Uma das razões é ter mais negros e latinos no elenco, já que a trama gira em torno da rivalidade entre uma gangue de rapazes brancos e outra de porto-riquenhos. O remake concorre a sete estatuetas neste Oscar e deve levar ao menos a de atriz coadjuvante, para Ariana DeBose.

**King's Man: A Origem**
Star+, 16 anos
O terceiro longa da franquia conta como surgiu a agência independente de espionagem, no início do século 20, para combater os vilões que pretendiam dominar o mundo. Com Ralph Fiennes, Matthew Goode e Djimon Hounsou.

**Meu Filho**
Amazon Prime Video, 16 anos
O grande diferencial deste filme de suspense é que o ator James McAvoy não recebeu o roteiro. Ele descobre junto com o espectador o que de fato aconteceu com o filho de seu personagem, que desapareceu num acampamento.

**Meninas do Benfica**
Canal Brasil, 20h30, 14 anos
Série brasileira sobre quatro amigas de Fortaleza que vão às ruas durante os protestos de 2013, sem saber que suas vidas mudarão para sempre.

**Giro Econômico**
Cultura, 23h, livre
Estreia do programa sobre economia, apresentado pela jornalista Maria Manso e com comentários do economista e cientista social Ricardo Sennes.

**A Noite dos Palhaços Mudos**
#CulturaEmCasa, 10 anos
Dois palhaços tentam resgatar um colega que foi sequestrado. Domingos Montagner estrela este curta de Juliano Lucas, baseado numa história da cartunista Laerte, da **Folha**.

**A Noite do Jogo**
Globo, 23h05, 14 anos
Numa noite em que amigos se reúnem ao redor de um jogo de tabuleiro, um deles resolve apimentar a partida com um assassinato falso e a chegada de policiais. Comédia inédita na TV aberta, com Jason Bateman e Rachel McAdams.

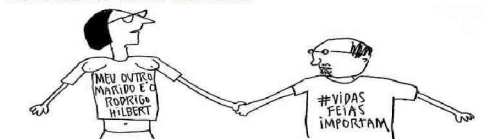
## QUADRINHOS

**Piratas do Tietê** *Laerte*

**Daiquiri** *Caco Galhardo*

**Níquel Náusea** *Fernando Gonsales*

**A Vida Como Ela Yeah** *Adão Iturrusgarai*

**Não Há Nada Acontecendo** *André Dahmer*

**Viver Dói** *Fabiane Langona*

**Péssimas Influências** *Estela May*

## SUDOKU

texto.art.br/fsp

**DIFÍCIL**

| | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | 8 | | | 7 |
| 6 | 8 | | 4 | 3 | | 9 | 1 | |
| | 2 | | | | | | | |
| | | 8 | | | | | | 1 |
| 9 | 6 | | | | | | 5 | 2 |
| 3 | | | | | | 8 | | |
| | | | | | | | 4 | |
| | 9 | 1 | | 5 | 4 | | 6 | 8 |
| 7 | | | 6 | | | | | |

O **Sudoku** é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

| | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 4 | 5 | 9 | 1 | 6 | 8 | 2 | 3 | 7 |
| 6 | 8 | 7 | 4 | 3 | 2 | 9 | 1 | 5 |
| 1 | 2 | 3 | 9 | 7 | 5 | 4 | 8 | 6 |
| 5 | 7 | 8 | 2 | 4 | 3 | 6 | 9 | 1 |
| 9 | 6 | 4 | 8 | 1 | 7 | 3 | 5 | 2 |
| 3 | 1 | 2 | 5 | 9 | 6 | 8 | 7 | 4 |
| 8 | 3 | 6 | 7 | 2 | 1 | 5 | 4 | 9 |
| 2 | 9 | 1 | 3 | 5 | 4 | 7 | 6 | 8 |
| 7 | 4 | 5 | 6 | 8 | 9 | 1 | 2 | 3 |

## CRUZADAS

**HORIZONTAIS**
**1.** Apreender, capturar / A viva é pura e a extinta é misturada com água **2.** (Sigla) Ativo Disponível / Um ingrediente do molho vinagrete **3.** Voltar ao ponto de partida **4.** Como o chão da praia **5.** Muito torto ou enroscado **6.** A delta é usada para o voo livre / Antônimo de nada **7.** Unidade de medida elétrica de símbolo V / (Amaz.) Sereia de rios e lagos **8.** Um significado para o sinal : num emoticon / As letras que separam o K e o O **9.** Dispositivo de câmaras, para enquadrar o objeto que se deseja fotografar / 1/3 de XII **10.** Triste, pesaroso **11.** Trama **12.** Documento de uma reunião, escrito pelo secretário / Daquelas mulheres **13.** No caso de / Que tem pequeninas cavidades (diz-se de corpos sólidos aparentemente contínuos).

**VERTICAIS**
**1.** O vô do bisavô / (Fernão) Liga SP e BH **2.** Orlando Drummond, humorista recentemente falecido / Diz-se de medicamento que faz cessar inflamação, edema etc. **3.** Um sinônimo para varejista **4.** Sinal que se faz com as mãos / Cortar o pelo de animais lanígeros **5.** (Ingl.) Hotel com recreação e divertimento / Que não se abala com facilidade **6.** Um tipo de porcelana / Desempenhar a função de maestro **7.** Gelatinoso / O pai dos pintinhos **8.** Aquele lugar / (Fig.) Descuidar-se, distrair-se / Artigo feminino para mais de uma coisa **9.** O contrário de estreito / Face anterior da moeda ou da medalha.

**HORIZONTAIS: 1.** Tomar, Cal, **2.** AD, Cebola, **3.** Resilir, **4.** Arenoso, **5.** Retorcido, **6.** Asa, Tudo, **7.** Volt, Iara, **8.** Olhos, LMN, **9.** Visor, IV, **10.** Desalegre, **11.** Intriga, **12.** Ata, Delas, **13.** Se, Poroso.
**VERTICAIS: 1.** Tataravô, Dias, **2.** OD, Resolvente, **3.** Retalhista, **4.** Aceno, Tosar, **5.** Resort, Sólido, **6.** Biscui, Reger, **7.** Coloidal, Galo, **8.** Ali, Dormir, As, **9.** Largo, Anverso.

André Stefanini

# No faz-de-conta, Putin é vítima

Se fosse 1939, a esquerda não levaria a sério os argumentos de Hitler

**Marcelo Coelho**
Autor dos romances 'Jantando com Melvin' e 'Noturno', é mestre em sociologia pela USP

Está certo, as coisas em política internacional são em geral mais complicadas do que parecem. Mas o fato é que, de vez em quando, as coisas são simplíssimas também.

Ao invadir a Ucrânia, Vladimir Putin tomou uma atitude que só tem paralelo com as investidas de Hitler contra a Tchecoslováquia e a Polônia.

Surgem explicações e raciocínios para justificar o que Putin fez. Os países do Ocidente "encurralaram" a Rússia. Não respeitaram aquela antiga potência nuclear. Ameaçaram, com o cerco da Otan, a segurança dos russos. Falharam em integrar a Rússia ao sistema globalizado.

Pode ser. A política dos Estados Unidos poderia ter sido diferente.

Mas lembrar esses problemas agora, quando as tropas invadem a Ucrânia, é o mesmo que dizer, em 1939, que a Alemanha estava encurralada. Que Hitler se sentia ameaçado. Que o imperialismo da Inglaterra e da França faltaram com o respeito às legítimas preocupações do partido nazista.

Sem dúvida, Hitler surgiu, em parte, como consequência do duríssimo tratamento que os vitoriosos da Primeira Guerra impuseram à Alemanha com o tratado de Versalhes. Naquela época, 1919, pessoas esclarecidas, como Keynes, alertaram para o perigo que havia em tentar esmagar economicamente a Alemanha.

Observadores críticos e lúcidos sabiam disso. Mas, quando Hitler resolveu começar a guerra, qualquer observador crítico e lúcido também sabia que a questão mudava completamente de figura. E que não fazia sentido criticar a Inglaterra ou a França pelos atos de um ditador, de um louco, de um criminoso.

Parte da esquerda parece ter simpatia por tudo, desde que seja antiamericano. Isso não é progressismo, não é socialismo, não é esquerdismo: é puro antiamericanismo.

*Putin é um autocrata de extrema direita. Promove o assassinato de seus adversários políticos. Defende valores religiosos ultraconservadores, perseguindo homossexuais. Seu conselheiro, Alexander Dugin, inspira Olavo de Carvalho e Steve Bannon. Putin tem o apoio de Bolsonaro e Trump. Dinheiro grosso de seus aliados bilionários ajuda a financiar políticos conservadores na Inglaterra.*

*E eis que parte da esquerda se dispõe a "explicá-lo" e entra na fraseologia do "mas também", do "por outro lado", "não se esqueça que" et cetera.*

*No seu discurso "histórico" pela televisão, Putin declarou que a Ucrânia é uma invenção, não existe como país. Difícil coisa mais imperialista do que isso.*

*E eis que setores de esquerda o tratam como se fosse vítima!*

*É muito engraçado. Há esquerdistas que "entendem" Putin, olhando com simpatia para suas razões, a partir da ótica antiamericana. É a boca torta do cachimbo progressista. Não precisam me dizer o mal que os Estados Unidos fizeram pelo mundo. Mas gostaria que nossos esquerdistas se lembrassem de perguntar o que a esquerda russa acha disso tudo.*

*Manifestantes contra a guerra —e, obviamente, anti-Putin— são presos pelo ditador. Vamos explicar aos dissidentes russos que Putin está reagindo aos sufocantes atos de ameaça da Otan? A qual, até agora, recusou-se a admitir a Ucrânia como um de seus membros.*

*E digamos que aceite. Parte da esquerda adota os argumentos de Putin, dizendo que a Rússia não poderia tolerar uma Ucrânia fazendo parte da aliança militar ocidental.*

*Sim, ele pode não gostar da ideia. Mas, se a Ucrânia quer essa aliança, não é direito dela? Ouvem-se os argumentos de Putin. Por que não ouvir as opiniões do povo ucraniano?*

*Estas têm-se evidenciado, aliás, com total clareza. A resistência deles aos tanques russos só tem comparação, para mim, com o que aconteceu na Guerra Civil Espanhola ou no Vietnã.*

*Contra todos os prognósticos, contra todos os argumentos "de bom senso", contra todos os "veja bem", "não esqueça que", "por outro lado", os ucranianos resistem.*

*Resistem ao odioso ato de força de um ditador de direita.*

*É comum dizer que, em política e na vida real, não cabem maniqueísmos, e que a divisão entre mal e bem está longe de ser clara. Mas, se é para ter um mínimo de critério moral, o parâmetro para minha condenação é o quanto alguém se aproxima de Hitler —o mal absoluto, se for para existir algum.*

*Hitler invade a Polônia, a Tchecoslováquia, a França, o que ele bem entender. E aí aparecem analistas de esquerda para criticar Churchill! "Ele é muito imperialista, não se esqueça disso." Não vou esquecer. Mas estou com Churchill, contra Hitler. E com Biden, contra Putin.*

| SEG. Luiz Felipe Pondé | TER. João Pereira Coutinho | QUA. Marcelo Coelho | QUI. Drauzio Varella, **Fernanda Torres** | SEX. Djamila Ribeiro | SÁB. Mario Sergio Conti



**Cena da releitura de 'Batman' com Robert Pattinson, que não será exibida nos cinemas russos em retaliação aos ataques do presidente Vladimir Putin à Ucrânia** Warner Bros. Pictures/Divulgação

# Rússia enfrenta boicote da indústria cultural

Estúdios vetam estreia de blockbusters no país, que também não terá representantes na Bienal de Veneza e em Cannes

**Pedro Martins**

RIBEIRÃO PRETO Do Festival de Cannes à Bienal de Veneza, a Rússia virou pária da indústria cultural depois que seu presidente, Vladimir Putin, atacou a Ucrânia na semana passada e deu início à mais grave crise militar na Europa desde a Segunda Guerra Mundial.

Disney, Sony e Warner, três dos maiores estúdios de Hollywood, não vão exibir seus lançamentos no país até que Putin anuncie um cessar-fogo. Entre eles, estão a releitura de "Batman" com Robert Pattinson, "Morbius", sobre o vampiro anti-herói da Marvel vivido por Jared Leto, e "Red - Crescer É uma Fera", da Pixar.

O boicote no cinema vai além de Hollywood. Após a Academia de Cinema da Ucrânia ter criado uma petição virtual pedindo retaliação à Rússia, o Festival de Gasgow, que começa nesta quarta-feira no Reino Unido, baniu dois filmes russos —"No Looking Back" e "The Execution".

O Festival de Estocolmo, que ocorre a partir de março, seguiu os mesmos passos e retirou de sua programação todos os filmes com financiamento estatal russo. O Festival de Cannes, por sua vez, não vai aceitar a presença de delegações oficiais da Rússia ou de qualquer pessoa ligada ao governo de Putin no evento, previsto para maio.

A mostra francesa, no entanto, não especificou se o boicote atinge qualquer filme russo. "Saudamos a coragem de todos aqueles que vivem na Rússia e estão correndo risco ao protestar contra a invasão na Ucrânia. Entre eles, há artistas e cineastas que nunca deixaram de lutar contra o regime atual e que não podem ser associados às ações inaceitáveis [de Putin]", disseram os organizadores à imprensa.

O único festival que não acatou o pedido da academia ucraniana foi o de Locarno, programado para agosto na Suíça, com a justificativa de que o boicote fere a liberdade de expressão e do cinema.

Nas artes plásticas, as retaliações já chegaram à Bienal de Veneza. Embora a mostra não tenha proibido a exibição de nenhuma obra, os artistas russos Kirill Savchenkov e Alexandra Sukhareva decidiram retirar seus trabalhos do pavilhão russo, dizendo que "não há espaço para arte enquanto civis estiverem morrendo sob o fogo de mísseis".

Raimundas Malasauskas, curador do pavilhão nacional da Rússia, onde a dupla teria suas obras expostas, também desistiu de sua participação na Bienal de Veneza. Com isso, a área ficará fechada durante o evento, previsto para abril.

A participação da Ucrânia é incerta, já que curadores e artistas ucranianos também se retiraram da mostra e só voltarão atrás se a guerra for encerrada. "Não podemos continuar trabalhando no projeto do pavilhão porque nossas vidas estão em risco", disseram os curadores Maria Lanko, Lizaveta German e Borys Filonenko em nota à imprensa.

Na música, por fim, Valery Gergiev, o maior maestro russo e um dos mais famosos do mundo, próximo de Putin, tem colecionado cancelamentos desde o início da guerra. Ele teve suas apresentações com a Filarmônica de Viena canceladas no Carnegie Hall, uma das mais tradicionais casas de espetáculos de Nova York, assim como no La Escala, em Milão.

Gergiev também foi demitido da Filarmônica de Munique, na Alemanha, onde tinha o cargo de maestro-chefe. O prefeito da cidade alemã, Dieter Reiter, disse que pediu que Gergiev se manifestasse sobre a guerra, mas, devido ao seu silêncio, não havia alternativa senão a demissão.

# Metrô de Kiev é um legado positivo da opressão soviética

Em estações mais antigas, a presença do realismo socialista é mais forte; local virou abrigo contra a guerra



**COTIDIANO**
**OPINIÃO**

**Nabil Bonduki**
Professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, foi relator do Plano Diretor e Secretário de Cultura de São Paulo

Os metrôs de Moscou e São Petersburgo (antiga Leningrado), construídos durante o regime soviético, são bastante conhecidos por sua eficiência, extensão e imponência das estações, consideradas entre as mais belas do mundo.

Mas, até a "blitzkrieg" dos russos contra a Ucrânia na quinta-feira passada, poucos conheciam o metrô de Kiev, o terceiro a ser construído na União Soviética (URSS), assim como a arquitetura, o urbanismo e os mosaicos da capital ucraniana, em vias de ser ocupada pelo Exército russo.

Não é por acaso que algumas das estações de metrô de Kiev estejam servindo de abrigo de civis contra os horrores dos bombardeios e da guerra russa contra a ex-república soviética.

A mais espetacular é Arsenalna, a estação de metrô mais profunda do mundo, situada a 105,5 metros de profundidade. Além de atender, a partir de uma colina, uma linha que cruza pelo subsolo o rio Dnieper, que tem até 400 metros de largura, a estação pode ter sido concebida como refúgio de uma catástrofe nuclear, pois existiam soluções técnicas mais simples.

Embora possam haver razões topográficas e geológicas, a cara alternativa de construir estações profundas parece ter sido uma política deliberada do regime soviético durante a Guerra Fria, temendo um ataque nuclear.

As principais cidades da antiga URSS detêm as estações e as linhas de metrô mais profundas do mundo, equipadas com exaustores e medidores de radiação. Em São Petersburgo, não só por razões geológicas, foi implantada uma linha de metrô muito profunda, onde se situa a estação Admiralteyskaya, a 102 metros abaixo da superfície.

Em Moscou, a estação Park Pobedy está a 84 metros abaixo do nível do solo. Em Pyongyang, capital da Coreia do Norte, país que integrava a área de influência da URSS, a estação de Puhung, entre várias muito profundas, está a mais de cem metros da superfície.

Para se ter uma ideia do que significam essas profundidades, a estação Paulista do metrô de São Paulo, com suas seis intermináveis lanças de escadas, está a 55 metros abaixo do nível do solo, a metade de Arsenalna, que, assim como Admiralteyskaya, tem imensas escadas rolantes.

Embora de discutível valor artístico, as monumentais estações de Kiev merecem ser conhecidas, o que só será possível, presencialmente, em um futuro incerto e se, após a guerra, os ucranianos não eliminarem em definitivo todos os símbolos e referências ao passado soviético, o que vem sendo feito desde o colapso da URSS e que certamente se intensificará se a Ucrânia mantiver sua independência.

A implantação de redes de metrô nas principais cidades da URSS foi uma prioridade do regime comunista que, além de atender uma necessidade urbana essencial e de impacto na qualidade de vida, construiu estações como monumentos de propaganda, com uma arquitetura que lembra um classicismo modernizado, com elementos art déco e uma decoração inspirada no realismo socialista.

Até sua dissolução em 1991, a União Soviética implantou redes de metrô em, pelo menos, 16 cidades. Um sistema de fazer inveja: Moscou tem 327,5 km e 196 estações, e São Petersburgo (uma cidade de 5 milhões de habitantes, 40% de São Paulo) tem 113 km e 67 estações.

O regime soviético construiu redes de metrô em quatro cidades ucranianas. Em Kiev, hoje com 2,9 milhões de habitantes, a rede de metrô tem 52 km de extensão e 50 estações. A recém-ocupada cidade de Carcóvia (Kharkiv), a segunda do país, com 1,4 milhão de habitantes, tem três linhas, com 38 quilômetros e 30 estações.

Kryvyi Rih, centro industrial com 650 mil habitantes, tem uma rede de 18,7 km e 15 estações. Já Dnipro (Dnipropetrovsk), com um milhão de habitantes, tem apenas uma linha, mas 5 de suas 6 estações estão a 70 metros de profundidade, reforçando a percepção de que a implantação do metrô tinha um claro objetivo defensivo.

Assim como em Moscou e Leningrado, o realismo socialista esteve muito presente em Kiev. Fundado sobre uma linguagem visual rígida e limitada, ele abrangia um espectro temático com cenas populares, paisagens rurais e urbanas, de atividades quotidianas do proletariado ou do Exército vermelho e retratos de personagens que o regime buscava exaltar, sempre expressando força física e poder.

O metrô de Kiev, que começou a ser construído em 1949, ainda expressa muito dos tempos soviéticos. Nas estações mais antigas, como Vokzalna ou Universytet, a presença do realismo socialista é mais forte, embora alguns símbolos com a foice e o martelo tenham sido retirados dos mosaicos.

Na estação Shulyavska, o mosaico representa uma fábrica e dois trabalhadores, com um deles segurando um machado, e o outro, um átomo, que simboliza a união entre o trabalho e a ciência. Já as estações construídas na década de 1980, como Minska, quando a crise política e econômica abalava a URSS, são mais simples e com uma linguagem mais moderna, com elementos art déco.

A estação Zoloti Vorota, considerada uma das mais bonitas do mundo, destaca-se. A partir de um saguão central circular, partem corredores com cobertura em abóbada e com passagens em forma de arco, que se assemelha a um palácio, como era comum nas estações soviéticas. Mas a decoração destoa do realismo socialista, pois os mosaicos lembram o estilo bizantino.

**[...]**

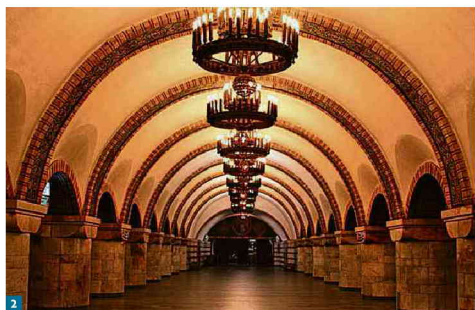
**A implantação de redes de metrô nas principais cidades da URSS foi uma prioridade do regime comunista**

Na paisagem urbana de Kiev se destacam várias fachadas cegas de edifícios decoradas com mosaicos exaltando a revolução, a força e musculatura dos trabalhadores e a crença na ciência, representada pelo átomo. Não deixam de ter interesse artístico, como um mosaico em alto-relevo de 1980, um tanto afastado de uma linguagem de propaganda, que se sobrepõe a um interessante edifício modernista de esquina, ocupado pelo Instituto de Higiene e Ecologia.

A presença de símbolos da URSS em Kiev, quando a arte era instrumento de propaganda de um regime que oprimiu a Ucrânia e que provocou um genocídio como o Holomodor, seria motivo suficiente para muitos quererem destruí-los. Questão que se relaciona com a remoção de monumentos de bandeiristas em São Paulo.

Como os protestos nacionalistas de 2013 e 2014, que derrubaram um governo aliado aos russos, também geraram murais e monumentos exaltando a chamada Revolução Laranja, essa questão poderá se recolocar, no sentido contrário, se um governo pró-Rússia se instaurar como um desdobramento da guerra.

As imensas redes metrô nas cidades soviéticas, embora fossem instrumentos de propaganda do regime e, talvez, pensadas também como refúgios de um ataque nuclear, deixaram um legado relevante que ainda hoje estruturam positivamente a mobilidade urbana nas principais cidades da Ucrânia.

**1** Plataforma de embarque da estação Minsk, do metrô, em Kiev **2** Estação Zoloti Vorota, em Kiev **3** Moisaco na estação Shulyavska, em Kiev  Metrô de Kiev/Divulgação

# Falta de acesso a serviços pode condenar gerações à exclusão

## Estudo destaca piora no alcance devido ao crescimento desordenado de cidades

**MERCADO IMOBILIÁRIO**
**OPINIÃO**

**Claudio Bernardes**
Engenheiro civil e presidente do Conselho Consultivo do Sindicato da Habitação de São Paulo. Presidiu a entidade de 2012 a 2015.

A pandemia exacerbou as desigualdades espaciais existentes nas cidades, e expôs as vulnerabilidades que até então não eram percebidas. Agora, precisamos tratar das repercussões sistêmicas relacionadas à habitação, aos espaços públicos, aos serviços básicos, à mobilidade e à conectividade para compreender melhor seus efeitos sobre a exclusão social e, dessa forma, trabalhar no sentido de tornar as cidades mais igualitárias.

Recente relatório publicado pelo WRI (World Resources Institute) alerta para o chamado "compartilhamento de serviços urbanos" entre aqueles que têm acesso aos serviços e aqueles que não têm. Ele destaca a piora global desse acesso devido ao crescimento desenfreado e mal administrado das cidades. Em alguns centros urbanos, o número de pessoas sem acesso ou com acesso restrito aos serviços públicos cresce para surpreendentes 90% dos residentes.

O relatório sintetiza seis anos de pesquisa por mais de 30 autores e demonstra que, conforme a urbanização vai evoluindo, a renda por si só não é mais suficiente para melhorar a qualidade de vida e tornar uma cidade próspera. O estudo aponta, ainda, que o acesso desigual à infraestrutura e aos serviços essenciais de alta qualidade, confiáveis e acessíveis, está reduzindo a produtividade, causando problemas de saúde, danos ambientais e deixando as pessoas excluídas socialmente por gerações.

A maneira como as pessoas vivenciam a cidade é moldada por sua conexão com serviços e oportunidades, ou seja, pela forma que elas têm acesso à moradia segura e acessível, saneamento adequado, transporte confiável, emprego digno, saúde, educação e outros benefícios vinculados à vida urbana. Os estudos mostram que o acesso desigual à infraestrutura essencial pode impactar muito mais a vida das pessoas em uma perspectiva de subsistência de longo prazo do que as desigualdades de renda.

**[...]**

**Os estudos mostram que o acesso desigual à infraestrutura essencial pode impactar muito mais a vida das pessoas em uma perspectiva de subsistência de longo prazo do que as desigualdades de renda**

De acordo com o relatório, os benefícios de melhorar o acesso aos principais serviços urbanos se combinam e se complementam. Para tanto, os pesquisadores do WRI apresentam sete transformações cruciais e ações prioritárias, que visam mostrar que é possível reimaginar a prestação de serviços urbanos, como incluir os excluídos, e criar condições que permitam uma mudança permanente.

As sete transformações propostas são: priorizar os vulneráveis no projeto e execução da infraestrutura; organizar modelos de prestação de serviço embasados em parcerias com provedores de serviços alternativos; melhorar a qualidade e os sistemas de coleta de dados e informações, por meio do envolvimento da comunidade; reconhecer a importância de apoiar o trabalho urbano informal; aumentar substancialmente, e de forma inovadora, o investimento em infraestrutura, direcionando os recursos para onde é mais necessário; por meio de melhores regulamentações, promover transparência e planejamento espacial integrado na gestão do solo urbano; e transformar positivamente a governança, trabalhando para e com as pessoas, e desenvolver coalizões entre instituições públicas e privadas para galvanizar as ações políticas em torno de uma visão compartilhada que possa alcançar objetivos duradouros.

Certamente, cidades diferentes encontrarão maneiras diversas de implementar as transformações necessárias e mais adequadas ao contexto local. Mas a priorização dessas ações em muito ajudará a preencher a lacuna na oferta de serviços urbanos e levar a uma maior equidade social, com benefícios econômicos e ambientais sentidos por todos e em toda a cidade.

Vista do bairro Jardim São João, em Francisco Morato, na Grande São Paulo; local tem moradias irregulares em áreas de deslizamento durante o período de chuvas Bruno Santos - 24.set.20/Folhapress

# Cadeirantes listam melhores e piores locais de locomoção em SP

**OPINIÃO**

**Mauro Calliari**
É administrador de empresas e doutor em urbanismo. É professor, palestrante e autor do blog Caminhadas Urbanas e do livro Espaço Público e Urbanidade em São Paulo

Como é se locomover em cadeira de rodas em São Paulo? Para entender um pouco quais são esses desafios, conversei com alguns amigos e conhecidos cadeirantes —Tuca Munhoz, Mila Guedes, Sandra Ramalhoso, Eliani Prado e Silvana Cambiaghi. Todos têm atuação profissional, mas também trabalham em prol da pessoa com deficiência. Eles me contaram suas histórias, fizeram propostas e ajudaram a olhar para coisas que parecem invisíveis no dia a dia da cidade.

A primeira conclusão das conversas é que sair de casa demanda muita força de vontade e planejamento. Como qualquer pessoa, eles trabalham, vão ao supermercado, encontram amigos. Mas tudo é mais difícil, do elevador ao ônibus. Para chegar na hora, os cadeirantes são obrigados a sair de casa uma hora mais cedo que os outros.

Os piores lugares são onde o relevo é mais íngreme. Na Vila Madalena, por exemplo, sobram degraus e entradas de garagem —e mesas de bares. Nos bairros de periferia, as calçadas são ainda mais estreitas e as escadarias se multiplicam. Favelas são um desafio ainda mais difícil; há pessoas com deficiência que precisam ser carregadas para sair de casa.

As melhores calçadas estão na Paulista (mas não necessariamente nas suas travessas!), em alguns lugares do Centro ou ao redor de algumas estações, como Pinheiros. São lugares que têm esquinas rebaixadas, sinalização adequada e um pouco mais de espaço.

O transporte é um problema em si. As estações da CPTM são pouco acessíveis. As do Metrô da linha amarela e verde são melhores, mas muitas vezes os elevadores ficam isolados do movimento ou quebram. Aí, a coisa aperta, porque uma cadeira pode pesar mais de 90 kg e vai ser preciso contar com a boa vontade e a força dos braços do pessoal do metrô. E como diz uma das pessoas com quem conversei: "a gente não quer ser carregado, quer só usar o serviço". De ônibus, é preciso esperar que tudo funcione quando o cobrador sair do seu lugar para acionar a alavanca para abrir a rampa ou o elevador. Se dois cadeirantes estão juntos, um deles vai ter que ir no próximo ônibus.

Meus amigos cadeirantes contam coisas boas sobre seus passeios, mas também têm histórias de perrengues. Mila já foi atropelada porque foi obrigada a andar na rua. Eliani foi deixada de ônibus num lugar ermo sem acessibilidade porque o motorista pulou um ponto. Tuca foi ao banheiro acessível em frente ao Pacaembu mas ele estava localizado... num lugar inacessível. Sandra estava num ônibus que pegou fogo e ela teve que ser carregada no braço de outros passageiros, com cadeira e tudo.

Bem, o que fazer para melhorar isso?

### Intensificar o uso dos dados

Os dados do Censo e algumas pesquisas independentes, como o Inquérito de Saúde da Cidade de São Paulo, podem ser mais úteis.

São Paulo tem aproximadamente 680 mil pessoas com alguma deficiência grave, visual, auditiva ou motora. E 1,9% da população, ou quase 220 mil pessoas, têm dificuldade permanente para caminhar e subir escadas. Onde exatamente estão as pessoas que não conseguem sair de casa? Onde alocar os investimentos para suprir a carência de infraestrutura?

### Aplicar a lei e melhorar a fiscalização

Muita coisa melhorou nos últimos anos em relação à acessibilidade. Desde 1996 existe em São Paulo uma Comissão Permanente de Acessibilidade e desde 2005 a Secretaria da Pessoa com Deficiência. A legislação também mudou muito com a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Calçadas melhoraram um pouco e a instalação de rampas nas esquinas é um divisor de águas. As novas ciclovias ajudam em casos excepcionais. Há normas de acessibilidade para o transporte público, para as calçadas e para os imóveis. Se essas leis fossem todas cumpridas, a vida de quem circula em cadeira de rodas já estaria bem melhor.

**[...]**

**Entre a boa vontade da legislação e a realidade das pessoas com deficiência de locomoção, há um degrau a vencer**

### Tratar das calçadas separadamente

As calçadas brasileiras ficaram esquecidas por décadas com a prioridade dada aos carros. Há iniciativas em São Paulo, mas ainda sem a abrangência necessária. Cidades inclusivas no mundo inteiro podem inspirar São Paulo com duas ideias: a primeira é ter um órgão que centralize as ações sobre as calçadas. A segunda é atribuir à Prefeitura a responsabilidade sobre as calçadas. Se o asfalto das ruas é pago pela Prefeitura, por que não o concreto das calçadas?

### O transporte público

A Prefeitura informa que toda a frota já é acessível. Cabe coordenar a integração com o resto da Grande São Paulo e melhorar a conexão do transporte público com os bairros, desde o acesso às estações até o conforto interno nos ônibus e trens, passando pela melhoria de informações sobre horários.

A Prefeitura também tem um serviço interessante chamado Atende, que busca e leva pessoas com deficiência. São 7.000 por mês, o que mostra que elas estão dependendo mesmo do automóvel particular ou táxi (pouquíssimos), do transporte público (a maior parte) enquanto alguns não conseguem nem sair de casa (ninguém sabe quantos são).

### Foco na periferia

A periferia de São Paulo exige tratamento especial. É preciso começar pelos trajetos mais relevantes, a escola, o supermercado, a farmácia, o posto de saúde —e o acesso ao transporte.

Uma cidade melhor para as pessoas com deficiência é uma cidade melhor para todos. Andamos muito na legislação e ações nos últimos anos, mas ainda falta um degrau enorme para ser suplantado na questão das calçadas e do transporte. E degraus são, como sabemos, barreiras imensas à cidadania.

# Saúde mental de estudantes afetou participação no EAD

## Mesmo tendo acesso à internet, alunos aderiram menos às aulas online

**EDUCAÇÃO**

**Luciana Constantino**

AGÊNCIA FAPESP Estudantes que antes da pandemia de Covid-19 já apresentavam problemas de saúde mental aderiram menos às aulas online durante o período de isolamento social, quando os estabelecimentos de educação estavam fechados.

Ou seja, mesmo tendo acesso à internet, esses alunos deixaram de participar do ensino a distância. Por outro lado, entre aqueles que aderiram à modalidade, não houve registro de impacto direto na saúde mental.

Esses são os principais achados de um estudo realizado por pesquisadores brasileiros e que comparou os efeitos de sintomas mentais dos mesmos jovens antes e durante a pandemia.

Entre esses sintomas estão, por exemplo, hiperatividade e problemas de relacionamento com colegas ou de comportamento. O trabalho foi publicado na plataforma PsyArXiv Preprints, da Society for the Improvement of Psychological Science, e aguarda o processo de revisão por pares.

"Como a saúde mental dos estudantes é um fator de impacto na educação, buscamos entender a influência disso nas aulas online. Concluímos que os problemas prévios aumentaram a desigualdade de acesso ao sistema a distância, mas o sistema de aulas online em si não teve impacto nos sintomas", explica a neurocientista Patrícia Pinheiro Bado, do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, ligado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e primeira autora do artigo.

A pesquisa teve apoio da Fapesp e englobou uma amostra de 672 estudantes entre 16 e 24 anos com acesso à internet. Desses, 511 se matricularam nas aulas online e 161 (31,5%) não se inscreveram na educação a distância enquanto as instituições estavam fechadas.

Os alunos foram avaliados antes e durante a pandemia por meio do Questionário de Forças e Dificuldades (SDQ na sigla em inglês). O método rastreia problemas de saúde mental em quatro subescalas: problemas de hiperatividade, emocionais, de conduta e de relacionamento.

A análise dos dados foi realizada com o auxílio de modelos de regressão múltipla e ajustada para não ter influência de eventos escolares negativos anteriores, como suspensões e repetências, número de dias sem aulas presenciais, nível socioeconômico, sexo e idade.

Os cientistas queriam investigar dois pontos principais: se problemas de saúde mental anteriores à pandemia estavam associados ao acesso à aprendizagem online e se aqueles que aderiram ao ensino a distância teriam menos problemas de saúde mental durante o isolamento.

A conclusão foi que apresentar sintoma prévio de transtorno mental aumenta a chance de o jovem não acessar as aulas online. Segundo o artigo, a alta de um ponto na escala SDQ, que varia de 0 a 40, antes da pandemia eleva em 6% a chance de não participação a distância.

Essa comparação entre os dois momentos foi possível porque os participantes fazem parte do Estudo Brasileiro de Coorte de Alto Risco para Transtornos Psiquiátricos na Infância (BHRC), uma grande pesquisa de base comunitária que acompanha 2.511 crianças e jovens desde 2010.

O BHRC, também conhecido como Projeto Conexão – Mentes do Futuro, é considerado um dos principais acompanhamentos sobre riscos de transtornos mentais já realizados na psiquiatria brasileira.

Faz parte do Instituto Nacional de Psiquiatria do Desenvolvimento para Crianças e Adolescentes (INPD), apoiado pela Fapesp e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

O INPD conta com mais de 80 professores e pesquisadores de 22 universidades e tem como coordenador-geral o professor do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FM-USP) Eurípedes Constantino Miguel Filho.

Os pesquisadores não encontraram, durante a avaliação dos resultados, uma associação entre estar em aula online e desenvolver sintomas mentais.

Um ponto que os cientistas chegaram a detectar na análise transversal, mas que foi totalmente explicado pelos registros de sintomas antes da pandemia, foi o fato de estudantes que acessaram aulas a distância terem menos problemas de desatenção/hiperatividade se comparados aos participantes que não acessaram as aulas.

Já a análise por sexo teve impacto na adesão: meninas apresentaram 2,3 vezes mais chance de estarem matriculadas no ensino a distância se comparadas aos meninos.

"Durante a pandemia, os fatores que influenciaram a saúde mental dos alunos foram o fato de já ter problemas prévios, dificuldades financeiras enfrentadas pela família e também o sexo: meninas registraram mais problemas de saúde mental do que meninos", afirma Bado.

Os cientistas destacam, no entanto, que não foi possível comparar a saúde mental dos alunos que estavam no ensino remoto com aqueles em aulas presenciais, uma vez que quase todos os participantes da amostra não podiam comparecer à instituição de educação em decorrência das medidas de isolamento social. Com isso, ainda não foi possível medir o impacto do fechamento das escolas.

Para o pesquisador Maurício Scopel Hoffmann, professor adjunto do Departamento de Neuropsiquiatria da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e coautor do artigo, o trabalho contribui na formulação de projetos que busquem identificar essas crianças e jovens com problemas de saúde mental.

"Esses resultados conversam com nosso estudo anterior, que mostrou o impacto de transtornos externalizantes [como agressividade, déficit de atenção e hiperatividade] na evolução escolar das crianças, especialmente meninas. Detectar antecipadamente esses alunos em risco pode permitir contornar essa situação de desigualdade educacional", completa Hoffmann.

Em outro artigo publicado no fim do ano passado na revista Epidemiology and Psychiatric Sciences, o grupo de cientistas já havia mostrado o impacto negativo de transtornos mentais na educação.

A estimativa é que entre 5% e 10% das repetências e distorções idade-série (indivíduos fora da série adequada para a idade) não ocorreriam se os problemas de saúde mental fossem tratados.

O pesquisador reforça que detectar os jovens com risco de abandono dos estudos e priorizar políticas públicas com tratamentos adequados poderia até mesmo engajá-los no ensino a distância. "A pior situação é deixá-los fora do sistema educacional. Podem não voltar a estudar e, no futuro, ficarem em subempregos, com renda baixa, perpetuando a desigualdade."

No Brasil, cerca de 244 mil crianças e adolescentes entre 6 e 14 anos estavam fora da escola no segundo trimestre de 2021, um aumento de 171% em comparação a 2019.

Relatório da organização Todos Pela Educação, usando dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), apontou também uma queda no percentual de pessoas da mesma faixa etária matriculadas no ensino fundamental ou médio. Enquanto 99% estavam matriculados em 2019, em 2021 o número caiu para 96%, menor índice desde 2012.

"Cada vez mais vemos que a saúde mental é um fator muito importante para ingresso e permanência dos alunos em instituições de ensino. Por isso, as políticas educacionais não podem ser pensadas de forma isolada de outros fatores, mas em um conjunto com questões de saúde", diz Bado.

Segundo a pesquisadora, um próximo passo será analisar o impacto de aprendizado dos jovens que participaram das aulas online.

Outro levantamento, divulgado pela organização Todos pela Educação em fevereiro, apontou que quase 41% das crianças brasileiras entre 6 e 7 anos não sabiam ler ou escrever no ano passado.

Em dois anos, o número saltou de 1,429 milhão (o equivalente a 25% das crianças na faixa etária), em 2019, para 2,367 milhões (40,8%) em 2021.

> "Cada vez mais vemos que a saúde mental é um fator muito importante para ingresso e permanência dos alunos em instituições de ensino
>
> **Patrícia Pinheiro Bado**
> neurocientista



Menina de 5 anos, aluna de escola municipal de São Paulo, tenta escrever o próprio nome Marlene Bergamo - 13.dez.20/Folhapress

Cenas da primeira temporada da série 'A Idade Dourada', da HBO Divulgação

# Veja o que é fato e o que é ficção em 'A Idade Dourada'

Dramas ficcionais se misturam a fatos da história vivida na cidade de Nova York

F5

Sarah Lyall

THE NEW YORK TIMES ATENÇÃO: Esse texto tem spoilers da série "A Idade Dourada"

Uma cena do episódio da última semana de "A Idade Dourada", o suculento drama de época de Julian Fellowes na HBO, nos leva ao Central Park de Nova York no final do século 19. Marian Brook (Louisa Jacobson), jovem, rebelde e recentemente chegada da obscura Pensilvânia, está andando de carruagem com suas duas aristocráticas tias quando a conversa passa a girar em torno de Caroline Astor, a temida decana da alta sociedade nova-iorquina.

"Vocês gostam da senhora Astor?", pergunta Marian. "Isso é como perguntar se alguém gosta de chuva", responde sua tia Agnes (Christine Baranski, em um papel altamente esnobe). "Ela é um fato da vida com o qual precisamos conviver".

O diálogo é uma das muitas referências à história de Nova York que aparecem em "A Idade Dourada". A série se passa em um período de mudanças dramáticas e acompanha um momento em que o centro de gravidade da cidade se transferiu para a parte norte de Manhattan; as regras da sociedade foram reescritas na mesma velocidade com que novas mansões, inspiradas pelo estilo europeu, eram construídas ao longo da Quinta Avenida; e em que famílias antigas, como os Astor e os Schermerhorn, passaram a enfrentar desafios sociais e financeiros da parte de arrivistas com sobrenomes como Vanderbilt, Gould e Rockefeller.

O nome pela qual a era é conhecida, que vem de "The Gilded Age", livro de Mark Twain e Charles Dudley Warner, deixa claro que o brilho era só superficial. "Dourado ["gilded"] quer dizer recoberto de ouro, não feito de ouro", disse Erica Armstrong Dunbar, professora de história na Universidade Rutgers e principal consultora histórica de "A Idade Dourada", bem como produtora executiva da série. "Era uma época em que a desigualdade econômica, segregação racial, violência e nativismo viviam lado a lado com o luxo e a opulência".

O historiador social Carl Raymond, cujo podcast, "The Gilded Gentleman", se concentra naquela era, disse que as mudanças culturas foram propelidas principalmente pelas "grandes mudanças na infraestrutura comercial, em um momento no qual quantias insanas de dinheiro estavam entrando e a velha Nova York estava sendo desafiada pela nova".

"Foi o momento em que a nova sociedade foi criada e todos estavam em busca de poder", ele disse. A série da HBO fala principalmente da Idade Dourada de nossa imaginação, repleta de famílias milionárias, mobília suntuosa, diversões dispendiosas regras sociais severas, fortunas imensas e ambições desmesuradas.

Tendo chegado mais ou menos à metade de sua primeira temporada, que termina em 21 de março, "A Idade Dourada" até agora combinou melodrama fictício com algumas referências históricas reais, entre as quais a importância da imprensa negra, o influxo dos magnatas das ferrovias — estratosfericamente ricos— para a cidade, e uma disputa fervilhante na alta sociedade quanto à rejeição do teatro de ópera, um dos pilares da elite nova-iorquina, aos recém-chegados.

Os eventos transcorrem entre alguns personagens completamente fictícios e outros claramente inspirados por pessoas reais —a ambiciosa Bertha Russell (Carrie Coon), por exemplo, canaliza Alva Vanderbilt, uma figura histórica conhecida por nunca perder de vista os seus objetivos.

Entre as figuras histórias estão Caroline Astor (Donna Murphy), a rainha da sociedade na Idade Dourada; Ward McAllister (Nathan Lane), o esnobe árbitro social da elite; Clara Barton (Linda Emond), fundadora da Cruz Vermelha dos Estados Unidos; e T. Thomas Fortune (Sullivan Jones), escritor, orador, líder dos diretos civis e editor de jornais negro.

Distinguir o real do fictício é parte da diversão de assistir a "A Idade Dourada", que recentemente teve anunciada da sua extensão por uma segunda temporada. Para ajudá-lo nesse exercício, abaixo algumas referências sobre os elementos que dão forma ao mundo da série.

*

### Uptown X Downtown

No primeiro episódio, o chefe de cozinha que trabalha para a avidamente ambiciosa família Russell, os novos ricos da série, menciona em tom de aprovação a mudança da família para a elegante Rua 61, cerca de 30 quarteirões ao norte de sua casa anterior. "A Rua 30 saiu de moda", ele declara.

De fato, os anos iniciais da história da classe alta de Manhattan são uma história de migração rumo ao norte, de Bowling Green para Washington Square, e depois para Murray Hill e as ruas 50 a 59, para por fim subir ainda mais pela Quinta Avenida nos anos 1880.

"De repente, pessoas que você sempre tinha achado serem inferiores a você, pessoas com as quais você não desejava se associar, estão morando no seu quarteirão", disse Esther Crain, autora de "The Gilded Age in New York" e fundadora do site Ephemeral New York, que explora aspectos interessantes da cidade.

Ela descreve o período como uma era na qual corrupção, exploração e propinas eram onipresentes, mas no qual a cultura, o estilo de vida e as instituições da cidade começaram a ganhar forma, cimentando a sensação dos nova-iorquinos de que sua cidade era o centro de todas as coisas.

"Nova York era o microcosmo daquela era –a capital financeira do país, a base industrial para muitas e muitas grandes empresas", ela disse. "Tinha a cultura, o capital, o teatro, o comércio e a moda, e todo mundo que desejava ser alguém sentia a necessidade de viver aqui".

### A ópera

Em "A Era da Inocência", livro em que Edith Wharton disseca elegantemente a Nova York da Idade Dourada, o primeiro capítulo mostra os personagens principais a caminho de assistir a uma apresentação de "Fausto" na Academy of Music, uma casa de ópera amada pela velha guarda nova-iorquina. "Os conservadores a apreciavam por ser pequena e inconveniente, e por isso manter afastadas as 'pessoas novas' que Nova York começava a temer mas pelas quais a cidade ao mesmo tempo se sentia atraída", escreve Wharton.

De fato, ainda que Bertha Russell, a mais rica e a mais ousada das arrivistas de "A Idade Dourada", vá à ópera como convidada, ela descobre para seu profundo desgosto que todo seu dinheiro não basta para comprar um dos cobiçados camarotes do teatro. A Academy tinha menos de duas dúzias de camarotes, todos controlados por famílias importantes da cidade e legados a seus herdeiros.

"Ir à ópera naquela época era um campo de batalha social", disse Raymond. "O lugar em que você se sentava, as roupas que estivesse usando e –acima de tudo– quem o visse ao fazer tudo isso: todas essas coisas eram importantes demais". O layout do teatro favorecia o exibicionismo social, com "os camarotes de um lado do palco oferecendo vista para os camarotes do outro lado".

> Era uma época em que a desigualdade econômica, segregação racial, violência e nativismo viviam lado a lado com o luxo e a opulência
>
> **Erica Armstrong Dunbar**
> professora de história na Universidade Rutgers

Em Nova York, as pessoas ricas que se irritavam por se verem excluídas de alguma coisa tendiam a reagir criando novas alternativas, mais luxuosas. Nesse caso específico, um grupo dos novos ricos excluídos se uniu, arrecadou dinheiro e construiu um teatro melhor. (Um personagem de "A Idade Dourada" os descreve como "J.P. Morgan, os Rockefeller, os Vanderbilt –todos os oportunistas de Nova York". O resultado, a primeira versão da Metropolitan Opera House, foi inaugurado em 1883, na Broadway com rua 39. (Incapaz de concorrer, a Academy tentou se reinventar como um teatro de vaudeville, mas fechou alguns anos mais tarde.)

Dunbar disse que a facilidade que os ricos tinham de comprar lugar na sociedade durante o período refletia e reforçava um dos mitos fundadores dos Estados Unidos: o de que o país era um lugar no qual tudo era possível, desde que a pessoa se dispusesse a trabalhar e conseguisse ganhar dinheiro.

"Pode parecer que estamos falando apenas de um caso de dinheiro velho brigando contra dinheiro novo, e isso pouco importa", disse Dunbar. "Mas o caso ilustra uma mudança da guarda e das tradições, e a maneira pela qual este país sempre lidou com mudanças".

### Sociedade europeia

Os Estados Unidos ainda eram um país jovem durante a Idade Dourada, com pouco mais de 100 anos de idade, criados por uma revolução cuja motivação envolvia repudiar os modos do passado. Mas apesar de tudo, os endinheirados de Manhattan continuam determinados a emular os costumes europeus.

Em "A Idade Dourada", Bertha Russell reflete as preferências da era ao se vangloriar de que seu novo chefe de cozinha é francês. Sua nova e extravagante casa foi projetada a fim de emular as grandiosas mansões europeias, exatamente como aconteceu no caso das mansões dos novos ricos reais de Nova York naquela era. (Os interiores também costumavam estar repletos de materiais adquiridos em castelos na Europa e importados a altíssimo custo.) O novo teatro de ópera se inspirou em suas contrapartes europeias. Os costumes sociais –os elaborados códigos de vestimenta, maneiras e decoro, ditando quem podia ser apresentado a quem– também eram muito europeus, talvez como reação ao nervosismo das classes altas diante da empolgante mas ameaçadora ideia americana de mobilidade social.

"O modelo de Caroline Astor era a Europa; ela queria criar uma corte europeia nos Estados Unidos", disse Raymond. "Uma das ironias mais engraçadas da Idade Dourada é que temos uma sociedade que tenta desesperadamente emular as cortes europeias e a aristocracia britânica".

### Sra. Astor X sra. Vanderbilt

Por muitos anos, Caroline Schermerhorn Astor foi a soberana da sociedade de Nova York e o epítome da velha guarda de Manhattan. Com a ajuda de seu amigo Ward McAllister, ela decretava quem era e quem não era digno de admissão. Diz-se que as festas dela estavam limitadas a um máximo de 400 convidados, de apenas 25 famílias tradicionais.

Mas ela encontrou alguém capaz de derrotá-la: a riquíssima Alva Vanderbilt chegou a Nova York e em 1882 se instalou na mais exagerada das novas mansões que a cidade já tinha visto, na esquina da rua 52 com a Quinta Avenida.

Projetada pelo renomado arquiteto Richard Morris Hunt sob orientação rigorosa de Vanderbilt e conhecida como "Petit Chateau", a casa era enorme, feita de pedra calcária e em um estilo que combinava o gótico à renascença francesa.

A casa na verdade parecia mesmo um castelo, na medida em que é possível ter um castelo no meio de uma cidade americana. Astor, por sua vez, tinha duas casas, uma na região das ruas 30 a 39, cada vez menos na moda, e outra na região das ruas 50 a 59. Mas nenhuma delas era comparável à mansão Vanderbilt.

Em 1883, Vanderbilt organizou um suntuoso baile de máscaras para mais de mil convidados. Todos queriam ser convidados, Mas Astor e sua filha Carrie (que supostamente estava desesperada por um convite) ficaram fora da lista. Reza a história que, depois que Vanderbilt disse a McAllister que jamais tinha sido apresentada a Astor, a rival imediatamente a visitou –e logo recebeu um convite para a festa.

Infelizmente, como no caso de todas as demais mansões da Idade Dourada, a manutenção do Petit Chateau dos Vanderbilt um dia se tornou cara demais para a família. Em 1926, os herdeiros venderam a casa a incorporadores de imóveis por US$ 3,75 milhões, e ela foi demolida. Hoje existe um edifício de escritórios no local.

Traduzido originalmente do inglês por Paulo Migliacci.